

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (PGLETRAS)**

**ALDEIDE COSTA DOS SANTOS SOUSA**

**A experiência ativa dos clubes de leitura na formação dos leitores: o caso do  
Clube de Leitura Fronteira do Saber, em Nova Olinda, no Ceará e o do Clube do  
Livro, em Floriano, no Piauí**

**SÃO LUÍS - MA  
2026**

**ALDEIDE COSTA DOS SANTOS SOUSA**

**A experiência ativa dos clubes de leitura na formação dos leitores: o caso do Clube de Leitura Fronteira do Saber, em Nova Olinda, no Ceará e o do Clube do Livro, em Floriano, no Piauí**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão, UFMA – Centro de Ciências Humanas CCH, como requisito obrigatório para o título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Estudos teóricos e críticos em Literatura

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra Márcia Manir Miguel Feitosa

**SÃO LUÍS - MA  
2026**

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Sousa, Aldeide Costa dos Santos.

A experiência ativa dos clubes de leitura na formação dos leitores : o caso do Clube de Leitura Fronteira do Saber, em Nova Olinda, no Ceará e o do Clube do Livro, em Floriano, no Piauí / Aldeide Costa dos Santos Sousa. - 2026.

176 f.

Orientador(a): Márcia Manir Miguel Feitosa.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Ma, 2026.

1. Clubes de Leitura. 2. Clubes do Livro. 3. Formação de Leitores. 4. Clube de Leitura Fronteira do Saber. 5. Clube do Livro de Floriano. I. Feitosa, Márcia Manir Miguel. II. Título.

**ALDEIDE COSTA DOS SANTOS SOUSA**

**A experiência ativa dos clubes de leitura na formação dos leitores: o caso do Clube de Leitura Fronteira do Saber, em Nova Olinda, no Ceará e o do Clube do Livro, em Floriano, no Piauí**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão, UFMA – Centro de Ciências Humanas CCH, como requisito obrigatório para o título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Estudos teóricos e críticos em Literatura

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra Márcia Manir Miguel Feitosa

Aprovada em: 10 de março de 2026.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra Márcia Manir Miguel Feitosa (Orientadora)  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA) - PGLetras

---

Prof. Dr. Luizir de Oliveira  
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra Aldenora Márcia Chaves Pinheiro-Carvalho  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA) - PGLetras

## AGRADECIMENTOS

Quero, primeiramente, agradecer a Deus por ter me dado coragem e fé para enfrentar um mestrado em outro estado. Passar dois semestres fora de casa não foi fácil, mas cheguei ao fim, missão cumprida. Agradeço à minha família: à minha mãe, Reinalda, e ao meu pai, Alberto, que, embora distantes, eu sabia que torciam por mim. Às minhas irmãs e aos meus irmãos, cada um à sua maneira, mas sempre presentes em pensamento e na torcida.

Um agradecimento especial às pessoas com quem convivo diariamente, que testemunharam minhas viagens quinzenais e, por vezes, semanais para São Luís (MA). Viram-me ao amanhecer, ao entardecer e ao anoitecer, eu lá na minha rotina intensa, de segunda a domingo, sem hora, e respeitaram meu silêncio dedicado aos estudos.

Ao meu esposo, Sérgio, minha profunda gratidão. Sempre solícito, levava-me ao ponto de ônibus de ida e volta a 50 km de casa, para que eu pudesse ir para São Luís e estava me esperando quando o ônibus de São Luís chegava e, por incrível que pareça, nunca se atrasava. Além disso, trabalhava todos os dias, cuidava da casa e dos nossos filhos, sendo um verdadeiro parceiro nessa caminhada.

Aos meus filhos, Guilherme e Vitor, agradeço por compreenderem que todo esse esforço tinha como objetivo tornar-me uma profissional e uma pessoa melhor. Peço até desculpas pela possível “negligência” como mãe nesse período, mas ele passou e aqui estamos, firmes e fortes.

Minha gratidão especial à minha orientadora, professora Dra. Márcia Manir, por sua dedicação e comprometimento ao apontar caminhos, sugerir alterações e valorizar minha escrita. A senhora foi fundamental para que eu chegasse ao fim dessa jornada.

Agradeço às minhas colegas de trabalho pelas palavras de incentivo: “vai dar certo”, “você vai tirar de letra”, “você vai conseguir”, “amiga, isso passa”, bem como a Luciana e Mariana, com quem dividi apartamento em São Luís durante o período dos créditos. Estendo ainda minha gratidão à professora Valdênia Belizário, ao professor Antônio Cordeiro Feitosa, ambos do CLeFS, e à minha colega de profissão e coordenadora do Clube do Livro do IFPI de Floriano, Aurilene Araújo, cujas contribuições foram essenciais para este trabalho.

Gratidão! Eu consegui, ou melhor, nós conseguimos. Esta conquista é a prova de que alguém que um dia foi empregada doméstica, sem qualquer desmerecimento à profissão, pode tornar-se Mestre e, quem sabe, um dia, Doutora.

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver.

Tzvetan Todorov

## RESUMO

Esta pesquisa analisa o desenvolvimento da formação de leitores em dois clubes de leitura localizados no interior do Nordeste brasileiro, mais especificamente, no Ceará e no Piauí: o Clube de Leitura Fronteira do Saber, em Nova Olinda (CE); e o Clube do Livro do IFPI, em Floriano (PI). O estudo examina as práticas desenvolvidas nesses dois clubes, que atuam no fomento à leitura e desenvolvimento da formação de leitores para além da educação formal. A pesquisa apresenta contribuições teóricas ao ampliar a literatura sobre a temática, e contribuições práticas, ao disponibilizar análise de metodologias e experiências de clubes de leitura inseridos em contextos sociais específicos, que podem servir de referência para profissionais interessados em iniciativas semelhantes. A fundamentação teórica apoia-se em autores que discutem leitura compartilhada, clubes ou círculos de leitura, concepções de leitura e formação de leitores literários, tais como: Cosson (2020, 2021a, 2021b, 2021c), Petit (2009, 2010), Maria (2016), Kleiman (2002), Todorov (2023), Reyes (2012), Yunes ([2010?], 2014), Lajolo e Zilberman (2019), Leffa (1996, 1999), Colomer (2007), Garcia (2003), Ceccantini (2009). Metodologicamente, adotou-se uma abordagem quanti-qualitativa, com delineamento de estudo de casos múltiplos Yin (2015), utilizando-se questionários, entrevistas e análise documental. As análises foram conduzidas por meio de estatística descritiva (Gil, 2019) e análise de conteúdo (Bardin, 2016). Os resultados indicam que, no Clube de Leitura Fronteira do Saber, as atividades do Clube do Livro e das Rodas de Leitura configuram-se como práticas centrais para o desenvolvimento dos participantes enquanto leitores. Já no Clube do Livro do IFPI de Floriano, os dados revelam que a iniciativa constitui uma experiência acolhedora e prazerosa, caracterizando-se como um espaço de fruição da leitura, e não de obrigatoriedade, no qual as participantes podem expressar-se de maneira autêntica sobre as leituras e a construção de sentidos.

**Palavras-chave:** Clubes de leitura; Clubes do livro; formação de leitores; Clube de Leitura Fronteira do Saber; Clube do Livro do IFPI de Floriano.

## ABSTRACT

This research analyzes the development of reader training in two reading clubs located in the interior of Northeast Brazil, specifically in Ceará and Piauí: the Clube de Leitura Fronteira do Saber, in Nova Olinda (CE); and the Clube do Livro do IFPI, in Floriano (PI). The study examines the practices developed in these two clubs, which promote reading and the development of reader training beyond formal education. The research presents theoretical contributions by expanding the literature on the subject, and practical contributions by providing an analysis of methodologies and experiences of reading clubs embedded in specific social contexts, which can serve as a reference for professionals interested in similar initiatives. The theoretical framework is based on authors who discuss shared reading, reading clubs or circles, conceptions of reading, and the formation of literary readers, such as: Cosson (2020, 2021a, 2021b, 2021c), Petit (2009, 2010), Maria (2016), Kleiman (2002), Todorov (2023), Reyes (2012), Yunes ([2010?], 2014), Lajolo and Zilberman (2019), Leffa (1996, 1999), Colomer (2007), Garcia (2003), Ceccantini (2009). Methodologically, a quantitative-qualitative approach was adopted, with a multiple case study design (Yin, 2015), using questionnaires, interviews, and document analysis. The analyses were conducted using descriptive statistics (Gil, 2019) and content analysis (Bardin, 2016). The results indicate that, in the Fronteira do Saber Reading Club, the activities of the Book Club and Reading Circles are central practices for the development of participants as readers. In the IFPI Floriano Book Club, the data reveal that the initiative constitutes a welcoming and enjoyable experience, characterized as a space for the enjoyment of reading, and not for obligation, in which participants can express themselves authentically about their readings and the construction of meaning.

**Keywords:** Reading clubs; Book clubs; reader development; Fronteira do Saber Reading Club; IFPI Floriano Book Club.

## **LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS**

CLeFS	Clube de Leitura Fronteira do Saber
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IFPI	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí
UFMA	Universidade Federal do Maranhão

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Perfil dos participantes do CLeFS .....	72
Gráfico 2 - Escolaridade dos participantes do CLeFS .....	73
Gráfico 3 - Atividades dos participantes do CLeFS nas horas vagas.....	74
Gráfico 4 - Perfil dos participantes do Clube do Livro do IFPI de Floriano.....	125
Gráfico 5 - Escolaridade das participantes do Clube do Livro do IFPI Floriano.....	125
Gráfico 6 - Atividades das participantes do Clube do Livro do IFPI de Floriano nas horas vagas.....	127

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização do povoado Sítio Barreiros, em Nova Olinda, CE.....	60
Figura 2 - Início do CLeFS com o varal de livro.....	61
Figura 3 - Clubistas do CLeFS, coordenadora, pesquisadora e sua orientadora.....	62
Figura 4 - Biblioteca Clube de Leitura Fronteira do Saber (CLeFS).....	64
Figura 5 - Palestra sobre Mudanças Climáticas.....	66
Figura 6 - Encontro da pesquisadora e orientadora com os clubistas do CLeFS.....	72
Figura 7 - Encontro da pesquisadora e orientadora com os clubistas do CLeFS.....	74
Figura 8 - Reunião do Clube do Livro do CLeFS.....	100
Figura 9 - Roda de Leitura com o livro Com quem será que eu me pareço?.....	113
Figura 10 - Roda de leitura com o conto A formiga e a neve.....	114
Figura 11 - Localização geográfica de Floriano, Piauí.....	117
Figura 12 - Casa da Leitura – IFPI Campus Floriano.....	119
Figura 13 - Divulgação das inscrições do Clube do Livro do IFPI de Floriano.....	121
Figura 14 - Divulgação da 8ª edição do Clube do Livro do IFPI de Floriano.....	122
Figura 15 - Último encontro da 8ª edição do Clube do Livro do IFPI de Floriano.....	126

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Você se considera um(a) leitor(a)? Justifique sua resposta.....	76
Quadro 2 - Se você se considera um(a) leitor(a), qual é o seu gênero literário preferido? .	77
Quadro 3 - Do que você mais gosta ao participar do CLeFS? .....	78
Quadro 4 - O CLeFS, de alguma forma, influenciou a escolha de suas leituras pessoais? .	79
Quadro 5 - Você conseguiria listar algumas obras e/ou textos lidos no CLeFS?.....	81
Quadro 6 - Quais práticas do CLeFS você considera mais eficazes para o seu desenvolvimento como leitor(a)? .....	84
Quadro 7 - De que forma o CLeFS tem contribuído para aumentar seu interesse por leituras? .....	86
Quadro 8 - Qual foi a principal vantagem que você encontrou ao participar das atividades do CLeFS? .....	88
Quadro 9 - Qual a principal desvantagem nas práticas desenvolvidas ao participar do CLeFS? .....	90
Quadro 10 - Você encontrou algum desafio nas práticas de leitura do CLeFS?.....	91
Quadro 11 - Quais aspectos poderiam ser melhorados nas práticas de leitura desenvolvidas pelo CLeFS? .....	92
Quadro 12 - Roteiro das entrevistas com participantes do CLeFS.....	95
Quadro 13 - O que o Clube de leitura Fronteira do Saber (CLeFS) representa para você? .	97
Quadro 14 - Quais vantagens o Clube do Livro oferece para a formação de leitores? .....	101
Quadro 15 - Percepção da interação entre os participantes durante os encontros do Clube do Livro? .....	104
Quadro 16 - Você já enfrentou dificuldades ou desvantagens ao participar do Clube do Livro? .....	107
Quadro 17 - Como você acha que poderiam ser melhoradas as atividades do Clube do Livro? .....	109
Quadro 18 - Percepção de mudança na forma de interpretar textos após participar do Clube do Livro .....	110
Quadro 19 - Vantagens que as Rodas de Leitura do CLeFS oferecem para a formação de leitores .....	114
Quadro 20 - Percepção de mudança na forma de interpretar textos após participar das Rodas de Leitura.....	116

Quadro 21 - Você se considera leitora?.....	128
Quadro 22 - Se você se considera uma leitora, qual é o seu gênero literário preferido?... 130	
Quadro 23 - O que você mais gosta ao participar do Clube do Livro? .....	131
Quadro 24 - Você conseguiria listar algumas obras e/ou textos lidos no Clube do Livro? .....	135
Quadro 25 - O Clube do Livro, de alguma forma, influenciou a escolha de suas leituras pessoais?.....	138
Quadro 26 - Práticas do Clube do Livro mais eficazes para o desenvolvimento como leitora .....	141
Quadro 27 - De que forma o Clube do Livro tem contribuído para aumentar seu interesse por leituras?.....	142
Quadro 28 - Qual foi a principal vantagem que você encontrou ao participar das atividades do Clube do Livro?.....	145
Quadro 29 - Qual a principal desvantagem nas práticas desenvolvidas ao participar do Clube do Livro do IFPI de Florianó? .....	147
Quadro 30 - Você encontrou algum desafio nas práticas de leitura do Clube do Livro do IFPI de Florianó?.....	149
Quadro 31 - Quais aspectos poderiam ser melhorados nas práticas de leitura desenvolvidas pelo Clube do Livro do IFPI de Florianó?.....	150
Quadro 32 - As práticas desenvolvidas no Clube do Livro do IFPI de Florianó influenciam a formação de novos leitores? .....	152

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2 PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES</b> .....	20
2.1 Concepções de leitura .....	30
2.2 Como desenvolver o gosto pela leitura literária .....	39
2.3 Clubes de leitura: breves considerações .....	46
<b>3 PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	52
3.1 Percurso metodológico do Clube de Leitura Fronteira do Saber .....	55
3.2 Percurso metodológico do Clube do Livro do IFPI de Floriano .....	57
<b>4 CLUBE DE LEITURA FRONTEIRA DO SABER, EM NOVA OLINDA</b> .....	59
4.1 A biblioteca comunitária e o incentivo à pesquisa .....	63
4.2 Clube de Leitura Fronteira do Saber: análise do questionário .....	71
4.2.1 Perfil dos clubistas e materiais de leitura .....	72
4.2.2 Percepção das vantagens .....	84
4.2.3 Percepção das desvantagens .....	89
4.3 Clube de Leitura Fronteira do Saber: análise das entrevistas .....	93
4.3.1 Representação do CLeFS na comunidade Sítio Barreiros .....	96
4.3.2 O Clube do Livro .....	100
4.3.3 As Rodas de Leitura .....	112
<b>5 CLUBE DO LIVRO DO IFPI DE FLORIANO, PIAUÍ</b> .....	117
5.1 Clube do Livro do IFPI de Floriano: contextualização .....	120
5.2 Clube do Livro do IFPI de Floriano: perfil das participantes e materiais de leitura .....	125
5.3 Clube do Livro do IFPI de Floriano: percepção das vantagens .....	140
5.4 Clube do Livro do IFPI de Floriano: percepção das desvantagens .....	147
<b>6 PRÁTICAS DE LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR: APROXIMAÇÕES ENTRE O CLUBE DE LEITURA FRONTEIRA DO SABER E O CLUBE DO LIVRO DO IFPI DE FLORIANO</b> .....	154
6.1 A biblioteca do CLeFS e o Clube do Livro do IFPI de Floriano como “espaços” de formação leitora .....	156
6.2 Limitações e desafios da biblioteca do CLeFS e do Clube do Livro do IFPI de Floriano .....	159
6.3 Clube do Livro e Rodas de Leitura do CLeFS: retomada de aspectos principais .....	162
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	165
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	171

## 1 INTRODUÇÃO

Foi em meados de 2020, durante a pandemia, que eu, como pesquisadora tive contato com um clube de leitura. Com as escolas orientadas a interromper suas atividades por medidas de segurança, o medo, a incerteza e o isolamento afetaram o psicológico de alunos e servidores. Era necessário preencher esse vazio que se abriu de forma abrupta, e assim surgiram e se proliferaram diversos projetos mediados pela internet e redes sociais: lives, reuniões, aulas, palestras, eventos e, é claro, os clubes de leitura. Esses últimos se multiplicaram e passaram a ser conhecidos de todos.

Na verdade, já faz quase um século que se pode mencionar o surgimento dos primeiros clubes de leitura no Brasil. Ainda na primeira metade do século XX, já se mencionava a criação dessas instituições no país. Segundo Alberto (1932), em 1932, foram idealizados os primeiros clubes de leitura voltados para os benefícios das crianças do Rio de Janeiro. De acordo com Armanda Álvaro Alberto, em uma publicação no jornal *O Estado*, relatava-se uma união de esforços na criação de cinco bibliotecas equipadas materialmente e com o preparo técnico da professora-bibliotecária. Os idealizadores almejavam pela implementação de "alguma coisa inteiramente nova", algo que tivesse efeitos educativos, além de oferecer às crianças salas equipadas com coleções de livros. Entre os objetivos propostos, destacavam-se os clubes de leitura em benefício de uma melhor instrução educacional das crianças da época. Conforme Alberto (1932), era preciso instruir as crianças no uso dos livros e das bibliotecas como instrumentos de trabalho, treiná-las em atividades sociais como clubes de leitura, além de ensinar a ler por prazer, promovendo esse hábito para toda a vida.

É evidente que o processo de formar leitores competentes depende de um esforço conjunto do Estado, da participação da família e da atuação colaborativa da escola e de seus profissionais. Esse espaço é considerado privilegiado para alcançar esse objetivo, desde que a leitura não seja encarada como uma obrigação escolar, mas, sim, como uma atividade prazerosa. Para isso, é importante utilizar metodologias e estratégias apropriadas que promovam a leitura livre e autônoma, permitindo que os alunos vivenciem experiências de leituras significativas. O foco deve ser cativar crianças e adolescentes, despertando nelas o prazer de ler, o que, por sua vez, contribui para a formação de um hábito permanente.

As pesquisas sobre leitura no Brasil indicam que o cenário está em retração tanto em quantidade quanto em qualidade de leitores. Para melhorar essa situação, têm surgido nas escolas, nas bibliotecas e até mesmo por iniciativas isoladas de profissionais projetos de incentivo à leitura, como os clubes de leitura ou círculos de leitura, definidos como “uma prática de leitura compartilhada na qual os leitores discutem e constroem conjuntamente uma interpretação do texto lido anteriormente” (Cosson, 2021c, p. 09). Esses projetos, aos poucos, “como um trabalho de formiguinha”, estão transformando o ambiente ao seu redor e despertando o gosto pela leitura em crianças, jovens e adultos.

Em diálogo com esse contexto da formação de leitores, Flávio José do Bomfim (2019) relata que alguns estímulos podem ser potencializados pela família, mas a escola se apresenta como um espaço privilegiado para essa formação. Com uma metodologia adequada e diversas oportunidades de leitura, que não se limitam apenas às técnicas de interpretação, mas também abordam aspectos como a ambiguidade do texto, o meio-tom e a conotação, é possível desenvolver o gosto e o hábito de ler.

O contato com “diversas oportunidades de leitura”, como cita o autor, é fundamental para formar leitores. Para isso, é importante que crianças, adolescentes e jovens tenham acesso a diferentes tipos de obras, permitindo que leiam de forma a construir sentidos, deixar a imaginação fluir e alimentar sentimentos, atitudes e valores a partir dessas experiências. Nesse contexto, os clubes de leitura se tornam espaços propícios para isso, nos quais a leitura pode ser compartilhada e vivenciada de maneira livre e prazerosa.

Nessa conjuntura, algumas pesquisas destacam a importância dos clubes de leitura na formação de leitores. Vasconcellos (2021), por exemplo, relata que a experiência de participar de um clube de leitura foi valiosa para o desenvolvimento de práticas de leitura literária, pois proporcionou aos estudantes a oportunidade de conhecer textos literários, discuti-los e estabelecer relações de sentido ao se colocarem no lugar dos personagens. Apesar de essa prática ter despertado o gosto pela leitura, ela não se consolidou como um hábito de leitura permanente.

De forma semelhante, Ribeiro (2022) aponta que, por meio da mediação do clube de leitura, os alunos puderam participar da elaboração de novos sentidos para o que foi lido, saindo de uma postura passiva diante do texto. A participação no clube permitiu que os estudantes lessem para opinar, conversar e refletir sobre suas próprias concepções, promovendo um espaço de diálogo e compartilhamento que muitas vezes não ocorre em outras formas de avaliação.

Na pesquisa de Maracahipe (2019), os dados empíricos mostraram que todos os alunos se sentiram estimulados a praticar a leitura literária após as ações do Clube de Leitura, incluindo aqueles que já realizavam algum tipo de leitura desde cedo. Por essa razão, a pesquisa reforça o que diversas outras investigações já indicaram sobre a importância da escola, da família e dos espaços culturais como fundamentais no processo de formação de leitores.

O estudo de Borges (2024) demonstrou que o Clube de Leitura possibilitou uma evolução significativa no desenvolvimento da competência leitora dos alunos participantes, embora ainda longe do ideal. A participação em diferentes atividades e a leitura de obras literárias ampliaram o repertório literário, aprimoraram as habilidades de leitura, fortaleceram o senso crítico e contribuíram para despertar o gosto pela leitura.

Quanto à estratégia de implementação de um clube de leitura a fim de permitir aos alunos se apropriarem da literatura como objeto cultural, a pesquisadora Fernandes (2024, p. 61) assim conclui:

[...] a estratégia do clube de leitura pode oportunizar a execução de diversos movimentos de leitura, no contexto escolar, usufruindo, inclusive, das ferramentas e plataformas digitais, que ampliam o potencial de interação entre os leitores/estudantes e facilitam a construção conjunta dos sentidos do texto literário.

Embora existam muitos clubes de leitura, presenciais e virtuais, espalhados por espaços cada vez mais diversificados, os estudos que investigam a relação entre formação de leitores e a prática dos clubes de leitura ainda são incipientes. Sabe-se que as atividades promovidas pelos clubes de leitura promovem um certo engajamento com a leitura de um modo geral, como exemplificado por casos de clubes que atuam há anos nesse campo. No entanto, esse objeto carece de pesquisas científicas adicionais, que possam contribuir para o avanço do conhecimento da área em questão.

Dentro desse contexto de projetos de clubes de leitura que atuam há anos com o objetivo na formação de leitores, e que ao longo do tempo suas atividades não tiveram a mesma atenção de pesquisas científicas, podem ser citados dois exemplos: o Clube de Leitura Fronteira do Saber (CLeFS), localizado no Sítio Barreiros, zona rural de Nova Olinda, no Ceará, fundado por esforço conjunto de um professor universitário e uma pedagoga e o Clube do Livro do IFPI de Floriano, criado por iniciativa de um professor e

uma bibliotecária, cujos encontros acontecem na biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), campus de Floriano, que resistiu ao período pandêmico por meio das redes sociais e voltou presencialmente após o período da pandemia. São duas iniciativas e um objetivo comum: despertar o gosto pela leitura, de crianças, adolescentes e jovens, contribuindo para a formação de um leitor competente e crítico, que possa refletir sobre suas ações, atitudes e valores.

Em relação ao CLeFS, é importante esclarecer, inicialmente, que se trata de uma biblioteca comunitária que realiza diversas atividades ao longo do ano, relacionadas à leitura e à cultura, tais como o Clube do Livro e as Rodas de Leitura, duas ações investigadas individualmente como equivalentes ao Clube do Livro do IFPI de Floriano.

Partindo do exposto anteriormente, surge o problema de pesquisa: como se desenvolve a formação de leitores em dois clubes de leitura localizados no interior do Nordeste brasileiro, mais especificamente, no Ceará e Piauí? Assim, o objetivo geral desta pesquisa é analisar o desenvolvimento da formação de leitores nesses dois clubes de leitura. Para isso, foram estabelecidos três objetivos específicos: evidenciar, no tocante à formação de leitores, as vantagens das práticas em desenvolvimento nos clubes de leitura em estudo; evidenciar, igualmente, as desvantagens dessas práticas; e comparar as atividades e metodologias utilizadas, avaliando como cada clube adapta suas práticas ao contexto social em que está inserido.

Para a realização deste estudo, toma-se como aporte teórico Cosson (2020, 2021a, 2021b, 2021c), Petit (2009, 2010), Maria (2016), Kleiman (2002), Todorov (2023), Reyes (2012), Yunes (2010?, 2014), Lajolo e Zilberman (2019), Leffa (1996, 1999), Colomer (2007), (PROLIVRO, 2024), Garcia (2003), Ceccantini, 2009) e outros.

Esta pesquisa, que envolve duas experiências de clube de leitura no contexto da formação de leitores, traz contribuições tanto teóricas quanto práticas para o campo da formação de leitores. No aspecto teórico, ela reforça e amplia a literatura existente sobre o tema, que ainda é relativamente escassa. Quanto às contribuições práticas, a pesquisa disponibiliza estudos de práticas e metodologias aplicadas em dois casos de clubes de leitura/clubes do livro situados em contextos e realidades distintas. Dessa forma, esses modelos estudados podem servir de base para outros profissionais, como educadores, professores, bibliotecários ou mesmo pessoas comuns, interessadas em atuar em projetos semelhantes. Além disso, essa pesquisa pode contribuir com o trabalho do professor de Língua Portuguesa que, segundo Fernandes (2024, p. 14), “sente dificuldades em organizar,

a partir da prática de sala de aula, novas possibilidades de leitura que sejam motivadoras e estimulem a participação efetiva dos alunos para a construção de sentidos do texto”.

O presente estudo está organizado em sete capítulos. O capítulo 1 apresenta a Introdução e o capítulo 7 reúne as Considerações Finais. O capítulo 2, intitulado Processo de formação de leitores, discute algumas teorias sobre como se constitui a leitura e a formação do leitor. Esse capítulo é subdividido em três subseções: a primeira dedicada às concepções de leitura, a segunda discute como desenvolver o gosto pela leitura, e o último aborda os clubes de leitura, trazendo breves considerações sobre os grupos de leitura compartilhada, desenvolvidas nesses espaços.

O capítulo 3 apresenta o Percurso Metodológico. A parte geral da pesquisa se caracteriza como pesquisa quanti-qualitativa, bibliográfica, de levantamento e documental, além de uma pesquisa qualitativa com delineamento de estudo de caso. Esse capítulo é organizado em duas subseções, nas quais são detalhados os percursos metodológicos referentes ao Clube de Leitura Fronteira do Saber e ao Clube do Livro do IFPI de Floriano.

O capítulo 4 é dedicado ao Clube de Leitura Fronteira do Saber, em Nova Olinda, e está estruturado em três subseções. A primeira apresenta as considerações sobre a biblioteca comunitária e sobre o incentivo à pesquisa desenvolvido por meio do Prêmio Motivacional. A segunda subseção corresponde à análise do questionário aplicado aos participantes do CLeFS, organizada em três partes: o perfil dos clubistas e os materiais de leitura, a percepção das vantagens e a percepção das desvantagens. A terceira concentra-se na análise das entrevistas realizadas, dividindo-se em três eixos: a representação do CLeFS na comunidade Sítio Barreiros, as práticas do Clube do Livro e as Rodas de Leitura.

O capítulo 5 é dedicado ao Clube do Livro do IFPI de Floriano, no estado do Piauí, e está organizado em quatro subseções. A primeira apresenta a contextualização geral do clube, abordando sua origem, forma de organização, temáticas trabalhadas e mediação. A segunda expõe o perfil das participantes e os materiais de leitura, com base no questionário. As terceira e quarta subseções analisam, respectivamente, a percepção das vantagens e das desvantagens identificadas no questionário.

O capítulo 6, intitulado Práticas de leitura e formação do leitor: aproximações entre o Clube Fronteira do Saber e o Clube do Livro do IFPI de Floriano, destaca algumas convergências entre os dois espaços. O capítulo está organizado em três categorias: A biblioteca do CLeFS e o Clube do Livro do IFPI de Floriano como “espaços” de formação leitora; Limitações e desafios da biblioteca do CLeFS e do Clube do Livro do IFPI de

Florianópolis; e Clube do Livro e Rodas de Leitura do CLeFS, que apresenta uma retomada dos principais aspectos observado nas duas atividades.

## 2 PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES

“*Não, eu não faço nada para a escola... Eu não gosto de estudar*” (Freitas, 2003, p. 28, grifo nosso). Essa afirmação foi proferida por um aluno e faz parte de uma pesquisa realizada em 1999, em Juiz de Fora, MG. Nesse estudo, a pesquisadora procurou compreender o espaço que a leitura e a escrita ocupam na vida de crianças e adolescentes. Uma outra pesquisa expressa palavras semelhantes com relação à aversão ao ato da leitura promovido pela escola: “*Ela passava atividade de leitura, só que não era algo muito interessante*” (Silva, 2019, p. 81, grifo nosso). Esse estudo foi desenvolvido em 2019, em Feira de Santana, BA, com alunos do Ensino Médio, numa abordagem sobre suas histórias de leitura, e essa afirmação foi proferida por outro estudante em uma entrevista. Mais de 20 anos separam as duas pesquisas, porém o discurso do estudante continua com o mesmo tom: não gosta de estudar, não gosta de ler, as aulas de leitura não despertam interesse, enfim, a escola não motiva a ler ou, como afirma Silva (2019, p. 155), “as velhas escolas continuam reproduzindo suas velhas práticas”.

Essa persistência na desmotivação dos alunos para a leitura e o estudo nos leva a refletir sobre as raízes históricas dessa problemática. Diante de tal cenário, as autoras Lajolo e Zilberman (2019), em seção denominada “Uma república ainda sem livros nem leitores”, apontam que, no período inicial da República até 1930, a instrução pública (Educação) passou por um momento de esquecimento, sem avanços significativos para a população. Entre os problemas apontados pelas autoras que afetavam a pasta, se destacavam o livro didático (Livro do Mestre), que era mal traduzido do francês, a falta de livros de literatura para o incentivo da leitura, o número reduzido de matrículas em relação à população que deveria ser atendida e o fato de a escola pregar um modelo de educação permeado por violência e pedagogia conservadora, em meio a prédios sombrios e habitados por professores autoritários e carrascos, que intimidavam e castigavam quem não seguissem suas normas. Segundo as autoras:

Relativiza-se, ou melhor, contextualiza-se nesses documentos a questão do livro didático. Os problemas da educação brasileira não se resumiam à carência ou inadequação dos livros escolares; eles faziam parte do problema, mas não o esgotavam. A precariedade, o improvisado, a arbitrariedade e a monotonia de uma escola, nas mãos de professores despreparados e desassistidos, não eram molde de construir leitores (Lajolo; Zilberman, 2019, p. 219).

A complexidade dos desafios enfrentados pela educação brasileira ao longo de sua história não propiciou um cenário favorável à construção de leitores. A falta de livros didáticos já deixou de ser um problema, mas a precariedade das condições de muitas escolas ainda persiste. Além disso, é sabido que muitos docentes da educação básica de hoje são frutos dessas mesmas escolas, tendo ingressado no ensino superior com pouca ou nenhuma bagagem de leitura e, em muitos casos, sem real interesse pela licenciatura escolhida, mas sim devido à nota insuficiente para ingressar no curso de sua preferência. Isso compromete a atuação desses futuros professores quando chegam às salas de aula da Educação Básica, dificultando a transformação do ensino e a formação de leitores, ao invés de apenas reproduzirem o cenário que um dia frequentaram.

Com o objetivo de apresentar algumas contribuições de autores sobre o processo de formação de leitores literários, Rildo Cosson, em capítulo intitulado “Ensino de literatura sempre: três desafios hoje”, do livro *Ensino da Literatura no Contexto Contemporâneo* (2021), afirma que o ensino da literatura, atualmente, precisa enfrentar três desafios urgentes: a formação docente, o material de ensino e a formação do leitor literário na escola.

Com relação à formação docente, Cosson (2021a) defende mudanças nos Cursos de Pedagogia e Letras, pois seus egressos serão futuros professores da Educação Básica. O autor aponta que, nos cursos de pedagogia, há pouca oferta de disciplinas de Literatura, e, quando há, é de abordagem histórico-instrumental.

Nos cursos de Letras, a estrutura curricular é organizada em duas partes: uma seção geral, voltada para questões pedagógicas, e uma seção específica, destinada a abordar aspectos teóricos, críticos e históricos da literatura. No que se refere à Literatura, não há uma orientação específica para o ensino; em vez disso, a formação se baseia em uma abordagem tradicional da história da literatura, que é apresentada de acordo com os estilos de época, complementada por noções de teoria literária, incluindo aportes de poética e retórica (Cosson, 2021a).

Segundo ele, no que tange à formação docente, a área de literatura precisa se pautar de forma semelhante ao que ocorre com a área de língua estrangeira dos cursos de Letras, em que é preciso formar o usuário da língua em paralelo ao professor dela. O autor entende que a área de literatura precisa repensar a sua estrutura curricular para incluir a formação do leitor literário ao lado da formação do especialista e do docente. Assim se formará um professor apto a desenvolver o letramento literário em seus alunos (Cosson, 2021a).

O segundo aspecto defendido por Cosson diz respeito ao material de ensino utilizado nas escolas: “se o ensino de literatura na escola consiste na leitura de obras literárias, então, o material de ensino deveria ser as obras literárias” (Cosson, 2021a, p. 40). O autor aponta ainda questões que dificultam o acesso e usos dessas obras, como a carência de bibliotecas e acervos e a seleção de obras, o que se torna um desafio ao professor nesse universo múltiplo de textos (Cosson, 2021a).

Diante desse contexto, o autor aponta como uma das soluções para mitigar o problema do ensino da literatura na sala de aula a transformação da turma em comunidades de leitores:

[...] uma solução possível para o professor é investir em fazer da sua turma uma comunidade de leitores. Para tanto, deve compreender que os laços dessa comunidade se constituem, se fortalecem e se ampliam pela experiência das leituras dos textos literários. Esses textos, por sua vez, devem contemplar as preferências dos alunos ao lado das suas necessidades de desenvolvimento como ser humano, o que não pode ser feito sem o diálogo com a produção do passado que referencia e sustenta os textos do presente e sem o reconhecimento da escola como lugar de construção de repertório e formação do leitor literário (Cosson, 2021a, p. 42).

Na transformação da sala de aula em comunidade de leitores, conforme proposto acima, destaca-se o papel dual do professor, que deve disponibilizar para seus alunos o diálogo do passado e do presente das obras literárias. Isso equivale dizer que ele deve conhecer a preferência literária de seu público e ter um vasto conhecimento literário para inserir, no cardápio de leitura, obras clássicas e canônicas e também contemporâneas e atuais da literatura, que propiciem o desenvolvimento de seus alunos.

Esse aspecto apontado por Cosson, que diz respeito ao material de ensino de literatura, lembra o que defende Todorov em *Literatura em perigo* (2023), ao apontar incoerências no ensino de literatura nas escolas de Ensino Médio, na França. Segundo ele, a disciplina de Literatura deveria ser ministrada nas escolas da mesma forma que é a disciplina de História, que estuda seu objeto, os grandes momentos históricos, e não métodos de investigação histórica. Assim, a literatura deveria focar no estudo do objeto, ou seja, nas obras literárias, e não na teoria literária e na estrutura das obras (Todorov, 2023, p. 31). Segundo ele:

É verdade que o sentido da obra não se resume ao juízo puramente subjetivo do aluno, mas diz respeito a um trabalho de conhecimento. Portanto, para trilhar esse caminho, pode ser útil ao aluno aprender os fatos da história literária ou alguns princípios resultantes da análise estrutural. Entretanto, em nenhum caso o estudo desses meios de acesso pode substituir o sentido da obra, que é o seu fim.

O terceiro aspecto defendido por Cosson é considerado o mais importante, pois diz respeito à formação do leitor literário na escola. O autor aborda o apagamento da literatura nesse contexto, destacando a diminuição do espaço para o letramento literário. Essa diminuição ocorre, em primeiro lugar, devido à quase ausência de textos literários na escola, que deixaram de ser o principal instrumento de ensino, passando a dividir espaços com textos “autênticos e pragmáticos”, como receitas culinárias, bulas de medicamentos, textos publicitários, reportagens, entre outros. Em segundo lugar, a literatura passa a ser vista como um discurso cultural entre outros, que não precisa ter preferência na escola, compartilhando espaço com crônicas, charges e tirinhas. Por fim, o terceiro argumento aponta que a literatura, ao ser dissociada do ensino da língua materna, tanto na leitura quanto na escrita, é isolada na escola como uma prática de fruição, leitura de prazer e deleite, fazendo com que o texto literário perca sua função formativa (Cosson, 2021a).

Dialogando com esse cenário de formação de leitores literários na escola, Ana María Margallo, autora do capítulo “O fomento à leitura literária na escola”, do livro *Ensino da Literatura no Contexto Contemporâneo* (2021), menciona que os índices de diminuição da leitura dos alunos, medidos pelos relatórios e avaliações internacionais, levaram a uma mudança nas diretrizes da escola em relação à educação literária.

Essa mudança fez com que a educação literária passasse a ser a responsável por inculcar nos alunos o hábito da leitura. Até o final do século XX, os objetivos em torno da formação da leitura literária se concentravam na transferência do patrimônio literário e no início de comentários sobre textos pertencentes ao cânone, não sobrando tempo para o professor trabalhar a leitura pessoal de seus alunos (Margallo, 2021).

Segundo Margallo (2021), com o novo paradigma da educação literária, que centraliza seu objetivo na formação do leitor literário, para a consecução desse objetivo, colaboram duas dimensões importantes: primeiro, o fomento à leitura, que busca consolidar o hábito de ler entre os indivíduos, o segundo, o avanço na interpretação, que visa formar leitores mais sagazes, capazes de realizar leituras mais profundas.

Nessa perspectiva, ambas as dimensões se retroalimentam:

[...] o hábito leitor se consolida com a aquisição de destrezas e habilidades interpretativas que permitem desfrutar de mais textos e entendê-los melhor. Por outro lado, aprender a ler literariamente demanda ter uma bagagem de leituras, a qual se amplia no processo. Articular a educação literária em torno à formação de leitores literários supõe construir um hábito leitor que, para que seja duradouro, deve ligar-se à capacidade de construir sentidos, de ver mais além, de desfrutar de formas diversas e elaboradas de literatura (Margallo, 2021, p. 56).

A interconexão entre essas duas dimensões infere que o desenvolvimento do hábito leitor não é um processo isolado, mas um ciclo que se alimenta mutuamente: à medida que os leitores adquirem aptidões interpretativas, eles se tornam mais qualificados a explorar e compreender uma variedade maior de textos.

Além disso, destaca-se a bagagem de leituras como um pré-requisito para a leitura literária. Isso implica que a formação de leitores literários não acontece de forma imediata; é um processo acumulativo, que se amplia a cada leitura de textos e gêneros diferentes. Ou seja, quanto mais se lê, melhor se lê; mais se consegue fazer ligações entre leituras e contextos, ir além das linhas do texto e mergulhar nas entrelinhas.

Margallo (2021) destaca que o incentivo à leitura está intimamente ligado aos objetivos da educação literária, e é importante considerar seu impacto social. Fomentar a leitura é uma prática cultural que ajuda a desenvolver o hábito de ler, o qual começa na escola, mas busca ir além desse ambiente, visando formar leitores que se tornem parte de uma comunidade cultural. Nessa linha de raciocínio, a autora afirma:

Na maneira de abordar o fomento à leitura, portanto, deve estar muito presente o caráter social deste objetivo formativo que pretende assentar-se como um hábito de ócio que acompanhe nossos alunos fora do tempo e do espaço escolar (Margallo, 2021, p. 56).

Ao enfatizar o caráter social do fomento à leitura, o professor deve estar ciente de que seu trabalho na formação de leitores deve se concentrar em atividades que vão além da sala de aula e das obrigações acadêmicas, estendendo-se para fora dos muros escolares. O hábito de ócio mencionado implica uma prática prazerosa e enriquecedora, tanto pessoal quanto socialmente, que pode contribuir para o desenvolvimento do tão desejado “gosto pela leitura”. Além disso, essa preocupação com o objetivo formativo pode levar escolas e professores a pensarem em iniciativas integrativas que conectem a escola às comunidades e às famílias de seus alunos.

De acordo com Margallo (2021), primeiramente, por se tratar de um componente básico da educação literária, visto que a leitura proficiente que desejamos ensinar está relacionada à frequência de leitura. Em segundo momento, o hábito da leitura deve consolidar-se como prática cultural no tempo de lazer dos nossos alunos.

Na construção desse hábito, deve-se considerar sua dupla natureza, buscando um equilíbrio entre as duas dimensões: a formativa, que deseja o crescimento e o avanço dos leitores no caminho da leitura, e a social, que reivindica que o hábito leitor opere como uma prática cultural (Margallo, 2021).

Complementando o que pontua Margallo sobre a função formativa da literatura e sua relevância na formação de leitores, recorre-se ao professor Rildo Cosson, em seu livro *Círculos de Leitura e Letramento Literário* (2020). Na obra, ele compilou algumas teorias sobre leitura e expôs seu ponto de vista em relação à leitura formativa.

Segundo Cosson (2020, p. 46), a nossa capacidade de leitura é desenvolvida lendo, mas “lendo de maneira formativa”. O autor aponta cinco pressupostos para a formação competente do leitor literário a serem percorridos abaixo.

Primeiramente, desenvolve-se a capacidade leitora quando se lê diversos textos. O conhecimento de várias formas de composição e de diferentes gêneros textuais permite ao leitor que se movimenta entre eles e construa um repertório que se valerá de referências para as futuras leituras.

Essa perspectiva está alinhada às teorias mais gerais sobre a formação de leitores: quanto mais entramos em contato com textos diversos - como jornais, revistas, receitas culinárias, manuais de instrução, poesias, romances e crônicas - mais ampliamos a nossa bagagem intelectual e acumulamos embasamento teórico para leituras futuras. Entretanto, isso não nos impede de ter a nossa leitura predileta, o nosso “livro de cabeceira”.

Em segundo lugar, lê-se de diversos modos. Não se lê do mesmo jeito e precisa-se exercitar diversos modos de ler para desenvolver a nossa competência leitora (Cosson, 2020). A leitura de um jornal, por exemplo, é diferente da leitura de um romance. Mesmo integrando um mesmo gênero, como no caso do romance, um romance histórico exige um modo de leitura diferente do de um romance psicológico. Assim, para cada situação de leitura, adotamos um modo específico de ler.

Em terceiro lugar, lê-se para conhecer o texto que nos desafia e que responde a uma demanda específica. A escolha de uma leitura depende do que se deseja ou precisa conhecer, entender e viver, compreendendo os interesses do presente e do futuro que se busca alcançar,

assim como as limitações de competência no presente e o horizonte que o texto oferece para superá-las. Nesse caso, a leitura é vista como um obstáculo a ser superado para responder a uma demanda específica, como as leituras obrigatórias em um Programa de Mestrado. A partir dessas leituras, assimilamos as teorias e as transformamos em produtos ou serviços e em melhorias para a vida futura, tanto pessoal quanto profissional. “O texto a ser lido precisa ser motivador do leitor e essa motivação passa necessariamente pela sua história de vida, a sua história de leitor” (Cosson, 2020, p. 47). Assim, percebe-se o alerta aos professores e mediadores de leitura para a importância da seleção de obras literárias e textos para seus alunos. É necessário analisar se esses materiais respondem aos interesses dos leitores, se as obras literárias irão motivá-los à leitura e se, de alguma forma, fazem parte de suas vivências e experiências de leitura.

Em quarto lugar, é preciso avaliar o que se lê. A escolha das leituras, assim como devem ser lidas, depende de critérios individuais e sociais, considerando o contexto em que o leitor está inserido. No entanto, o exercício da crítica precisa ser cultivado constantemente (Cosson, 2020). Um exemplo dado pelo autor é a necessidade de identificar a carga ideológica presente nos textos. Da mesma forma, a avaliação das obras clássicas ilustra a necessidade de avaliação, devido às discussões em torno das representações preconceituosas ou estereotipadas das minorias. Portanto, as leituras que realizamos muitas vezes são determinadas pela sociedade na qual estamos inseridos, pois vivemos em comunidades, ou melhor, em “comunidades leitoras” que estabelecem normas sobre quais teorias, livros e textos devem ser disponibilizados para a leitura.

Por fim, lê-se para aprender a ler. A leitura exerce a função de aprimoramento da própria habilidade de ler, denominada leitura de aprendizagem. Esse tipo de leitura envolve uma reflexão sobre o processo de leitura enquanto ela ocorre, permitindo ao leitor compreender e controlar seus mecanismos de leitura para desenvolvê-los de forma permanente. Dessa maneira, a prática constante dessa metaleitura é essencial para a manutenção e ampliação da competência do leitor.

Esses pressupostos expressos anteriormente, como: a leitura de diversos e diferentes textos, os diferentes modos de ler, a leitura de conhecimento de texto, a avaliação da leitura e a leitura para a aprendizagem da leitura encontram na literatura terreno fértil para a leitura formativa.

Segundo Cosson (2020, p. 49), a literatura:

[..] sendo menos língua, no sentido de um sistema gramatical determinado, e mais linguagem, compreendida como a competência de fazer o mundo com palavras, a literatura não tem outro limite que a própria capacidade humana de significar.

Desse modo, a experiência com a leitura literária permite ir além da rigidez da língua e do código comum utilizado para a comunicação humana. Rompe com o discurso de que a leitura se resume a decodificar palavras, frases e textos, a de colher as ideias principais, a dar a mesma resposta diante de um texto literário. Mais do que isso, a literatura oportuniza a construção de novos mundos por meio da linguagem, permitindo não apenas nos apropriar do modo como foi dito, mas também recriarmos significados a partir de nossa própria bagagem de leitura.

Dialogando com o proposto por Cosson sobre a literatura ser menos língua e mais linguagem, recorremos a Yolanda Reyes (2012) no consistente exemplo da “casa de palavras” para expressar a essência da linguagem literária.

Vamos à analogia feita pela autora. Em uma língua específica, quando é evocada a palavra CASA, cada pessoa tem um conceito diferente de casa. São atribuídos conceitos a mansões, apartamentos, casas de praia, casas grandes ou pequenas. Outras pessoas vão mais a fundo e atribuem cheiros, sensação de conforto, bem-estar, aconchego, saudade etc. Isso se dá porque vivemos em casas distintas. Essa imagem formada na nossa mente ilustra nossa relação com a língua: “cada um constrói sua própria casa de palavras” (Reyes, 2012, p. 24). Há um código comum para todos, que permite expressarmos nosso mundo interior e nos relacionarmos com os outros, que são os “materiais e as especificações básicas”, mas cada pessoa se apropria desse código por meio de suas experiências vitais e cria significado através da trama complexa de relações e de histórias. Assim, sob os rótulos, a linguagem que habitamos oculta zonas privadas e pessoais. Junto a essas zonas iluminadas existem grandes zonas de penumbra (Reyes, 2012).

Para o trabalho de leitura literária, o professor deve educar e orientar seus alunos para o reconhecimento de que um texto literário é permeado de marcas privadas e pessoais deixadas pelos autores, além dos aspectos objetivos e não tão objetivos expressos pela linguagem. Assim, a formação de leitores na escola deve atentar para o ensino de diversos modos e diferentes textos, levando em consideração seus diversos propósitos. Toma-se o exemplo da leitura da bula de remédio e de um poema. Para a leitura da bula de remédio deve-se obedecer à leitura literal dos signos, das palavras, para que o remédio possa ser usado

corretamente.

No caso da leitura do poema, deve-se levar em consideração:

[...] a liberdade do leitor e, de certa forma, sua desobediência ao sentido literal das palavras que lhe permitem “compreendê-lo” em toda a sua dimensão. [...] Para entender o poema, é preciso conectá-lo a sensações, emoções, ritmos interiores e zonas secretas. Se não nos permitimos explorar essas zonas de penumbra e ambiguidades da linguagem, esse poema não nos dirá nada (Reyes, 2012, p. 25).

São leituras da bula e do poema que compartilham das mesmas palavras e signos, mas ambas têm diferenças na abordagem, e o professor precisa estar atento a essas peculiaridades da formação de leitores. É necessário ao aluno saber como ler uma bula. Além disso, é urgente, também, fazer com que suas leituras possam “explorar o fundo de nós mesmos e, a partir dessa região, nos conectarmos com os outros, iguais e diferentes, que compartilham conosco as raízes humanas” (Reyes, 2012, p. 26). Assim, a literatura deve ser lida, sentida e expressa a partir da própria experiência de vida e não alheia a ela.

Em virtude de esta seção tratar da formação de leitores, na qual a literatura figura como objeto imprescindível e também como meio de desenvolvimento do ser humano nos mais variados aspectos, faz-se referência ao Direito à Literatura, defendido por Antônio Cândido. Ele considera a literatura um bem indispensável à sobrevivência humana e uma necessidade universal de todos os seres humanos, independentemente da classe social, atuando na formação da personalidade. Nesse sentido, é necessário contextualizar o que o autor entende por literatura, que são:

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (Candido, 2011, p. 176).

Uma definição abrangente, que não se limita às obras canônicas e às produções de grandes autores, referindo-se a uma diversidade das expressões literárias ao longo da história e nas diferentes culturas, sendo vista como um fenômeno inclusivo, pois abrange também manifestações populares e tradicionais de literatura.

Em defesa da literatura no ambiente escolar, como um objeto importante da formação de leitores, ela é “fator indispensável de humanização e sendo assim, confirma o homem na sua humanidade” (Cândido, 2011, p. 177). Segundo o autor, a humanização, preconizada a partir da leitura e fruição da literatura, pode levar ao:

[...] exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Candido, 1995, p. 182).

A citação de Antônio Candido destaca a importância da literatura como um meio de promover a humanização. A leitura e a reflexão literária nos ajudam a desenvolver habilidades essenciais, como a empatia, a compreensão da complexidade da vida e a apreciação da beleza.

Mais uma vez, citemos Candido (2011) para abordar a função da literatura e seu papel no processo de humanização, que pode ser aplicado sob, pelo menos, três aspectos. Em primeiro lugar, a literatura é uma construção de objetos autônomos, tanto em termos de estrutura quanto de significado. Uma obra literária é um objeto construído, caracterizado por um modelo de coerência que emerge da força das palavras organizadas. Essa organização exerce um papel ordenador sobre nossa mente, tornando-nos mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos. Além disso, essa capacidade de organização também nos ajuda a moldar a visão que temos do mundo ao nosso redor.

Na construção da obra literária, o autor retira as palavras do nada, do caos e as dispõe como um objeto todo coeso e articulado. Esse processo representa o primeiro nível de humanização na produção literária. Assim, a organização da palavra comunica-se ao nosso espírito, levando-nos, inicialmente, a uma auto-organização e, em seguida, à capacidade de organizar o mundo ao nosso redor (Candido, 2011).

Em segundo lugar, a literatura se configura como uma forma de expressão, capaz de manifestar as emoções e a visão do mundo tanto dos indivíduos quanto dos grupos. Por último, ela também representa uma forma de conhecimento, que pode ser incorporada de maneira difusa e inconsciente. Além disso, a obra literária funciona como um reservatório

de conhecimento intencional, cuidadosamente planejado pelo autor e conscientemente assimilado pelo receptor (Candido, 2011). Portanto, na leitura e reflexão da alta literatura, estão presentes essas três perspectivas de abordagem da função da literatura, sendo o primeiro aspecto o mais importante, segundo o autor, e o menos explorado na leitura e exploração do texto literário.

## 2.1 Concepções de leitura

A sociedade atual vive uma revolução digital, marcada por pessoas cercadas por tecnologias, como: celulares, computadores, tablets, TVs conectadas em tempo real, em um fluxo de informações que chega a todo instante, sem tempo para serem absorvidas antes que novas informações surjam. Ao mesmo tempo, na contramão de tudo isso, vê-se uma sociedade cada vez mais carente de valores essenciais para a convivência: falta de empatia pelo próximo, ausência de posicionamento crítico diante de contextos específicos e a crença fervorosa em notícias falsas propagadas pelas redes sociais.

Diante desse cenário tão contraditório, surgem algumas reflexões imprescindíveis nos dias de hoje. A escola está formando leitores críticos ou apenas consumidores de informação rápida e superficial? Mas falando de leitura, por onde ela anda? O que os estudiosos dizem sobre leitura? Quais concepções de leitura permeiam nosso meio social nos dias atuais?

Para respaldar a importância da leitura nesse cenário de revolução digital, em uma sociedade de informação rápida e de fácil acesso, o *Ljubljana Reading Manifesto*, lançado em 2023, invoca para que seja reconhecida a relevância permanente da leitura de alto nível na era digital. Segundo os autores do Manifesto, as tecnologias trouxeram resultados positivos, no entanto o manifesto chama atenção para que algumas habilidades e modos de leitura não virem relíquia, não sejam suprimidas do nosso meio, se referindo aos textos de formato longo, como os livros, que aprimoram nossas habilidades de leitura. Segundo o Manifesto:

Eles [livros] nos treinam para testar diferentes interpretações, detectar contradições, vieses e erros lógicos, e estabelecer as conexões sofisticadas e frágeis entre textos e contextos culturais que precisamos para o intercâmbio de julgamentos e emoções humanas (Sobota, 2023, p. 01).

Ainda segundo o Manifesto, a leitura de alto nível proclamada:

[...] é a nossa ferramenta mais poderosa para o pensamento analítico e crítico. Ela exercita a metacognição e a paciência cognitiva, expande nossas capacidades conceituais, treina a empatia cognitiva e a tomada de perspectivas – habilidades sociais indispensáveis para cidadãos informados em uma sociedade democrática (Sobota, 2023, p. 01).

Saindo de um cenário global com a invocação da leitura de alto nível e entrando em um contexto mais localizado, a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2024) apresenta na última edição um resultado preocupante ao convidar à reflexão e à ação todos os envolvidos com a educação de modo geral e principalmente aqueles que atuam como incentivadores da leitura, sobre como enfrentar o desafio da pouca leitura em nosso país. Segundo o estudo, 36% das pessoas entrevistadas apresentam dificuldades relacionadas à habilidade de leitura, como: lê muito devagar, não tem concentração suficiente para ler ou não compreende a maior parte do que lê, características que, socialmente, podem rotular essas pessoas como analfabetos funcionais. Além disso, outro dado alarmante é que, pela primeira vez desde a primeira edição em 2007, o percentual de não leitores (57%) ultrapassou o de leitores (43%) entre os entrevistados.

Enquanto em contexto mundial defende-se a leitura de alto nível, interpretada como uma ferramenta para garantir o pensamento analítico e crítico, atuando como uma arma contra o autoritarismo e a desinformação, no Brasil as pesquisas apontam para retrocessos nos índices de leitores, revelando um percentual acentuado da população que não lê porque não desenvolveu as habilidades mínimas para ingressar no mundo da leitura e da escrita. Nesse contexto, a leitura é um campo de pesquisa que pode ser explorado por diversas áreas de conhecimento, como educação, pedagogia, linguística, linguagem e literatura. Além disso, existem várias correntes teóricas ligadas à história da leitura, à sociologia da leitura, à antropologia da leitura, à psicologia da leitura, entre outras. Nesse emaranhado de áreas e teorias, definir um aspecto para uma abordagem sucinta torna-se uma atividade um tanto complexa.

Para uma primeira abordagem sobre as concepções de leitura que fundamentam esta pesquisa, utiliza-se a teoria que “toma a leitura como um diálogo” (Cosson, 2020, p. 34). O autor apresenta três pontos principais sobre essa visão da leitura. O primeiro é que “ler é

produzir sentidos por meio de um diálogo, uma conversa” (Cosson, 2020, p. 35). Nesse sentido, essa conversa pode acontecer desde um bilhete preso na geladeira até um poema ou romance que trava um diálogo profundo com o leitor.

O segundo ponto é que “ler é um diálogo que se faz com o passado, uma conversa com a experiência dos outros” (Cosson, 2020, p. 35). Assim, essa conversa estabelece uma ligação entre o presente e o passado, permitindo que as ideias e experiências de uma obra do século XIX, por exemplo, se conectem ao presente do leitor por meio desse diálogo.

Por fim, o terceiro ponto é que “ler é um diálogo com o passado que cria vínculos, estabelece laços entre o leitor, o mundo e outros leitores” (Cosson, 2020, p. 36). Assim, na leitura de uma obra de Machado de Assis, por exemplo, o leitor se conecta com a história e outros leitores que já tiveram essa experiência de leitura. Essa leitura cria um vínculo entre o leitor, o mundo (sociedade e a cultura expressas nessa obra) e outros leitores que apreciaram essa obra. Dessa forma, o diálogo com o passado e com outros leitores fortalece esses laços, formando uma comunidade que compartilha essas experiências.

Na visão de Vilson J. Leffa (1999), o estudo da leitura, desde a fase inicial, converge para um movimento de complexidade crescente, refletindo as mudanças de foco nos elementos enfatizados na leitura. Inicialmente, a ênfase recai sobre o texto, seguida pelo leitor e, por último, pelo contexto social. Com o intuito de oferecer uma visão panorâmica do fenômeno cognitivo e social da leitura, o autor percorre diferentes linhas teóricas que abordam a temática, esboçando-a em três perspectivas, respectivamente de acordo com a ênfase nos elementos acima: as abordagens ascendentes, as descendentes e as conciliadoras.

As abordagens ascendentes, do ponto de vista de Leffa (1999), estudam a leitura na perspectiva do texto, em que a construção do sentido é vista basicamente como um processo de extração. O conteúdo do texto não está no leitor, nem na comunidade, mas a obtenção do conteúdo é subjacente ao próprio texto. Nesse sentido, ler é basicamente decodificar, ou seja, significa passar do código escrito para o código oral, e uma vez feita essa decodificação, chega-se supostamente ao conteúdo do texto.

De acordo com Leffa (1999, p. 06), a leitura é vista como um processo ascendente, pois flui do texto para o leitor e das letras e palavras para o significado do texto:

É, portanto, um processamento ativado pelos dados, onde as atividades executadas pelo leitor são determinadas pelo que está escrito na página. Na medida em que ler é extrair significados, um mesmo texto produz sempre os mesmos significados, pelo menos em leitores de um mesmo nível de competência.

Essa teoria ascendente da leitura, embora obsoleta, ainda pode ser encontrada em salas de aula. Neste espaço, muitas vezes o ato de ler é visto como simplesmente decodificar um texto, ou seja, pegar o código escrito e oralizá-lo, sem refletir sobre o seu conteúdo. Isso é entendido como uma leitura, mas, na prática, não envolve uma compreensão mais profunda. Além disso, há situações em que o professor, ao trabalhar com um trecho de texto ou texto curto, faz as mesmas questões para toda a turma e espera uma resposta padrão, sem considerar que cada aluno possui suas próprias individualidades, experiências de vida e histórias de leituras. Atualmente, é sabido que a leitura depende de outros fatores além do texto.

As abordagens descendentes, conforme explicitado por Leffa (1999), enfatizam o leitor, concentram-se na descrição do que acontece em sua mente ao ler um texto e descrevem a leitura como um processo de atribuição de significados. Nessa perspectiva, o sentido é construído de modo descendente, acionado pelos conceitos baseados na experiência de vida do leitor, anterior ao seu encontro com o texto, e que envolvem conhecimentos linguísticos, textuais e enciclopédicos, além dos aspectos afetivos:

Poderíamos dizer que é um processo ilusoriamente consciente de compreensão do texto. O leitor pode ter consciência de estar fazendo uma coisa, vendo, por exemplo, um determinado significado no texto quando na realidade pode estar fazendo outra: atribuindo um significado, que segundo um outro leitor pode ou não estar presente no mesmo texto (Leffa, 1999, p. 02).

Nessa abordagem de Leffa (1999), o uso dessas diferentes fontes de conhecimento envolve um processamento que não é de extração, mas de atribuição de sentido. Esse processamento ocorre por meio de amostragem, com a participação ativa do leitor, que elabora e testa hipóteses sobre as amostras obtidas, confirmando-as ou rejeitando-as. Além disso, essa perspectiva envolve alguns pressupostos, como o uso de estratégias na leitura e a capacidade do leitor de fazer previsão.

Nessa perspectiva, o leitor não segue uma leitura linear, como na abordagem ascendente, que é realizada linha a linha do texto, da esquerda para a direita e de cima para baixo. Na abordagem descendente, o leitor utiliza amostras do texto, ou seja, pode pular para diferentes partes, voltar e revisar enquanto elabora e testa hipóteses sobre o que está lendo. Ele pode prever o que trata o texto por meio da análise dos elementos pré- e pós-textuais,

bem como da análise dos gráficos e tabelas, títulos e subtítulos. Ademais, pode revisar a estratégia de leitura utilizada para obter melhor compreensão.

Diante disso, a leitura é uma atividade ativa, na qual o leitor interage com o texto, utilizando conceitos e conhecimentos adquiridos ao longo da vida. O leitor é o protagonista na construção do significado e é considerado imune a qualquer interferência externa. No entanto, essa perspectiva apresenta aspectos negativos, pois pode levar o leitor a concluir sentidos que não estão presentes no texto e a discordar de outras interpretações. Ainda, essa teoria não dialoga com o contexto social.

Em diálogo com essas duas teorias sobre o ato da leitura propostas anteriormente por Leffa (1999), Kleiman (2002) ressalta que há uma constante interação de diversos níveis de conhecimento, e o processamento do texto ocorre, também, de modo ascendente e descendente:

Na leitura há uma constante interação de diversos níveis de conhecimento, de nível sintático, semântico e extralinguístico a fim de construir a coerência tanto local [...] como *temática* [...]. O processamento do texto, isto é, o agrupamento e transformação de unidades de um nível (por exemplo, letras) em unidades significativas de outro nível (por exemplo, palavras) se faz tanto a partir do conhecimento prévio e das expectativas e objetivos do leitor (chama-se esse tipo de processamento *descendente* ou *de-cima-para-baixo*) quanto a partir de elementos formais do texto à medida que o leitor os vai percebendo (chama-se esse tipo de processamento *ascendente*, ou *de-baixo-para-cima*) (Kleiman, 2002, p. 55, grifo do autor).

A leitura não é vista, nesse caso, como um processo linear; ela combina tanto o conhecimento prévio do leitor (processamento descendente) quanto a análise dos elementos do texto (processamento ascendente). Essa interação é fundamental para a construção da coerência, tanto em níveis locais, com a conexão entre partes do texto, quanto em níveis temáticos, nos quais se busca um sentido mais amplo. Assim, o processo da leitura envolve uma série de habilidades cognitivas e contextuais.

As abordagens conciliadoras conectam o texto ao leitor e descrevem a leitura como um processo interativo e transacional, com ênfase na relação com o outro. Por seu caráter universal, a perspectiva interacional acabou perpassando todas as linhas teóricas da leitura, mas com ênfase maior nas abordagens psicolinguística e social (Leffa, 1999).

Como destaca Leffa (1999), o paradigma psicolinguístico tem dois vieses: a abordagem transacional e a teoria da compensação. Na primeira, a leitura não é vista como

um processo isolado, mas abordada dentro de um contexto maior, em que o leitor interage com o autor por meio do texto, em um contexto específico com intenções específicas. Nessa perspectiva, ao interagirem, o leitor, o autor e o texto, todos passam por mudanças. Assim, “muda o autor na medida em que vai escrevendo o texto, muda o leitor na medida em que o vai lendo e muda também o texto, tanto durante a escrita como durante a leitura” (Leffa, 1999, p. 16).

A teoria da compensação foi proposta por Stanovich (1980) e citada por Leffa (1999) e parte do princípio de que a leitura envolve várias fontes de conhecimento, como o lexical, sintático, semântico, textual e enciclopédico, e essas fontes interagem entre si com diferentes níveis de participação na construção do sentido. Assim, se o leitor apresentar um déficit em uma dessas fontes, como, por exemplo, em um vocabulário desconhecido, ele poderá compensar essa deficiência utilizando conhecimentos de outro domínio, como o conhecimento do tópico em questão, inferindo assim o significado do termo que não conhece por meio desse mecanismo de compensação.

Em se tratando de teoria da compensação, na qual a deficiência de um nível de conhecimento pode ativar outro, Ângela Kleiman também compartilha desse argumento. Segundo ela:

[...] quando há problemas no processamento em um nível, outros tipos de conhecimento podem ajudar a desfazer a ambiguidade ou obscuridade, num processo de engajamento da memória e do conhecimento do leitor que é, essencialmente, interativo e compensatório; isto é, quando o leitor é incapaz de chegar à compreensão através de um nível de informação, ele ativa outros tipos para compensar as falhas momentâneas (Kleiman, 2002, p. 16).

A citação de Kleiman destaca que, quando o leitor encontra dificuldades em processar informações, devido ao conhecimento linguístico insuficiente, por exemplo, ele recorre a outros tipos de saberes e experiências para superar a ambiguidade e a obscuridade e chegar à compreensão do texto, pois não há leitura sem sua compreensão.

No paradigma social, de acordo com Leffa (1999), a leitura pode ser vista como atividade social, com ênfase na presença do outro. Ler deixa de ser uma atividade individual para ser um comportamento social, em que o significado não está nem no texto nem no leitor, mas nas convenções de interação social em que ocorre o ato da leitura. Na perspectiva de interação social, portanto, as relações estudadas não estão nas fontes de conhecimento do

indivíduo, mas nas convenções, mais ou menos explícitas, que regem as relações entre os membros de um determinado grupo.

Ainda, segundo Leffa (1999), dentro do paradigma social da leitura, a construção do sentido é entendida como um processo de interação que se fundamenta em uma experiência social globalizada. Essa interação provoca mudanças nas pessoas que, por sua vez, impactam a sociedade em que vivem. No contexto da leitura, essa transformação acontece porque ler permite revelar o que é desconhecido.

Portanto, o paradigma social salienta a leitura como uma atividade coletiva, na qual o significado é delineado pelas interações sociais e convenções do grupo. Assim, a leitura não é apenas uma prática individual, mas um fenômeno social que pode provocar mudanças consideráveis tanto no indivíduo quanto na sociedade, evidenciando o surgimento de novos conhecimentos e promovendo a transformação social.

Outro teórico que esboça uma reflexão sobre o processo da leitura é Rildo Cosson, em seu livro *Letramento Literário: teoria e prática* (2021b). Nele, a leitura é pensada como um processo linear, dividido em três etapas, as quais o autor denomina de antecipação, decifração e interpretação. Essas etapas são abordadas dentro de duas estratégias de leitura para o letramento literário na escola: a sequência básica e a sequência expandida.

A antecipação consiste nas várias operações feitas pelo leitor antes de penetrar no texto, começando pela definição do objetivo da leitura. Além disso, foca em elementos que formam a materialidade do texto, como a capa, o título, o número de páginas, entre outros. Desse modo, para cada tipologia de texto, o leitor assume uma postura diferente em relação à leitura, pois não se lê um romance da mesma forma que se lê um manual de usuário.

A segunda etapa é a decifração. Definida como um processo de decifrar as letras e palavras, são através delas que se entra no texto. Quanto maior a nossa familiaridade e o domínio dessas letras e palavras, mais fácil se torna a decifração. O leitor maduro decifra o texto com uma fluidez maior, chegando a desconsiderar palavras escritas de forma inadequada e a prescindir de buscar significado de palavras desconhecidas, pois consegue recuperá-las no contexto, enquanto a falta de habilidade do leitor iniciante com esses códigos verá a decifração como um obstáculo intransponível.

A última etapa é a interpretação, que se refere às relações estabelecidas pelo leitor quando processa o texto. São as inferências feitas pelo leitor ao entrelaçar as palavras do texto com seu conhecimento de mundo. Assim, por meio da interpretação:

[...] o leitor negocia o sentido do texto, em um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade. A interpretação depende, assim, do que escreveu o autor, do que leu o leitor e das convenções que regulam a leitura em uma determinada sociedade. Interpretar é dialogar com o texto tendo como limite o contexto. Esse contexto [...] é aquele dado pelo texto quanto dado pelo leitor; um e outro precisam convergir para que a leitura adquira sentido (Cosson, 2021b, p. 41).

Dessa forma, o processo de leitura finaliza com o cumprimento dessas três etapas, sendo a interpretação um processo dependente de múltiplos fatores, como a intenção do autor, a experiência do leitor e as normas, valores, práticas e expectativas que influenciam como os textos são interpretados em um contexto cultural específico.

No livro *Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura* (2002), de Ângela Kleiman, a autora reflete sobre os aspectos cognitivos da compreensão e leitura de textos. Segundo a autora, a leitura é um processo interativo, no qual o leitor utiliza diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o de mundo ou enciclopédico para construir o sentido do texto. Esses três componentes do conhecimento prévio do leitor são essenciais para a leitura; sem essa bagagem adquirida ao longo da vida, a compreensão textual fica comprometida.

O conhecimento linguístico, segundo a autora, envolve:

[...] aquele conhecimento implícito, não verbalizado, nem verbalizável na grande maioria das vezes, que faz com que falemos português como falantes nativos. Este conhecimento abrange desde o conhecimento sobre como pronunciar português, passando pelo conhecimento de vocabulário e regras da língua, chegando até o conhecimento sobre o uso da língua (Kleiman, 2002, p. 13).

O segundo conhecimento envolvido na compreensão e leitura de textos diz respeito ao conhecimento textual, definido como “o conjunto de noções e conceitos sobre o texto” (Kleiman, 2002, p. 16). Esse conhecimento é exemplificado em diversos tipos de texto e formas de discurso. Para uma boa leitura, torna-se necessário ter conhecimento das estruturas presentes em materiais de leitura, como a narrativa, expositiva ou descritiva. Além disso, é importante considerar o caráter interativo entre o autor, presente em suas marcas formais, e o leitor. Sob essa ótica, os discursos podem ser narrativos, descritivos e argumentativos (Kleiman, 2002).

Por fim, para uma compreensão de um texto, há o engajamento da memória em busca do conhecimento de mundo ou enciclopédico do leitor. A pouca familiaridade com um

determinado assunto ou uma falha no conhecimento de mundo sobre uma temática qualquer pode causar incompreensão na leitura. Esse conhecimento vai desde um saber pontual cotidiano a um saber científico da área de biologia, por exemplo, que pode ser adquirido tanto informal quanto formalmente. Além disso, outros elementos influenciam a compreensão, como os extralinguísticos e o conhecimento estruturado, também chamado de esquema, aquilo que temos na memória sobre assuntos, situações, eventos típicos de nossa cultura, como o esquema “acidente de carro”. É do conhecimento comum os elementos envolvidos nesse evento.

Émile Faguet (2021) apresenta uma teoria sobre a arte de ler. Segundo ele, aprender a ler envolve ler sempre devagar, prática que se aplica a toda leitura. Não importa se o objetivo é prazer, instrução ou crítica. Ainda, é preciso questionar se a ideia é do autor ou do leitor, desconfiando do primeiro sentido, e nunca ter preguiça de ler. Segundo o autor a regra geral da arte de ler é ler devagar, com atenção e reflexão contínuas. Além disso, cada gênero requer sua própria arte de ler. Por exemplo, para compreender os livros filosóficos, é preciso ler e reler integralmente a obra do autor, avançando e recuando, quando necessário, e considerando que a leitura de ontem ajuda a compreender a de hoje, e que, para entender o que se leu ontem, o que se ler hoje é necessário.

Outro tipo de leitura a que Faguet (2021) se refere são os livros de sentimentos, incluindo romances e poesias, que tratam dos sentimentos da alma humana por meios dos personagens. Segundo ele, o bom romance é capaz de nos tocar, de nos hipnotizar: é quando ocorre o que ele chama de “se abandonar”. É quando, no processo da leitura, em momentos de mergulho na obra, nos despertamos, literalmente, “sentimos claramente que passamos de uma vida para outra e que diminuímos ou que caímos do alto. É uma alma que estava ligada à nossa, à qual estávamos unidos e que nos deixa” (Faguet, 2021, p. 28).

Nos livros de filosofia procuramos ideias gerais; nos romances realistas, observações; nos romances idealistas, bons sentimentos; nos poetas, tudo isso e mais invenções de ritmo, descobertas de melodia, de harmonia, toda uma técnica, que, aqui, tem tanta importância quanto essência; e dessa técnica só se joga amorosamente, se nos envolvermos nela, se a experimentamos, se avaliamos as dificuldades, se alcançamos alguns pequenos sucessos relativos (Faguet, 2021, p. 37).

O leitor de poesia precisa adquirir uma experiência maior e buscar, além das ideias,

observações e sentimentos, sensibilidade para desvendar ritmos, melodias e harmonia, elementos importantes que exigem do leitor prática e experimentação para apreciar a invenção formal e o conteúdo.

## 2.2 Como desenvolver o gosto pela leitura literária

Vivemos em uma sociedade acelerada, na qual poucos têm tempo para uma simples leitura, em um mundo em constante evolução tecnológica, no qual máquinas, computadores e robôs substituem cada vez mais o trabalho humano. A inteligência artificial, por sua vez, está sendo utilizada nas mais diversas atividades profissionais, como a educação, a segurança e o transporte. No entanto, é importante ressaltar um aspecto fundamental dessa evolução: ela foi pensada e desenvolvida pelo ser humano, que se apropriou da leitura — mesmo que técnica — para alcançar tal nível de progresso.

Como nos tornamos leitores? Como desenvolver o gosto pela leitura “literária”? São questionamentos que precisam ser feitos por quem trabalha com educação, seja na gestão escolar, em sala de aula ou biblioteca. Com o intuito de esclarecer tais questões, destaca-se, inicialmente, o livro *Os Jovens e a Leitura: uma nova perspectiva* (2009) de Michèle Petit. Publicação que se espalhou pela América Latina, fruto de uma palestra proferida sobre leitura e que traz reflexões sobre a leitura a partir de resultados de pesquisas com populações marginalizadas, principalmente, jovens imigrantes residentes na periferia de grandes cidades francesas e da zona rural.

Tornar-se leitor é, “em grande parte, uma questão social” (Petit, 2009, p. 138). Depreende-se que o aspecto social é de grande relevância quanto ao aspecto individual na conquista de ser leitor. Muitos fatores podem influenciar nessa questão, como o ambiente familiar em que se vive, as oportunidades de acesso a livros ou outros materiais, as que dependem, em certa amplitude, de condições socioeconômicas.

A autora aponta também alguns interditos que impedem muitos de desenvolver a prática da leitura, principalmente aqueles que vivem na zona rural e em bairros marginalizados, pessoas das camadas mais pobres da população. Esses obstáculos são:

[...] poucos livros em casa, a ideia de que a leitura não é para eles, a preferência que se dá às outras atividades compartilhadas em detrimento destes “prazeres egoístas”, uma dúvida sobre a “utilidade” dessa atividade, o difícil acesso à linguagem narrativa, [...] se for rapaz, os amigos estigmatizam aquele que se dedica a essa atividade “afeminada”, “burguesa”, associada ao trabalho escolar (Petit, 2009, p. 139).

Essas barreiras revelam como a leitura pode ser vista não apenas como uma atividade individual, mas também como um reflexo de contextos sociais, culturais e econômicos. O pouco acesso a livros em casa e sua conseqüente falta de manuseio pelos membros da família são aspectos envolvidos na carência do gosto pela leitura. De acordo com Petit (2009, p. 141), “o que atrai a atenção da criança é o interesse profundo que os adultos têm pelos livros, seu desejo real, seu prazer real”. Além disso, há dúvidas sobre a “utilidade” dessa atividade, pois a sociedade atual valoriza resultados imediatos e práticos, uma vez que, frequentemente, as pessoas não dispõem de tempo para dedicar a atividades cujo propósito não seja claramente compreendido, muitas vezes permanecendo sem esclarecimento adequado por parte da própria escola.

Um dos motivos para que a escola esclareça aos alunos sobre os benefícios proporcionados pela leitura — é bom que se acrescente, literária — vem de Todorov (2023, p. 92) que afirma: “sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano”. Assim, quem usufrui dessa atividade apreende a complexidade da vida e das relações humanas, tendo-a como um suporte para o autoconhecimento e uma compreensão mais profunda dos outros. Além disso, a literatura pode fazer muito mais por aqueles que se apropriam dela:

Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também no seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro (Todorov, 2023, p. 76).

Para se criar desde cedo uma relação harmoniosa com a leitura a ponto de desenvolver o gosto e prazer por ela, Petit elenca alguns aspectos:

[...] familiaridade precoce com os livros, de sua presença física na casa, de sua manipulação, para que a criança se tornasse, mais tarde, um leitor. A importância, também, de ver os adultos lerem. E ainda o papel das trocas de experiências relacionadas aos livros, em particular as leituras em voz alta, em que os gestos de ternura, a inflexão da voz, se misturam com as palavras (Petit, 2009, p. 141).

Um ponto a ser destacado no excerto acima diz respeito à importância das trocas de experiências literárias, especialmente através das leituras em voz alta. Esse aspecto pode ser percebido em atividades como a contação de histórias, a exemplo das lendas, mitos, causos, contos folclóricos que nossos ancestrais contavam com a família reunida, assim como a contação de história ou leitura de livro pela mãe antes da criança dormir; a hora do conto na escola, em que a professora reúne todas as crianças para a leitura de contos orais ou contação de histórias; e os clubes de leitura ou rodas de leitura, onde essas trocas de experiências literárias constituem o cérebro dos encontros.

Essas atividades são momentos em que as conexões pessoais se estabelecem, os afetos são promovidos entre os envolvidos, a empatia é vivenciada e a construção de memórias afetivas, ligadas às histórias lidas ou contadas, ocorre. Todas essas interações sociais promovidas por esses encontros entre leitores e contadores de histórias são ingredientes poderosos no despertar do gosto pela leitura literária.

Luzia de Maria destaca o poder da narrativa e a riqueza da literatura ao relatar o encantamento de uma criança, sua neta, de um ano e meio de idade, ao ouvir histórias antes de dormir. Ao fim de uma contação, a criança diz, "mais *história*, vovó!". Maria, como professora de escola pública durante anos, e atenta à questão da formação de leitores, justifica a queda de interesse dos estudantes pela leitura exatamente pela presença e ausência de histórias e narrativas nos diversos círculos escolares (Maria, 2016). Esse pensamento, da possível causa da aversão de muitos estudantes pela leitura, também é apontado por Teresa Colomer:

Possivelmente uma das causas da resistência à leitura provenha da perda das formas de leitura coletiva nas sociedades contemporâneas. Antes, participar do folclore oral da coletividade, ouvir a leitura em voz alta do professor ou saber que todo mundo conhecia de cor os mesmos poemas e canções e podia lembrar-se deles a qualquer momento, dava uma intensa sensação de possuir um instrumento que se harmonizava com o entorno (Colomer, 2007, p. 143-144).

Quanto às experiências com a oralidade, é sabido que na educação infantil os

professores expõem mais as crianças ao recurso da contação de histórias e leitura oral de narrativas, proporcionando o deleite junto ao texto literário. O problema se concentra, no entanto, à medida que o nível de ensino avança. Essas práticas orais em sala de aula vão se extinguindo, dando lugar a uma leitura solitária e inspecionada pelo professor, tornando-se conteúdo curricular e obrigação para provas. Nesse contexto, ao invés de o professor lapidar o gosto e prazer de ler as histórias lidas e ouvidas no ensino infantil, afasta os adolescentes da literatura. Ao chegarem ao final do Ensino Médio, grande parte desses jovens deixam a escola alheios ao texto literário.

Segundo Luzia de Maria (2016), a literatura é uma experiência de prazer, e o contato do leitor com a leitura, em qualquer ponto do percurso, precisa ser um encontro prazeroso. É preciso o contato direto e saboroso com a literatura, o encontro com narrativas arrebatadoras, capazes de físgar o leitor para sempre e provocar um impacto emocional.

Esse impacto emocional, essa conexão entre texto e receptor, experimentada na infância, na adolescência ou na fase adulta, é o que transforma alguém em leitor (Maria, 2016). Portanto, depreende-se que, a partir da Educação Infantil até o Ensino Médio, deve-se priorizar a literatura que dá prazer ao leitor, em vez de tentar criar o gosto desconsiderando as leituras apreciadas pelos alunos.

Maria (2016) considera válida para criar o gosto pela leitura literária aquela que físga, encanta e arrebat, que vai, não importa, desde *best sellers* aos clássicos. Segundo ela, “são esses que hoje andam abraçados aos grossos volumes da série *Harry Potter* que amanhã estarão lendo escritores consagrados da literatura, os mestres” (Maria, 2016, p. 78). Nesse cenário, o cabedal de leitura apreciado pelos alunos, na maioria das vezes, não coincide com a literatura sancionada pela escola, aquela prescrita nos currículos escolares, e é nomeada de “leituras clandestinas”, detalhadas mais à frente.

Ainda segundo Luzia de Maria (2016, p. 42):

A educação do gosto se faz por encontros, aos poucos, paulatinamente. E, se no início o jovem se apaixona pela história e pelos personagens, se chega à última página tendo a curiosidade como dínamo e os lances do enredo a acioná-lo, quando acontecer o contato com as grandes obras da literatura, este jovem já terá um referencial para comparação. E, se defendo, com veemência, que o prazer da leitura é ingrediente básico, fundamental, indispensável na formação de leitores, não acho justo esperar que estudantes com pouca ou nenhuma leitura de obras literárias, às vezes nenhuma leitura de livro algum, comecem a ler pelas obras primas.

A autora é categórica quando afirma que o prazer pela leitura é essencial para a formação de leitores e revela não achar justo o professor adotar a leitura de uma obra-prima numa sala de aula com alunos sem experiência literária e esperar que eles apreciem a leitura. Segundo Maria (2016, p. 79), o “gosto pela leitura deve necessariamente preceder o nosso vão desejo de entregar - fora de hora - aos jovens, de bandeja, as maravilhas que se encontram nas grandes obras”. Primeiro, o professor ou mediador assegura-se da conquista do prazer de ler pelos seus alunos, valoriza suas leituras, depois lhes oferece um texto mais desafiador, como os clássicos.

Essa compreensão pode ser articulada às reflexões de Roland Barthes (1987), ao distinguir entre texto de prazer e texto de fruição. Para o autor, o texto de prazer está associado a uma leitura confortável, que confirma expectativas e mantém o leitor em uma zona de familiaridade, enquanto o texto de fruição provoca deslocamento, desconforto e ruptura com referências previamente estabelecidas. Desse modo, a advertência de Maria (2016) encontra respaldo em Barthes, na medida em que a formação do leitor pressupõe, em um primeiro momento, o contato com textos que proporcionem prazer e identificação, para que, gradativamente, ele possa enfrentar textos de fruição, mais complexos e desestabilizadores.

Ainda com relação à criação do gosto pela leitura, quando há alguém na família que gosta de ler, esse exemplo pode inspirar outros membros a também desenvolverem esse hábito. Por outro lado, se na família não há leitores e incentivadores de leitura, é possível que, em algum momento da vida, a pessoa encontre um iniciador ou mediador de leitura que a ajude a despertar esse interesse, o que Petit aponta como “história de encontros”.

Para Petit (2009, p. 148), a “leitura é uma história de encontros”. Esse incentivador pode ser um professor, um bibliotecário ou outra pessoa capaz de transmitir sua paixão, curiosidade e desejo, aproximando-nos de textos desafiadores, fazendo com que enxerguemos a leitura não como uma obrigação ou imposição, mas como um prazer. Assim, o mediador pode desempenhar um papel-chave no primeiro contato de alguém com o livro e a leitura:

[...] quando um jovem vem de um meio em que predomina o medo do livro, um mediador pode autorizar, legitimar, um desejo inseguro de ler ou aprender, ou até mesmo revelar esse desejo. E outros mediadores poderão em seguida acompanhar o leitor, em diferentes momentos de seu percurso (Petit, 2009, p. 148).

Michèle Petit resgata, em *Os Jovens e a Leitura* (2009), diversas entrevistas com jovens das camadas mais baixas da população, que muitas vezes sentem medo de se aproximar da leitura ou acreditam que ela não é para eles. Nesse momento, é crucial que alguém os motive, autorize e diga “você pode”, conferindo legitimidade a um ato que pode transformar suas vidas:

O gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem se tornar letra morta se ninguém lhe der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, à dimensão do encontro com um mediador, das trocas, das palavras ‘verdadeiras’, é essencial (Petit, 2009, p. 154).

Depreende-se, a partir das palavras acima, que não adianta a escola e o professor se preocuparem apenas com aquisição de acervos literários, em adquirir as melhores coleções, integrar seus alunos em contextos tecnológicos, se não tiver alguém, lá na ponta, para guiar esses alunos rumo às experiências literárias e no incentivo à leitura. A escola, portanto, não cumprirá seu papel de formar leitores. Como afirma Maria (2016, p. 209), “saber ler e expressar-se com clareza, oralmente e por escrito, deve ser prioridade máxima do processo educativo”.

Em harmonia com o pensamento de Luzia de Maria sobre a inserção da oralidade na construção do gosto pela leitura, as autoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman, no livro *A Formação da Leitura no Brasil* (2019), mencionam que, para provocar o gosto pela leitura e transformar crianças em futuros leitores literários, é fundamental o contato com a oralidade desde cedo, por meio da contação de histórias, lendas e contos folclóricos. Assim, citam como exemplo o caso do escritor Graça Aranha que, quando criança, mergulhou em narrativas orais que o levaram a uma “clandestinização da leitura” e permitiram a passagem da narrativa oral para a leitura dos clássicos sem conflitos:

Misturando a evocação da mãe preta e prazeres proibidos, com Graça Aranha, a convivência com a tradição oral da literatura constitui a ponte para uma espécie de clandestinização da leitura. Fazendo o retrospecto de sua vida infantil dividida entre a escola e a família, o escritor ancora o prazer suscitado pela literatura nas histórias que Militina lhe contava. A passagem da narrativa oral à leitura [...] de clássicos da literatura espanhola e francesa [...], dá-se sem conflitos: Graça Aranha transita com tranquilidade de uma para outra, porque, em ambas as situações, a leitura tem por bússola a imaginação do leitor (Lajolo; Zilberman, 2019, p. 292-293).

A citação acima converge com o que mencionam Maria (2016) e Colomer (2007) sobre a importância das narrativas orais e a contação de história na infância, como formas de implantar o prazer pela leitura literária. As histórias orais, além de contribuírem para o prazer da leitura, também servem de ponte para a transposição da oralidade para as grandes obras, como os clássicos. Assim, infere-se que ambas as linguagens são complementares na construção do leitor. Ademais, é ressaltado o aspecto da imaginação do leitor presente nos dois formatos de linguagem e elemento que ativa o leitor a preencher lacunas, a criar cenários e a dar vida ao que está escrito, um guia para a experiência literária.

A “clandestinização da leitura” refere-se ao contexto social em que certo tipo de leitura ou literatura pode ser considerada como inadequada ou mesmo proibida, levando os leitores, em busca de prazer e conhecimento, a fazê-la de forma secreta ou subversiva, transgredindo as normas sociais vigentes. Como afirmam Lajolo e Zilberman (2019, p. 293), “raras vezes as leituras que produzem prazer circulam num ambiente sancionado, como a escola”. Nesse sentido, “a clandestinidade é a condição de a leitura poder se realizar a contento, sem a interferência dos adultos” (Lajolo; Zilberman, 2019, p. 311). Assim, essas obras, que não fazem parte dos currículos escolares e nem da rotina da sala de aula permitem experiências literárias fora dos limites da educação formal.

Exemplos dessas subversões foram as infâncias dos escritores Graça Aranha, citado anteriormente, e Maria Helena Cardoso. Segundo Lajolo e Zilberman (2019), o escritor, imerso nas narrativas orais da velha contadora de histórias, desviava-se para os livros da estante do pai e se escondia no telhado de casa para ler, afirmando estar alimentado por fábulas, mágicas e prosa poética que o nutriram para sempre.

Outro exemplo citado por Lajolo e Zilberman (2019) são as memórias de Maria Helena Cardoso, admiradora de folhetins de aventura e literatura de massa, que se isolava debaixo da cama, com luz insuficiente para realizar suas leituras. Essa busca clandestina pela literatura também serviu para a escritora como uma ponte para futuras leituras dos consagrados Dostoiévski e Anatole France. Portanto, segundo as autoras, “é no âmbito do

não consagrado e da literatura de massa, com aproximações à literatura infantil, que se constitui o acervo básico, ainda que clandestino, de leituras da mocidade brasileira” (2019, p. 310).

Segundo Lajolo e Zilberman (2019, p. 306):

As obras escolhidas por crianças e adolescentes, quando escapolem da rígida rotina escolar de leitura, parecem responder às exigências da fantasia, pela qual, em acumulação infinita, se articulam a outras de ficção ou as conhecidas por meio da transmissão oral, como as ouvidas de contadoras. O fato de incendiarem a imaginação explica e reforça a clandestinidade dessas leituras, que pouco ensinam de prático, mas que provocam consumo contínuo.

Nesse contexto da presença das narrativas orais na infância, culminando no prazer pela leitura e, como consequência, a formação de um leitor de literatura clássica, chama a atenção dos que trabalham com o fomento à leitura no sentido de respeitar e entender as escolhas literárias de crianças e jovens, de saber o momento oportuno de oferecer obras mais densas e complexas, de não abortar deles precocemente a fantasia e a imaginação inerentes a essas obras “clandestinas”.

### **2.3 Clubes de leitura: breves considerações**

Os clubes de leitura representam experiências de leitura compartilhada cuja visibilidade aumentou durante o período pandêmico, devido à interrupção das atividades escolares, acadêmicas e profissionais, bem como à necessidade de socialização inerente ao ser humano (Brito, 2022). Um clube de leitura pode ser definido como um grupo de pessoas que se reúnem periodicamente para discutir uma obra ou livro lido previamente.

Conforme Lima (2019), o clube de leitura caracteriza-se como um agrupamento de pessoas que compartilham interesses comuns e que, de maneira organizada, escolhem e combinam a leitura de um mesmo livro, conto, crônica ou outro texto em um período previamente definido, como semanal ou mensal, para posteriormente dialogarem sobre a obra lida.

Os clubes de leitura configuram-se como uma oportunidade de manter a socialização e promover a aproximação das pessoas da leitura e da literatura, por meio da discussão de uma obra, mesmo que esses encontros ocorram virtualmente.

Quanto à nomenclatura, observa-se uma variedade de termos utilizados para designar esse mesmo fenômeno. Nesse sentido, é válido recorrer ao *Glossário Ceale*<sup>1</sup>, no qual se apresenta a seguinte definição:

Círculo de leitura é uma prática de leitura coletiva e compartilhamento de textos. A atividade, que também pode receber outros nomes, tais como clube de leitura, clube do livro, círculo de literatura, oficina de leitura, consiste basicamente na reunião de um grupo de pessoas, em encontros sucessivos, para discutir a leitura de uma obra literária ou não (Cosson, 2014).

Ainda sobre aspectos terminológicos que identificam esses coletivos de leitura e discussão de obras, Schmitz-Boccia (2012) afirma não ser possível generalizar as regras de funcionamento dos diversos clubes de leitura existentes, uma vez que esses espaços são formados a partir de agregamentos de pessoas com necessidades e objetivos próprios. Há, inclusive, uma variedade de nomenclaturas utilizadas para designá-los, como “clubes de leitura, círculos de leitura, tertúlias literárias e grupos de leitura” (Schmitz-Boccia, 2012, p. 98). Em geral, esses espaços têm como finalidade a fruição da leitura e a discussão dos aspectos que o grupo considera mais relevantes.

Quanto às tipologias dos clubes de leitura, não há uma regra rígida para sua classificação, assim como ocorre com a variedade de nomenclaturas que designam esses agregamentos sociais, como mencionado anteriormente. Os clubes de leitura se diversificam levando em consideração alguns pontos: o público a que se deseja atingir, os objetivos a serem alcançados, se voltados à socialização, a fruição da leitura ou a formação do leitor, o local de realização dos encontros, a forma de organização, presencial ou virtual, a escolha das obras a serem lidas e discutidas, uma para todo o grupo ou cada membro selecionará uma obra que mais o sensibiliza, e, ainda, como terão acesso a essas obras ou exemplares. Portanto, são muitos aspectos que devem ser considerados antes de ser criado um clube de leitura.

Diante desse contexto, é válido apresentar alguns recortes teóricos sobre tipologias de clubes de leitura. Cosson (2021c) os classifica de acordo com o planejamento das discussões, que podem assumir uma postura estruturada, em que cada leitor tem uma função

---

<sup>1</sup>CEALE é a sigla para Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

predefinida; a semiestruturada, quando há orientações a serem seguidas pelos leitores; ou, a de estrutura livre, na qual os participantes contribuem com base em suas disposições e necessidades.

A pesquisa de Regina Garcia Brito (2022), que investiga as mediações literárias em biblioteca a partir de reflexões sobre clubes de leitura, apresenta três categorias baseadas em diferentes autores, que merece destaque nesse espaço. O primeiro é Carreño Montero (2015), que descreve três tipos de clubes de leitura: os abertos ou generalistas, em que a leitura não é limitada a um gênero ou temas; os temáticos ou específicos, em que se escolhe um gênero literário ou tema; e os de língua estrangeira, cujo objetivo é praticar a aprendizagem de um idioma.

A segunda vem de Espinet (2007), que destaca quatro tipos de clubes de leitura no contexto das bibliotecas públicas de Barcelona: abertos, com leituras variadas em gêneros, épocas, culturas e registros; temáticos, com leituras limitadas a um tema específico ou gênero literário; em línguas estrangeiras, com o objetivo de aperfeiçoar a aprendizagem de outro idioma; e os dirigidos a públicos específicos.

A terceira classificação destacada é a de Bortolin e Almeida Júnior (2011), os quais apresentam três concepções de clubes de leitura: os de assinatura, em que se paga um valor fixo para receber as obras em casa; os que reservam um espaço físico onde são disponibilizados livros e outros materiais para leitura e empréstimo; e a criação de um grupo de leitores que se reúnem para ler e discutir uma obra literária.

Ainda em relação às tipologias, toma-se à pesquisa de Lais Dias de Farias ao abordar outros enfoques dos clubes de leitura:

[...] existem os clubes de leitura literária, os que leem livros religiosos, livros de autoajuda ou livros de orientação política (economia, filosofia). Também aparecem clubes dedicados apenas para escritores ou para interessados em práticas de escrita criativa. Além disso, alguns clubes de leitura são formados em razão de um espaço, como é o caso de clubes de livrarias, de bibliotecas e de escolas. Assim, é notável que os clubes de leitura ou clubes do livro são espaços que ampliam os contextos de leitura, respondem a demandas de diferentes comunidades e contribuem para a diversificação dos ambientes de leitura e das formas de ler (Farias, 2022, p. 113).

Acrescenta-se às tipologias de clubes de leitura apresentadas acima outra classificação destacada por Brito (2022) ao afirmar que os grupos de leitura ou grupos de

estudo voltados para estudos formais de textos literários ou não literários com fins acadêmicos podem ser identificados como clubes de leitura.

Referente à seleção das obras a serem compartilhadas nos clubes de leitura, isso depende de aspectos como o público, os objetivos e o espaço em que esses grupos se reúnem. Por essa razão, a escolha das obras constitui um ponto de considerações importantes. Afinal, qual seria a melhor alternativa: um livro para todo o grupo ou cada participante com sua própria leitura?

Observa-se, por um lado, que clubes mantidos no contexto escolar ou em bibliotecas dificilmente selecionarão uma obra única para todos os participantes, uma vez que nem as próprias bibliotecas escolares dispõem de vinte ou trinta exemplares de uma mesma obra. Nesse aspecto, cabe destacar a experiência de Maria (2016) ao implantar um Clube do Livro em salas de aulas do Ensino Médio. A autora defende não indicar nenhum livro específico para os alunos e, menos ainda, um mesmo livro para toda a turma. Os títulos devem ser apresentados aos estudantes, de preferência por um professor leitor e apreciador dessas obras, deixando a escolha a cargo dos próprios alunos. Assim, as leituras serão distintas e não há razão para obrigar todos os alunos a lerem um mesmo livro.

Por outro lado, os clubes de leitura realizados em ambientes não institucionais, como livrarias, *shoppings*, praças públicas ou restaurantes, cujos participantes, em geral, são adultos e apreciadores da leitura e da literatura, costumam adotar um livro único, adquirido por cada membro. Nesse contexto, o principal objetivo é a socialização e o prazer de compartilhar uma experiência de leitura.

Ao tratar da seleção de obras para clubes de leitura, recorre-se a Cosson (2020), que afirma não existir um texto ideal, mas textos adequados àquela comunidade de leitores, obras que se ajustam às suas características, ambiente e objetivos. Segundo o autor:

[...] texto adequado é aquele que é bom para ler e para discutir. Bom para ler é o texto que “prende” o leitor ou suscita seu interesse em fazer uma leitura completa. [...] Bom para discutir é o texto que desperta, inquieta e demanda uma posição do leitor, um texto cuja leitura parece nos exigir o compartilhamento com alguém (Cosson, 2020, p. 160-161).

No que se refere à seleção de obras para a leitura em clubes de leitura, toma-se como referência também a teoria da animação da leitura de Ceccantini (2009), uma vez que um

clube de leitura pode se constituir uma forma de animação de leitura, por se configurar como um espaço privilegiado para criar condições que possibilitem ao leitor se envolver de modo prazeroso, crítico e compartilhado com a literatura. Assim, o autor afirma “que sejam exploradas obras literárias de boa qualidade, mas sem que se entrasse no mérito da natureza do literário e do julgamento do valor implícito” (Ceccantini, 2009, p. 229). Além disso, o autor destaca que os projetos de formação de leitores devem ir além do ensino da literatura tradicional, buscando ensinar o público a gostar, apreciar e valorizar o texto literário. Para isso, é necessário:

[...] lançar mão de uma postura não instrumental e de um conjunto bastante aberto de obras, contemplando não apenas aquelas inseridas no cânon, mas também aqueles textos capazes de estabelecer um diálogo vibrante com referências que sejam significativas para o grupo de crianças ou jovens com os quais o mediador quiser interagir (Ceccantini, 2009, p. 229-230).

Ao adotar esses critérios na seleção das obras para um clube de leitura, a primeira palavra que pode soar positivamente é “diversidade”: de gêneros, de títulos, de autores, de temáticas. Obras que vão desde o cânone, clássicas, contemporâneas e atuais. Esse aspecto é proposto por Cosson (2021b) ao fazer uma reflexão sobre a seleção de obras para o letramento literário na sala de aula; diz que a escolha é livre, embora reconheça que as obras, para chegar até os leitores, várias escolhas já foram realizadas, desde escolhas ideológicas, econômicas e de mercado:

[...] não deve desprezar o cânone, pois é nele que encontrará a herança cultural de sua comunidade. Também não pode se apoiar apenas na contemporaneidade dos textos, mas sim na atualidade. Do mesmo modo, precisa aplicar o princípio da diversidade entendido, para além da simples diferença entre os textos, como a busca da discrepância entre o conhecido e o desconhecido, o simples e o complexo, em um processo de leitura que se faz por meio da verticalização de textos e procedimentos. É assim que tem lugar na escola o novo e o velho, o trivial e o estético, o simples e o complexo e toda a miríade de textos que faz da leitura literária uma atividade de prazer e conhecimento singulares (Cosson, 2021b, p. 35-36).

Desse modo, esses critérios podem ser utilizados para a seleção das obras para um clube de leitura, que inclua as obras canônicas, as contemporâneas e atuais. Só assim será possível seduzir um público o mais diversificado possível.

Em relação à modalidade de constituição dos clubes de leitura, a internet tem se apresentado como uma importante aliada, configurando-se como um espaço fértil para a disseminação desses grupos. Nesse formato, os leitores podem se reunir com maior comodidade, os encontros podem ocorrer em intervalos de tempo mais curtos e com possibilidade de interação a qualquer momento. No entanto, há aspectos relevantes a serem considerados na distinção entre clubes presenciais e virtuais.

No tocante às diferenças a essas duas modalidades, Souza (2018) observa que, por um lado, os presenciais tendem a apresentar interações mais esparsas, facilitando o desenvolvimento de amizades e promovendo maior disposição dos participantes para estabelecer laços sociais, além de proporcionar uma preparação mais efetiva para a comunicação verbal e gestual. Por outro, os clubes virtuais oferecem possibilidades de interações frequentes, rápidas e de fácil acesso, por meio das redes sociais e portais da internet. Essas plataformas estimulam a prática da escrita e eliminam a necessidade de deslocamento físico, o que resulta em economia de tempo e recursos financeiros. Contudo, a participação nesses ambientes tende a ser mais aleatória, com variação do número de participantes e menor nível de engajamento.

Com a finalidade de traçar um panorama acerca de diferentes experiências de clubes de leitura, recorre-se a Farias (2022), que apresenta oito modelos desenvolvidos em espaços não formais, cujos objetivos se alinham ao perfil de seu público e se caracterizam pela autonomia dos participantes quanto à adesão e à forma de participação nos encontros.

No âmbito da configuração dos clubes destacados acima, a participação ocorre de maneira espontânea, motivada pelo gosto da leitura, pela necessidade de compartilhar experiências leitoras ou outra motivação. Essa configuração apresenta vantagens importantes, uma vez que, conforme destacam Fadanelli e Dall'Agnol (2021), tais espaços permitem ao leitor interagir com o texto literário a partir de suas próprias perspectivas e das do próprio texto, mas também em um plano sociocultural, por meio da troca de experiências com outros participantes, o que favorece a articulação entre seus saberes de mundo e os conhecimentos proporcionados pela obra.

Ao analisar o contexto de criação e funcionamento desses grupos, Farias (2022) observa que, das oito experiências relatadas, duas foram criadas durante o período pandêmico e três em 2022, o que indica que a pandemia da Covid-19 influenciou, de alguma forma, a expansão dessas iniciativas. No que se refere à forma de participação, dois clubes são pagos e quatro são de caráter gratuito. Em quatro deles, os encontros ocorrem

mensalmente e de modo online, dois realizam encontros semanais e mensais de forma virtual e outros dois mantêm encontros presenciais, com periodicidade mensal e trimestral, apresentando, nesses casos, intervalos mais longos entre as reuniões. Além disso, observa-se que quatro desses clubes são compostos por mulheres.

Por fim, no que tange aos propósitos que orientam a criação desses clubes, Farias (2022) identifica objetivos diversos, como a valorização e difusão da literatura nacional, a oferta de um espaço de escape ao estresse cotidiano, o incentivo à leitura de obras clássicas e de textos que expressam críticas sociais, a promoção de discussões literárias sobre obras de autores minorizados e frequentemente invisibilizados, o estímulo à leitura de obras de autores negros, o fomento à leitura no município onde o clube realiza suas atividades, o estímulo à disciplina nas práticas individuais de leitura e, de modo mais amplo, a criação de espaços de compartilhamento de experiências literárias voltados à difusão da cultura letrada e ao fortalecimento dos hábitos de leitura.

O clube de leitura configura-se como um agregamento social que pode ser instituído em diferentes espaços de convivência, assumindo características próprias conforme o contexto em que se desenvolve. Uma dessas experiências foi realizada em um sistema prisional, envolvendo cinquenta jovens e adultos em situação de privação de liberdade, conforme destacado em estudo de Ciro Monteiro, agente de segurança penitenciário e bibliotecário, que atuou como um dos mediadores do clube entre os anos de 2018 e 2019. O autor faz considerações relevantes sobre o impacto dessa prática nos detentos ao afirmar que:

[...] as reuniões do clube de leitura cumprem papel significativo não apenas no processo de formação de leitores, mas na promoção da cidadania, pois é notório a transformação dos educandos ao longo das reuniões, em que passam a desenvolver uma relação ampla e crítica com o mundo, buscam o autoconhecimento e, muitas vezes, descobrem suas potencialidades e alimentam seus sonhos (Monteiro, 2019, p. 177).

Monteiro (2019) também destaca que o clube de leitura se constitui:

[...] como meio de aprendizagem, autorreflexão e cumpre papel essencial no processo de integração social e letramento da pessoa em situação de privação de liberdade, atuando como espaço de apropriação do conhecimento e interação, além de permitir ao educando a possibilidade de visualizar outros mundos para além do cárcere (Monteiro, 2019, p. 177-178).

Essa experiência evidencia o potencial dos clubes de leitura como espaços que vão além da formação de leitores, configurando-se, sobretudo, como espaços de formação humana, nos quais o diálogo e a emancipação intelectual são apreendidos e vivenciados, mesmo em contextos marcados pela restrição de liberdade.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa em foco caracteriza-se como quanti-qualitativa, também identificada como pesquisa de métodos mistos, por combinar as abordagens quantitativa e qualitativa em um mesmo estudo. Tal opção metodológica mostra-se coerente com o objetivo geral da pesquisa – analisar o desenvolvimento da formação de leitores –, uma vez que possibilita tanto a apresentação de dados objetivos, em termos numéricos, quanto a compreensão das percepções, práticas e experiências dos sujeitos envolvidos nos clubes de leitura. Segundo Gil (2019, p. 147), “as pesquisas de métodos mistos combinam harmoniosamente procedimentos quantitativos e qualitativos”.

No que se refere aos aspectos quantitativos, os resultados são apresentados em termos numéricos, contribuindo para a caracterização dos participantes e para o levantamento das percepções acerca das práticas desenvolvidas nos clubes. Já no âmbito qualitativo, optou-se pelo estudo de casos múltiplos, com o intuito de analisar o desenvolvimento da formação de leitores em dois clubes de leitura, a saber: O Clube de Leitura Fronteira do Saber, localizado na cidade de Nova Olinda, Ceará, e o Clube do Livro do IFPI de Floriano, situado em Floriano, Piauí. Esse delineamento permite, ainda, atender ao objetivo específico de comparar as atividades e metodologias utilizadas, considerando os contextos sociais em que cada clube está inserido.

A pesquisa de abordagem qualitativa fundamenta-se em Chizzotti (2010), uma vez que os dados são construídos por meio das interações interpessoais e da coparticipação nas situações vivenciadas pelos informantes, sendo analisados a partir das significações que atribuem aos próprios atos. Nessa perspectiva, o pesquisador participa, compreende e interpreta os fenômenos investigados, o que se mostra pertinente à análise das práticas de leitura e de seus efeitos na formação de leitores.

Adotou-se como delineamento uma pesquisa de estudo de caso múltiplos, fundamentada na obra *Estudo de Caso: planejamento e métodos* (2015), de Robert K. Yin. De acordo com o autor, o estudo de caso é empregado para contribuir com o entendimento dos fenômenos em níveis individuais, grupais, organizacionais, sociais e políticos. Além disso, Yin (2015) destaca que essa abordagem é especialmente indicada para a análise de eventos contemporâneos, sobretudo quando os comportamentos relevantes não podem ser manipulados, como ocorre nas pesquisas experimentais.

Nesse sentido, tanto o Clube do Livro e as Rodas de Leitura do CLeFS quanto o Clube do Livro do IFPI de Floriano configuraram-se como eventos contemporâneos, em atividade no momento da coleta de dados, nos quais os sujeitos da pesquisa interagiram em seus ambientes naturais de ocorrência dos fatos. Essa característica possibilitou analisar as práticas de leitura em funcionamento, favorecendo a identificação de vantagens e desvantagens relacionadas ao processo de formação de leitores, conforme previstos nos objetivos específicos da pesquisa.

Quanto à redação do relatório de um estudo de caso, esta pode assumir modelos variados, dependendo de fatores como o público a que se destina e o tipo de pesquisa adotada, seja caso único ou casos múltiplos (Yin, 2015). Nesta dissertação, os casos foram apresentados em capítulos individualizados, o que favoreceu a análise aprofundada de cada clube. Conforme Yin (2015, p. 188), “seu relatório completo de casos múltiplos consistirá nos casos únicos, geralmente separados em capítulos ou seções”. As considerações finais, por sua vez, têm a finalidade de verificar se os objetivos da pesquisa referentes a ambos os clubes de leitura foram alcançados, articulando os resultados dos dois casos.

A pesquisa bibliográfica também foi contemplada neste estudo, constituindo elemento comum em toda investigação científica e servindo de base para a construção da fundamentação teórica e para análise dos dados aqui apresentados. Quanto à natureza dos procedimentos, adotou-se ainda a pesquisa documental, que abrangeu uma diversidade de documentos, desde textos escritos até materiais eletrônicos. Segundo Gil (2019), o conceito de documento é bastante amplo, podendo ser constituído por qualquer objeto capaz de comprovar algum fato ou acontecimento.

Quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa descritiva, uma vez que busca descrever as características dos clubes de leitura, de seus participantes e das práticas desenvolvidas, bem como evidenciar aspectos que contribuem ou dificultam a formação de leitores.

Os clubes de leitura investigados apresentam diferenças quanto à organização, ao público e à execução das atividades. Diante dessas especificidades, optou-se por apresentar o percurso metodológico de forma individualizado para cada clube, considerando que foram utilizados instrumentos distintos de coleta e análise de dados. Essa opção metodológica possibilitou atender aos objetivos específicos de evidenciar as vantagens e desvantagens das práticas e de comparar as atividades e metodologias, respeitando as singularidades de cada contexto.

O CLeFS constitui-se como uma biblioteca comunitária que desenvolve diversas atividades relacionadas à leitura, à cultura local e ao lazer, promovendo a integração e a interação entre os membros da comunidade de um povoado. Essa configuração demanda instrumentos específicos capazes de compreender as características dos sujeitos, a abrangência das ações e a relação dessas práticas com o processo da leitura e formação do leitor.

O Clube do Livro do IFPI de Floriano, por sua vez, apresenta-se como um clube de leitura tradicional, composto por um grupo de pessoas mais ou menos da mesma estratificação social que se reúne periodicamente em uma biblioteca para discutir a leitura de uma obra lida previamente. Possui uma organização e abrangência mais restrita em termos de público, constituindo, portanto, uma realidade distinta que requer abordagem própria.

Os critérios de escolha dos clubes de leitura foram definidos a partir de um levantamento prévio de diversos grupos ativos nos estados do Ceará, Piauí e Maranhão, visando à realização de um estudo de casos múltiplos. Na seleção, consideraram-se três aspectos principais: a localização geográfica, privilegiando clubes situados fora das capitais; a atuação voltada ao incentivo à leitura e à formação de diferentes faixas etárias; e a aceitação e disponibilidade dos responsáveis pelos clubes para permitir o desenvolvimento da pesquisa em seus espaços.

Reconhece-se que os grandes centros urbanos tendem a organizar clubes de leitura mais voltados às práticas de socialização e lazer. Assim, o foco da pesquisa recaiu sobre grupos situados em contextos do interior dos estados, com potencial formativo e de promoção da leitura como prática social.

Após o contato inicial e o aceite de três clubes em cada estado, foi enviada uma Carta de Autorização de Pesquisa para as assinaturas das coordenadoras. Contudo, durante a qualificação da pesquisa, a banca sugeriu a redução do número de casos investigados, de modo a preservar a profundidade da análise e adequar o estudo ao tempo disponível para a conclusão do mestrado. Assim, optou-se por concentrar a investigação nos dois clubes de leitura: o do Ceará, cuja análise se encontrava em estágio avançado, e o do Piauí, que estava em processo de coleta de dados.

A pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa, em conformidade com as diretrizes da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CONEP). O projeto foi cadastrado na Plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Maranhão (CEP/UFMA), conforme Parecer

Consubstanciado nº 7.405.824, vinculado ao CAAE 84815424.0.0000.5087, emitido em 24 de fevereiro de 2025.

### **3.1 Percurso metodológico do Clube de Leitura Fronteira do Saber**

Como mencionado anteriormente, o Clube de Leitura Fronteira do Saber (CLeFS) configura-se como uma biblioteca comunitária que desenvolve diversas atividades voltadas à leitura, à cultura e ao lazer, promovendo intensa interação com a comunidade local. Considerando a complexidade dessa configuração e o dinamismo das práticas desenvolvidas, compreendeu-se que uma única visita ao espaço não seria suficiente para atender aos objetivos desta pesquisa, especialmente no que se refere à análise da formação de leitores.

Diante disso, adotou-se, inicialmente, uma pesquisa de levantamento, do tipo quantitativa, caracterizada, segundo Gil (2019), pelo uso da interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Nesse tipo de pesquisa, solicita-se informações a um grupo significativo de indivíduos acerca do problema investigado, possibilitando, posteriormente, a obtenção de conclusões a partir da análise quantitativa dos dados coletados. Conforme o autor, uma das principais vantagens desse procedimento reside na possibilidade de se obter um conhecimento mais preciso da realidade investigada. De acordo com Yin (2015), os dados provenientes da pesquisa de levantamento podem integrar estudo de caso, abordagem central adotada nesta pesquisa.

A coleta de dados referente ao levantamento foi realizada junto aos participantes do CLeFS, com o objetivo geral de traçar um perfil dos clubistas. De modo específico, buscou-se identificar o perfil dos participantes e os materiais lidos, bem como levantar suas percepções acerca das vantagens e desvantagens das práticas desenvolvidas no espaço da biblioteca comunitária, atendendo diretamente a dois dos objetivos específicos da pesquisa.

Para tanto, aplicou-se presencialmente um questionário aos 14 participantes do clube, na comunidade Sítio Barreiros, local onde se localiza o CLeFS. O instrumento foi estruturado em três blocos de questões, abertas e fechadas, elaboradas de modo a atender aos objetivos propostos, permitindo a obtenção tanto de dados quantitativos quanto qualitativos. As questões fechadas foram analisadas por meio de procedimentos estatísticos, enquanto as questões abertas foram submetidas à análise de conteúdo temática, conforme Bardin (2016).

Considerando que esta pesquisa se caracteriza como um estudo de caso, o qual demanda uma variedade de instrumentos de coletas de dados convergentes para a

compreensão de um mesmo fenômeno, delineou-se também a realização de uma entrevista semiestruturada com os participantes do CLeFS. Essa etapa ocorreu entre os dias 02 a 09 de maio de 2025, a partir de um roteiro previamente elaborado, que abordava o funcionamento do clube e a participação dos clubistas nas atividades do Clube do Livro e das Rodas de Leitura. Tais práticas foram destacadas no questionário de levantamento como as mais apreciadas pelos participantes e se relacionam diretamente com a leitura literária, configurando-se como contextos privilegiados para o aprofundamento da análise da formação de leitores.

As entrevistas foram programadas para os cinco participantes entre os 14 que frequentam o clube, considerando-se aqueles que apresentam maior assiduidade e que, no questionário, declararam ter mais de 18 anos. Esses participantes, por serem adultos e possuírem maior tempo de envolvimento com o CLeFS, foram considerados mais adequados para aprofundar a análise proposta. Um dos convidados recusou a participação, sendo substituído por outro colaborador que, embora não integrasse diretamente o Clube do Livro ou as Rodas de Leitura, havia sido duas vezes vencedor do Prêmio Motivacional promovido pelo CLeFS e mantinha um vínculo ativo com o espaço, manifestando disponibilidade para colaborar com a pesquisa.

As entrevistas foram realizadas por meio da plataforma *Google Meet*, com duração média de 10 a 15 minutos, e gravada com o auxílio do aplicativo *OBS Studio*. Posteriormente, foram transcritas em formato textual utilizando o aplicativo *Transcribe*. Para garantir maior rigor analítico, cada entrevista foi ouvida, transcrita e analisada imediatamente após sua finalização.

Com o objetivo de complementar e aprofundar os dados do estudo de caso, realizou-se ainda uma entrevista presencial com a coordenadora do CLeFS, que também atua como professora da rede pública. A entrevista, gravada por meio de telefone celular, abordou aspectos relacionados à criação e organização do clube, às atividades desenvolvidas, à interação entre os participantes e comunidade, ao processo de formação de leitores e a um recorte específico sobre o Prêmio Motivacional.

A análise dos dados provenientes das entrevistas foi conduzida com base na Análise de Conteúdo, em sua vertente temática, que consiste na identificação de termos, expressões e unidades de sentido significativas, interpretadas à luz do referencial teórico. Conforme Bardin (2016, p. 153), essa técnica “funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos”. Dessa forma, os

resultados obtidos foram discutidos à luz das teorias que fundamentam a formação de leitores e as práticas desenvolvidas nos clubes de leitura.

A pesquisa documental também foi utilizada como procedimento metodológico, possibilitando a coleta e análise de documentos relacionados às atividades do Clube do Livro e Rodas de Leitura do CLeFS, tais como: fotografias, vídeos, registros em rede social, editais, produção textual dos clubistas. Esses documentos contribuíram para a compreensão da organização das práticas e para a triangulação dos dados obtidos por meio dos demais instrumentos.

### **3.2 Percurso metodológico do Clube do Livro do IFPI de Floriano**

O Clube do Livro do IFPI de Floriano configura-se como um projeto de extensão com duração de quatro meses, que reúne estudantes da instituição e participantes externos com o objetivo de discutir obras literárias ou não literárias que versam sobre temáticas variadas. Trata-se de uma iniciativa que se encontra em sua oitava edição, sendo que, a cada semestre, uma nova edição é lançada. Cada edição é organizada a partir de grupos temáticos, nos quais os participantes se reúnem para discutirem obras ou livros que se enquadram na temática previamente escolhida.

Diferentemente do público diversificado do Clube de Leitura Fronteira do Saber (CLeFS), o Clube do Livro do IFPI de Floriano caracteriza-se por um grupo de leitura mais homogêneo, sobretudo no que se refere à faixa etária dos participantes. Os encontros organizam-se em torno da leitura e discussão de obras vinculadas a uma mesma temática, o que confere ao clube uma dinâmica mais estruturada e delimitada em termos de público e de práticas desenvolvidas.

O questionário aplicado aos participantes do Clube do Livro do IFPI de Floriano constituiu-se como instrumento central para a coleta de dados desta pesquisa, uma vez que possibilitou a obtenção de informações diretamente relacionadas aos objetivos do estudo. O instrumento foi composto por três blocos de questões, abertas e fechadas, mantendo a mesma organização temática do questionário aplicado aos participantes do CLeFS, de modo a favorecer a posterior comparação entre os dois casos investigados.

O primeiro bloco do questionário teve como finalidade identificar o perfil dos participantes e materiais de leitura trabalhados no âmbito do Clube do Livro. O segundo bloco buscou apreender as percepções dos clubistas acerca das vantagens das práticas

desenvolvidas no projeto para a formação de leitores, atendendo a um dos objetivos específicos da pesquisa. Já o terceiro bloco foi direcionado à identificação das desvantagens percebidas pelos participantes, isto é, dos aspectos que, segundo eles, dificultam ou limitam o processo de formação de leitores no contexto do clube.

Além da pesquisa de levantamento, com ênfase na aplicação do questionário, recorreu-se também à pesquisa documental como procedimento metodológico complementar. Foram analisados documentos diversos relacionados ao funcionamento e à trajetória do Clube do Livro do IFPI de Floriano, tais como relatórios, projeto de extensão, registros em redes sociais, bem como dissertações e artigos que abordam o referido clube. Esses documentos contribuíram para a compreensão da organização do projeto, de suas práticas e de sua inserção institucional, possibilitando a triangulação dos dados e aprofundamento da análise do estudo de caso.

#### **4 CLUBE DE LEITURA FRONTEIRA DO SABER, EM NOVA OLINDA**

A cidade de Nova Olinda, localizada ao sul do estado do Ceará, encontra-se a 482 km da capital, Fortaleza. De acordo com o último censo realizado em 2022, a população é de 15.399 habitantes. No que diz respeito à educação, em 2023, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) para os anos iniciais do Ensino Fundamental na rede pública foi de 8,4, enquanto para os anos finais o índice foi de 6,5. Em comparação com os 184 municípios do estado, Nova Olinda ocupou, respectivamente, as posições 19º e 14º. Quando analisadas em relação aos 5.570 municípios de todo o país, as posições foram, respectivamente, 29º e 36º (IBGE, 2025).

Os dados apontados acima mostram uma cidade com um excelente desempenho na educação básica da rede pública, tanto nos anos iniciais do Ensino Fundamental quanto nos anos finais, em que ocupa uma posição bastante elevada tanto no Ceará quanto no Brasil. Apesar de ser uma cidade pequena, com pouco mais de 15.000 habitantes, ela se destaca positivamente em relação a outros municípios brasileiros.

O Clube de Leitura Fronteira do Saber (CLeFS) está localizado no povoado Sítio Barreiros, a 6 km do município de Nova Olinda, conforme imagem de satélite da Figura 1. Sob a coordenação de uma professora pedagoga, o espaço oferece diversas atividades ao longo do ano para toda a comunidade barreirense. Em entrevista proferida no dia 09 de janeiro de 2025, no Sítio Barreiros, a coordenadora do clube apontou que o espaço desenvolve atividades de leitura, contação de histórias, oficinas, brincadeiras, palestras e rodas de conversas com as mulheres. Além disso, conta com um grupo de oito monitores que se reúnem para abertura diária da biblioteca com planejamento das atividades mensais.

Figura 1 - Localização do povoado Sítio Barreiros, em Nova Olinda, CE.



Fonte: Edital V Prêmio Motivacional (2025).

O CLeFS teve início por iniciativa do professor doutor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Antônio Cordeiro Feitosa, que desejava incentivar as crianças e adolescentes da comunidade para a realização de pesquisas sobre o povoado. Para isso, criou um projeto denominado Prêmio Motivacional, com duração de 10 anos, em homenagem a duas professoras da região: Luzia Félix Cordeiro, natural do Sítio Barreiros e Josefa Márcio Corrêa de Carvalho, natural da cidade de Nova Olinda.

O projeto oferece um incentivo financeiro às crianças e adolescentes da comunidade que cursam o Ensino Fundamental I e II, bem como o Ensino Médio. Trata-se de uma iniciativa de produção de textos, abordando temáticas locais e os desafios enfrentados pelos moradores e suas famílias. Para a realização das atividades de escrita, é fundamental que os participantes realizem trabalho de campo, façam pesquisas e entrevistas com moradores.

Na mesma comunidade, a professora pedagoga Valdênia Belizário também tinha o desejo de promover a leitura junto a esse público. Inicialmente, desenvolvia um trabalho isolado com um varal de livros, de acordo com a Figura 2, que posteriormente foi substituído por uma prateleira instalada no comércio do marido, onde as crianças e adolescentes da comunidade poderiam se valer de empréstimos de livros. O desejo do professor Cordeiro se uniu ao sonho da professora Valdênia, e ambos ensejaram esforços para aquisição de um terreno, a construção da sede, a compra de mobiliário e acervo, bem como meios para a manutenção do espaço sem o apoio do poder público. Assim, nasceu o CLeFS.

Figura 2 - Início do CLeFS com o varal de livro



Fonte: Arquivo pessoal da professora Valdênia (2025).

Segundo a coordenadora, quando indagada sobre qual o objetivo do CLeFS, ela afirma que:

Temos o objetivo de motivar as crianças e jovens para estar lendo periodicamente, além disso temos o objetivo de estimular a pesquisa de trabalhos através do Prêmio Motivacional onde os mesmos pesquisam sobre a própria comunidade (Entrevista Coordenadora, Sítio Barreiros, 2025).

O CLeFS, atualmente, atende toda a comunidade do Sítio Barreiros. Os adultos e idosos são convidados a participar em datas programadas, nas quais são realizadas comemorações em datas específicas, rodas de conversas sobre temáticas diversas, apresentação de autores, leituras de poemas e textos. As crianças, adolescentes, jovens e, também, os adultos utilizam o espaço para realização de pesquisas escolares, espaço para leitura e empréstimos de livros. Além disso, o CLeFS promove atividades culturais e de incentivo à leitura, como: o clube do livro, as rodas de leitura, contação de história, sarau de poesias, oficinas, gincanas, brincadeiras desenvolvidas pela coordenadora com auxílio dos monitores, adolescentes da educação básica e jovens universitários, todos oriundos da comunidade Sítio Barreiros e participantes do CLeFS. A Figura 3 apresenta um registro fotográfico dos participantes do CLeFS, a coordenadora, esta pesquisadora e sua orientadora.

Figura 3 - Clubistas do CLeFS, coordenadora, pesquisadora e sua orientadora



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

Em 09 de janeiro de 2025, a pesquisadora desta dissertação, Aldeide Costa, e sua orientadora, a Profa. Dra Márcia Manir, realizaram uma visita às instalações do CLeFS, acompanhadas pela coordenadora e pelos participantes do espaço. Durante essa visita, foram coletados dados de maneira informal e realizada uma breve entrevista com a coordenadora sobre questões mais gerais envolvendo o espaço e suas atividades.

Durante o encontro, também foi aplicado um questionário aos participantes, que continha questões abertas e fechadas, com o objetivo de levantar o perfil dos frequentadores, bem como suas percepções sobre as vantagens e desvantagens das práticas promovidas pelo CLeFS. Antes da aplicação do questionário, foi compartilhada com os participantes a trajetória que levou a pesquisadora, residente em Uruçuí, um município no interior do Piauí e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLetras) da UFMA, a um povoado situado no interior do Ceará. Além do mais, foram apresentados o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE,) e o Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE), com ênfase na participação ser voluntária, o sigilo nos nomes dos participantes e os objetivos da pesquisa em curso. A pesquisa de levantamento aqui mencionada é analisada nas seções seguintes.

#### 4.1 A biblioteca comunitária e o incentivo à pesquisa

Com objetivos diversos, as bibliotecas comunitárias estão disseminadas por todo o território brasileiro, com maior concentração nas áreas periféricas das grandes cidades, onde há carência de espaços voltados ao incentivo à leitura, à cultura e ao lazer, como os centros culturais e teatros. Essas bibliotecas são criadas com propósitos variados, tais como oferecer espaços de reforço escolar para estudantes da comunidade; estimular estudos e pesquisas acerca das temáticas relacionadas às pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBT); desenvolver ações voltadas a moradores de rua e usuários de substâncias psicoativas; valorizar identidades negras e indígenas; além de promover o empréstimo de livros, contribuindo com a democratização do acesso à leitura e para a formação de leitores críticos e ativos. Essas são algumas das motivações que impulsionaram a criação das 143 bibliotecas comunitárias no Brasil, analisadas no livro *O Brasil que lê: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação dos leitores* (2018), de Fernandez, Machado e Rosa.

O crescimento da criação de bibliotecas comunitárias no Brasil ocorreu, segundo Fernandez, Machado e Rosa (2018), em razão do apoio proveniente de ações afirmativas de políticas públicas, de iniciativas do setor privado, de programas de extensão universitária, e, sobretudo, da vontade e a persistência de pessoas e grupos que superam adversidades para conquistar um espaço na comunidade, garantindo o acesso ao livro e à leitura. Desse modo, a biblioteca comunitária consolida-se como um espaço de referência para o território em que se insere.

As bibliotecas comunitárias são instituições:

[...] criadas de forma independente ou que estão ligadas a organizações locais como associações de bairro, organizações da sociedade civil, igrejas ou grupos de voluntários. São bibliotecas de acesso público, com foco na comunidade em que estão localizadas. As bibliotecas comunitárias desempenham um papel vital no fortalecimento das comunidades. Fornecem acesso ao conhecimento, promovem a educação e a inclusão social, além de servir como pontos de leitura e centros de atividades culturais (Brasil, 2024, p. 11).

São ambientes que funcionam, em sua maioria, em espaços improvisados e sob gestão de voluntários que também assumem o papel de mediadores de leitura. Seus acervos são constituídos, em grande parte, por doações, movidas pela crença no poder transformador

da leitura na vida das pessoas que dela se apropriam. Desse modo, a biblioteca comunitária pode ser compreendida como uma:

[...] iniciativa coletiva que parte da sociedade, mantida por uma determinada comunidade, sem intervenção do poder público, que conta com espaço físico determinado, acervo bibliográfico multidisciplinar, minimamente organizado e oferece serviços com o objetivo de ampliar o acesso da comunidade à informação, à leitura e ao livro (Fernandez; Machado; Rosa, 2018, p. 19).

Assim, com esse espírito coletivo e comunitário, sustentado pela força do trabalho voluntário e pela determinação em transformar a realidade local, nasceu o CLeFS, apresentado na Figura 4 a seguir. A iniciativa partiu de um professor e de uma pedagoga, ambos motivados pelo desejo de promover mudanças significativas na vida de crianças, adolescentes e jovens da comunidade por meio da leitura e da pesquisa científica.

Figura 4 - Biblioteca Clube de Leitura Fronteira do Saber (CLeFS)



Fonte: [www.instagram.com/p/C2aXIV0gSrq/](https://www.instagram.com/p/C2aXIV0gSrq/). Acesso em: 29 out. 2025.

O objetivo inicial de fundação do CLeFS consistia em incentivar a leitura e estimular a pesquisa científica entre estudantes de uma comunidade rural na região do Cariri, no Ceará. A experiência foi criada com um propósito específico, assim como ocorre com grande parte das bibliotecas comunitárias atuantes no Brasil. Contudo, ao longo do tempo, o projeto ampliou seu alcance e, atualmente, configura-se como um espaço de referência de incentivo

e fortalecimento da leitura, da pesquisa, da valorização da memória local, da promoção cultural, da conscientização social e do lazer.

Um mini espaço físico, com recursos materiais limitados e pessoas comprometidas com um trabalho que vem transformando toda a comunidade do Sítio Barreiros, caracteriza a experiência do CLeFS. Trata-se de uma ação sustentada pelo engajamento da coordenação e monitores, ambos comprometidos com a “ruptura dentro do cenário de extrema complexidade que marca a descontinuidade de um percurso previsto pelas classes dominantes para um determinado grupo de pessoas moradoras das periferias” (Fernandez, Machado e Rosa, 2018, p. 36); nesse caso, uma comunidade rural.

Após uma breve contextualização das bibliotecas comunitárias no Brasil e a apresentação do CLeFS como um espaço diferenciado de leitura e cultura em sua comunidade, apresenta-se a análise de uma entrevista presencial realizada com a coordenadora do clube, no dia 9 de janeiro de 2025, no Sítio Barreiros. Naquele momento, foram abordadas quatro questões de caráter geral envolvendo o clube. Assim, o primeiro questionamento buscou identificar o público atendido pelo CLeFS:

[...] nosso público é desde a infância mesmo até o adulto. [...]. Só que especificamente quando a gente forma grupos, fica numa faixa etária só. Por exemplo, se eu for contar uma história, então eu seleciono faixas etárias iguais, parecidas. Se eu for fazer com as mulheres, que a gente também tem grupos de mulheres, então, só com elas. Então, a gente atende todo o público. Mas assim, voluntariamente, para quem quer vir, sem eu estar chamando, quem frequenta mais são as crianças e adolescentes (Entrevista Coordenadora, Sítio Barreiros, 2025).

O CLeFS apresenta uma atuação que extrapola o conceito tradicional de biblioteca, desenvolvendo múltiplas atividades e práticas, além de promover a interação com toda a comunidade do Sítio Barreiros. No que se refere aos participantes, é possível distingui-los em dois grupos: aqueles que frequentam o espaço assiduamente por livre e espontânea vontade, nesse caso, as crianças, adolescentes e jovens, e aqueles que são convidados a participar de atividades e eventos culturais em momentos específicos, como ocorre com os adultos e idosos, a exemplo do encontro realizado com as mulheres da comunidade.

No que se refere ao público que usufrui dos serviços e atividades disponibilizadas pelas bibliotecas comunitárias em geral, é relevante retomar a denominação proposta por Fernandez, Machado e Rosa (2018), que caracterizam essas pessoas como “interagentes”.

Esse termo designa os frequentadores das bibliotecas comunitárias que promovem atividades para além da leitura, fundamentado numa concepção que reconhece nesses indivíduos uma participação efetiva no cotidiano das bibliotecas, não se caracterizando como meros usuários de um serviço prestado ou como consumidores que reconhecem passivamente produtos culturais.

Considerando o contexto comunitário em que o clube está inserido, buscou-se investigar se suas atividades estão abertas a todos os moradores do Sítio Barreiros, de modo a entender o alcance e a amplitude de suas atividades.

É. Aí tem os momentos que a gente convida a comunidade, convida o grupo. Finais de semanas, quando eu tenho mais tempo, a gente forma alguma oficina. Nós temos os monitores também, são oito monitores já, entre adolescentes e jovens universitários, que também ajudam nessa parte assim de formar grupos de faixa etária (Entrevista Coordenadora, Sítio Barreiros, 2025).

Toda a comunidade interage nas atividades do clube, contudo, os adultos e idosos participam motivados por um convite: uma palestra, uma oficina, um encontro para discutir temas sociais de interesse de todos. São atividades programadas *a priori* a partir da definição de um público alvo, a disponibilidade da coordenação e dos monitores, priorizando os finais de semana. A Figura 5 apresenta o registro de uma palestra sobre as mudanças climáticas, pois suas causas e consequências dizem respeito à população global.

Figura 5 - Palestra sobre Mudanças Climáticas



Fonte: [www.instagram.com/p/DMbdHDQyR9K/](https://www.instagram.com/p/DMbdHDQyR9K/). Acesso em: 29 out. 2025.

Em relação ao trabalho desenvolvido pelos monitores, adolescentes e jovens, eles são orientados pela coordenação a atuarem na organização de grupos de atividades a serem realizadas e assumem também papel de mediadores de leitura:

Então, tem um [monitor] que às vezes cuida de uma faixa etária entre 10 a 14 anos e a gente faz uma leitura com eles ou uma oficina. Aí tem outros [monitores] que já ficam com crianças pequenas também, brincadeiras, oficina, leitura de livros. É mais nesse sentido (Entrevista Coordenadora, Sítio Barreiros, 2025).

Considerando que a atividade primordial de uma biblioteca é o incentivo à leitura e à formação dos leitores, buscou-se compreender de que modo o CLeFS amplia sua atuação cultural e social. Portanto, o terceiro questionamento trata-se de buscar compreender que outras atividades para além das leituras e das oficinas de leitura são realizadas no clube:

É as atividades com adultos. A gente pega temas, temas das sociedades, mas a gente sempre inclui a leitura. Eu seleciono com as mulheres de 60, 40. Nós conversamos mais com as mulheres de 60, 70, 80. Aí veio outras mais jovens também. E aí, no momento que a gente socializa esses temas, Eu apresento também para eles um autor aqui do livro, pega um poema. Mesmo que eles não levem os livros, porque esses adultos, assim, não levam o livro pra casa. Mas eu apresento algum autor, alguma poesia, algum texto (Entrevista Coordenadora, Sítio Barreiros, 2025).

As atividades com público adulto se dão mediante a seleção de uma faixa etária, a exemplo dos encontros para discussão de temas sociais. Nesse momento as questões sociais são discutidas, reflexões são suscitadas e a conscientização é incentivada. Além disso, esses encontros são regados por uma leitura, um momento que a mediadora aproveita para apresentar um autor, ler uma poesia ou texto literário mais curto, aproximando o público da leitura, embora saiba que muitos são leitores apenas de mundo. Um mundo tal como apresentado por Yunes ([2010?], p. 22), “reconhecido por realidades múltiplas, sobre as quais é possível construir uma única versão totalizadora: a de que não existem versões totalizadoras, nem conceitos essencialistas que dêem conta da complexidade do sujeito”.

Considerando a dinâmica das atividades realizadas pelo CLeFS, buscou-se compreender também os hábitos de leitura dos participantes adultos fora dos encontros do clube. Assim, questionou-se a coordenadora sobre se os adultos que participam dos encontros leem em casa ou se só têm contato com a leitura no CLeFS.

Não, né. Só o momento aqui. Tem até alguns que já levaram, mas não acredito muito que eles expandiram essa leitura em casa, não, por conta do hábito, não é. Então, é só mais aqui mesmo, quando a gente tem esses encontros (Entrevista Coordenadora, Sítio Barreiros, 2025).

O CLeFS interage com toda a comunidade por meio da execução de múltiplas atividades, conforme expresso em um pequeno vídeo produzido pela coordenadora em homenagem aos quatro anos de fundação do espaço e transcrito abaixo:

22 de outubro de 2021, começa uma história com o nome de CLeFS, Clube de Leitura Fronteira do Saber. Ah, minha gente, aqui já foi registrado tantos momentos, tantas crianças, jovens e adultos já semearam por aqui. Palestras, rodas de leitura, contação de história, brincadeiras, dinâmicas, clube do livro, blitz literária, plantação de árvores, encontros, reflexões sobre temas sociais, viagens, visitas, pesquisas sobre a comunidade, planejamento que nos coloca frente às ideias que queremos executar, que nos permite fazer e sonhar. A história começou, o propósito se instalou e as portas foram abertas para quem quiser ver, viver, sonhar e construir. O CLeFS não é nada extraordinário, é apenas uma sala com livros. O propósito, sim, este é cheio, cheio de amor, cheio de vontade, vontade de gritar, vem, vem mais alguém se juntar a nós. Quatro anos de CLeFS e dizemos, a vida é de quem se atreve a viver, faça parte desse atrevimento chamado CLeFS (Vídeo em comemoração ao 4º aniversário do CLeFS, 2025).

Em consonância com o estudo de Fernandez, Machado e Rosa (2018), que apontam as principais atividades desenvolvidas pelas bibliotecas comunitárias pesquisadas, as atividades como: brincadeiras e jogos, contação de histórias com livro e sem livro, desenho e pintura, empréstimos de livros, leitura fora da biblioteca, oficinas temáticas, pesquisa escolar, recitais, saraus poéticos e rodas de leitura, observa-se que todas essas práticas também são executadas pelo CLeFS. Além disso, a biblioteca se destaca pela realização do Clube do Livro e do Prêmio Motivacional, ambas as atividades são analisadas individualmente nesta pesquisa.

O Clube de Leitura Fronteira do Saber configura-se como um espaço que atua em benefício da comunidade em que está inserida. Cada atividade é cuidadosamente planejada para alcançar um público específico e atender as demandas locais, o que justifica o porquê desse espaço vir promovendo transformações importantes na comunidade Sítio Barreiros. Talvez se insira nas reflexões de Rosa e Fujino (2021, p. 21), que as bibliotecas comunitárias

atuam “em diferentes contextos e seguindo caminhos distintos, [...] trabalham no fortalecimento da identidade e no reconhecimento da cultura local em territórios de vulnerabilidade”.

O Prêmio Motivacional é um projeto implantado em 2021, na comunidade Sítio Barreiros, consistindo em um trabalho de pesquisa e escrita que tem como objetivo inserir crianças, adolescentes e jovens no universo da pesquisa científica desde cedo. A iniciativa foi proposta por um professor doutor da UFMA, Antônio Cordeiro Feitosa, que buscava aproximar esse público das práticas investigativas. Trata-se de uma pesquisa que envolve a própria comunidade como objeto de estudo, incluindo aspectos voltados ao resgate da memória local dos moradores, seus hábitos, costumes e tradições. As melhores produções são premiadas com um valor financeiro ofertado pelo próprio professor.

O projeto consiste em um trabalho de escrita baseado no modelo da pesquisa científica, o que exige dos participantes o cumprimento das etapas próprias desse tipo de investigação. A partir de um tema definido em edital, os estudantes escolhem as técnicas de coletas de dados mais apropriada, realizam coleta, procedem a análise e, por último, transformam os resultados em produções escritas, desenhos ou poesias. A título de exemplo, a última edição do Prêmio, realizada em janeiro de 2025, teve como temática:

[...] o enfrentamento das secas pelas famílias do Sítio Barreiros, destacando as dificuldades de sobrevivência através da produção, trabalho, inovação, saúde e seus desdobramentos para a alimentação e abastecimento das famílias e as emigrações do povoado (Edital, 2025, p. 01).

A quinta edição do Prêmio Motivacional recebeu ao todo dezesseis produções textuais sobre a temática definida, distribuídas da seguinte forma: seis produções de textos no Ensino Fundamental I, quatro no Ensino Fundamental II e seis no Ensino Médio. Foram premiados, com uma quantia financeira, os três melhores trabalhos de cada etapa escolar, como preconiza o edital.

O projeto de escrita, estruturado nos padrões da pesquisa científica, é voltado a estudantes dos três níveis de ensino da Educação Básica, residentes na comunidade Sítio Barreiros. Essa prática de escrita procura explorar temáticas relacionadas às vivências dos moradores, como a história da comunidade, os primeiros moradores, a agricultura da região, a construção do povoado, a fauna, a flora, a seca e seus meios de sobrevivência.

De acordo com a coordenadora do CLeFS, em entrevista no dia 09 de janeiro de 2025, no Sítio Barreiros, a prática da escrita dos trabalhos do Prêmio Motivacional deve contemplar a capacidade intelectual dos participantes. No Ensino Fundamental I, a escrita tem como base as histórias contadas pelos moradores da comunidade e que toma forma de desenho, poesia ou narrativas. No Ensino Fundamental II, observa-se maior preocupação com a estrutura textual, que deve conter introdução e tópicos sobre a temática. Já no Ensino Médio, as produções seguem o padrão acadêmico, apresentando parte introdutória, metodologia, desenvolvimento, conclusão e referências.

Em entrevista, um participante e ganhador do prêmio ressaltou a relevância do projeto e o impacto que ele trouxe à sua vida:

A cada dia você só aprende mais, porque o que tem para oferecer a gente, são coisas boas, são livros bons. E assim...Tive o privilégio de conseguir as duas premiações, foi através disso, é, do engajamento, das rodas de conversas, [...] e tudo isso deixou a gente mais, aprendendo coisas novas. A cada dia a gente ganha mais aprendizagem. Eu estava fora da sala de aula a quase 30 anos, e voltei para concluir o meu Ensino Médio. Através do clube ganhei mais experiência, porque, devido a premiação, deu para você falar do nosso lugar e ali você, você está feliz em ter feito parte da história da comunidade, do nosso Sítio [...] (Vencedor Prêmio Motivacional, *Google Meet*, 03 de maio de 2025).

O participante destaca a importância do CLeFS, que oferece “coisas boas” e livros bons. Menciona, ainda, o retorno à sala de aula após quase trinta anos, motivado pelo engajamento do espaço em valorizar e incentivar os estudantes da comunidade. Enfatiza que a premiação proporcionada pelo projeto foi um incentivo para escrever sobre o próprio lugar e, ao mesmo tempo, sentir-se parte da história do Sítio Barreiros.

A produção textual de um dos participantes, realizada em 2025, intitulada “O fim da esperança ou a força da perseverança?”, utilizou como principal fonte de dados entrevistas com moradores idosos da comunidade Sítio Barreiros. No texto, são relatadas as experiências desses moradores e os relatos transmitidos por familiares sobre as secas mais severas enfrentadas na região, como as de 1932, 1942 e 1983. Essas secas comprometeram a oferta de recursos básicos para a sobrevivência, fragilizaram a saúde dos mais vulneráveis e forçaram o deslocamento de trabalhadores para outros municípios em busca de trabalho.

O participante também destaca o papel da fé e das crenças populares na previsão de chuvas. A adversidade e o sofrimento causados pelas secas impulsionaram os moradores a se unirem e construir, de forma coletiva e braçal, o açude do Sítio Barreiros, em 1942,

estrutura que permanece até hoje, de grande utilidade para a comunidade (Produção textual, Sítio Barreiros, 2025).

A seguir, apresenta-se um trecho da produção textual do participante que concorreu na categoria do Ensino Médio:

A luta pela sobrevivência era constante, com famílias improvisando formas de superar as adversidades, a resiliência dos agricultores e a solidariedade entre os vizinhos eram fundamentais para enfrentar a escassez de alimentos, de água e as dificuldades em cuidar da saúde. Contudo, as lembranças desse período são marcadas por muito sofrimento e dor, evidenciando vulnerabilidades da comunidade rural diante dos efeitos da seca prolongada (Produção textual, Sítio Barreiros, 2025).

O trecho evidencia o discernimento reflexivo e a sensibilidade social presentes na escrita do participante, que demonstra capacidade de análise crítica ao associar aspectos históricos, culturais e emocionais da vivência comunitária. Essa produção reforça o potencial formativo do Prêmio Motivacional, ao estimular não apenas o desenvolvimento da escrita e da pesquisa, mas também a valorização da memória coletiva e do sentimento de pertencimento à comunidade.

A seção seguinte apresenta a análise do questionário aplicado aos participantes do CLeFS, desdobrando-se em três subseções: a primeira examina o perfil dos clubistas e os materiais de leitura no espaço do CLeFS; a segunda analisa a percepção das vantagens; e a terceira aborda as desvantagens percebidas pelos participantes em relação ao clube.

#### **4.2 Clube de Leitura Fronteira do Saber: análise do questionário**

A pesquisa de levantamento, realizada com os clubistas por meio de questionário, tem como objetivos: identificar o perfil e os materiais de leitura lidos no CLeFS; apontar suas percepções quanto às vantagens e desvantagens das práticas realizadas no espaço. Os clubistas são os sujeitos inseridos em uma comunidade que desenvolve um trabalho voluntário voltado para diversas ações culturais, tendo como destaque a atividade ligada à leitura e formação de leitores.

Ao todo, compareceram 14 clubistas para quem foram entregues 14 questionários. O questionário foi dividido em três blocos de perguntas conforme explicitado adiante. Ao final do encontro, foram devolvidos os mesmos 14 questionários, alguns com preenchimento

incompleto e os demais preenchidos com dados básicos solicitados. Na análise de dados, os clubistas foram nomeados de A à N para sigilo das identidades e das informações prestadas.

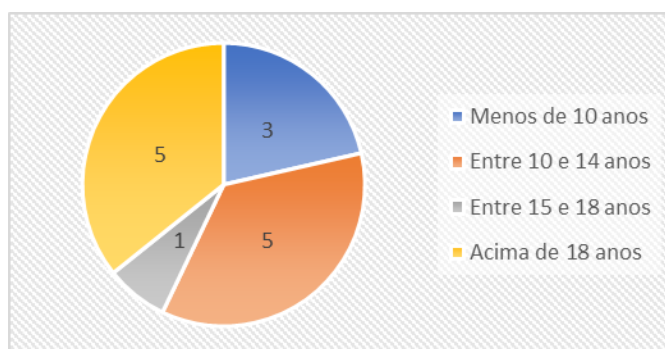
No questionário aplicado algumas questões abertas ficaram sem respostas, o que comprova as desvantagens deste instrumento de coleta de dados em relação a outros, como, por exemplo, a entrevista, pois muitas vezes os participantes não têm disposição para responder a todos os questionamentos. Assim, a pesquisadora optou por combinar questões abertas e fechadas, na tentativa de equilibrar as vantagens e desvantagens deste instrumento de coleta de dados.

#### 4.2.1 Perfil dos clubistas e materiais de leitura

No primeiro bloco, as perguntas foram direcionadas aos participantes e/ou clubistas com o objetivo de identificar o perfil e os materiais de leitura no CLeFS. Dentro desse escopo, foram feitos os seguintes questionamentos:

*Qual sua faixa etária?* Trata-se de identificar a faixa etária dos participantes do CLeFS. Segundo as respostas havia três crianças com menos de 10 anos, cinco jovens entre 10 e 14 anos, um adolescente de 15 a 18 anos e cinco adultos acima de 18 anos, de acordo com o Gráfico 1.

Gráfico 1 - Perfil dos participantes do CLeFS



Fonte: produzida pela autora (2025).

Nesse contexto, percebe-se um espaço frequentado por um grupo bastante heterogêneo em termos de idade, como pode ser comprovado também por meio de registro fotográfico representado na Figura 6.

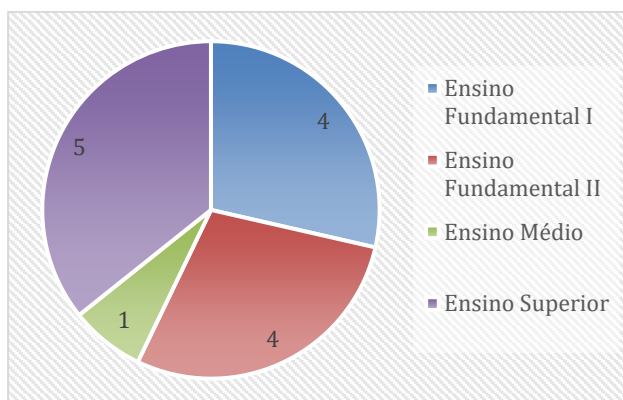
Figura 6 - Encontro da pesquisadora e orientadora com os clubistas do CLeFS



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

A segunda questão: *Qual o seu grau de escolaridade?* Quatro deles responderam que estão no Ensino Fundamental I, outros quatro no Ensino Fundamental II, um participante cursa o Ensino Médio e cinco estão no Ensino Superior incompleto. Dados representados no Gráfico 2 a seguir:

**Gráfico 2** - Escolaridade dos participantes do CLeFS



Fonte: Produzido pela autora (2025).

No contexto de participação no CLeFS, todos os participantes estão frequentando a escola ou universidade, o que evidencia que o clube reúne sujeitos em diferentes etapas de formação escolar. A Figura 7 registra um dos momentos dos clubistas respondendo ao questionário de levantamento.

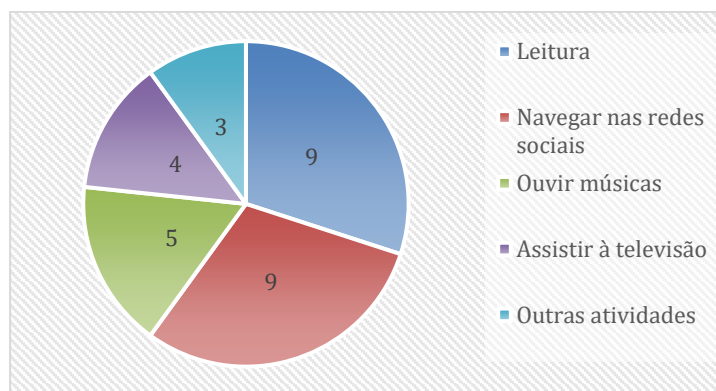
Figura 7 - Encontro da pesquisadora e orientadora com os clubistas do CLeFS



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

O terceiro questionamento: *O que você costuma fazer nas horas vagas?* A leitura configura-se como uma das atividades mais recorrentes no tempo livre dos participantes, totalizando nove citações. Empatada com ela, a prática de navegar nas redes sociais também obteve nove menções, evidenciando sua forte presença na rotina dos respondentes. Além dessas, uma parcela significativa do grupo dedica parte do tempo livre a ouvir músicas, atividade registrada em cinco citações, embora em menor proporção que as duas anteriores. Assistir à televisão aparece em posição intermediária, com quatro citações, o que sugere que, apesar de presente, não constitui a principal opção de lazer entre os participantes. Por fim, outras atividades foram mencionadas três vezes, englobando hábitos diversos relatados pelos participantes, conforme o Gráfico 3 a seguir:

**Gráfico 3** - Atividades dos participantes do CLeFS nas horas vagas



Fonte: Produzido pela autora (2025).

Nessa questão, os participantes puderam indicar mais de uma atividade realizada nas horas vagas. O gráfico mostra que, entre os 14 respondentes, a leitura e navegação nas redes sociais constituem as práticas mais recorrentes nas horas vagas dos participantes.

Recorre-se aos dados da pesquisa “*Retratos da Leitura no Brasil*” (2024) para uma comparação e foi constatado uma similaridade entre os dados apontados em ambos os cenários. A pesquisa mostra que o uso de redes sociais, como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, aumenta com o nível de escolaridade, sendo que 22% estava no Ensino Fundamental I e, ao chegarem ao Ensino Superior, o percentual atinge 64% dos que usam as redes sociais em seu tempo livre (PROLIVRO, 2024). No que diz respeito aos participantes do CLeFS, 64% apontaram que usam as redes sociais em horas vagas.

Com relação à realização de atividade de leitura em seu tempo livre, a pesquisa aponta que as pessoas que leem jornais, revistas ou livros crescem com a escolaridade, passando de 27% no Ensino Fundamental I para 77% no Ensino Superior (PROLIVRO, 2024). Quanto aos participantes do CLeFS, 64% apontaram que realizam leituras em seu tempo livre. Desse modo, ambos os estudos indicam que as atividades de leitura e uso de redes sociais são bem presentes na rotina de crianças, jovens e adultos, especialmente à medida que avançam na escolaridade, como ressalta a pesquisa sobre leitura no Brasil.

A quarta questão: *Você se considera um(a) leitor(a)?* Como respostas, seis dos participantes disseram que sim, oito afirmaram que são mais ou menos leitores, e nenhum se declarou como um não leitor, de acordo com o Quadro 1. Nesse questionamento, não foi estabelecido nenhum parâmetro ou conceito específico para que eles pudessem se identificar como leitores ou não; ao contrário, abriu-se um espaço para que justificassem suas próprias percepções sobre o tema. Assim foram as justificativas dos respondentes para esta pesquisa:

**Quadro 1** - Você se considera um(a) leitor(a)? Justifique sua resposta

Participantes	Respostas			Justificativas
	Sim	Não	Mais ou menos	
Clubista B	-	-	X	“Porque eu ainda erro às vezes”.
Clubista C	X	-	-	“Porque eu gosto de ler”.
Clubista E	-	-	X	“Porque leio apenas 8 páginas por dia”.
Clubista F	-	-	X	“Porque leio em poucas semanas”
Clubista G	-	-	X	“Eu leio mais ou menos todo dia”.
Clubista H	-	-	X	“Não tenho muito hábito, mas sempre procuro ler uma ou duas vezes na semana”
Clubista I	X	-	-	“Assim a maioria das vezes leio muito na escola”.
Clubista J	-	-	X	“Não tenho hábito (de) ler muitos livros, apesar de ler bastante livro na faculdade”.
Clubista K	X	-	-	“Leio com frequência, gosto da leitura, não gosto de todos os gêneros, mas os que me interessam eu me dedico”.
Clubista L	X	-	-	“Estou cursando faculdade e é semipresencial, o conteúdo é todo online”.
Clubistas A e N	-	-	X	Sem justificativas
Clubistas D e M	X	-	-	Sem justificativas

Fonte: Produzido pela autora (2025).

De acordo com as respostas dos participantes, sua percepção sobre ser leitor pode ser entendida como processo de decifração de códigos, letras e palavras, como mencionado pelo clubista B: “Porque eu ainda erro às vezes”. Além disso, os clubistas E, F, G e H relacionam seu entendimento de ser leitor ou mais ou menos leitor a duas perspectivas. A primeira refere-se a uma métrica que envolve a quantidade de páginas consumida por dia, enquanto a segunda está relacionada ao tempo dedicado à leitura, com exemplos como “leio em poucas semanas”, “leio mais ou menos todo dia” e “leio uma ou duas vezes na semana”.

Por outro lado, as falas dos clubistas I e J se concentram na leitura escolar e acadêmica, considerada uma atividade obrigatória para avançar nas etapas educativas. Eles se autodeclararam leitores com base na percepção de que as leituras feitas na escola e na faculdade já são suficientes para se considerarem leitores, ou mais ou menos leitores, como afirmou J. Ademais, o clubista L afirma que está na faculdade e o conteúdo é online, mas não faz referência quanto ao hábito da leitura, apenas confirma ser leitor.

Os clubistas C e K são os únicos a afirmar que leem por gosto, pois gostam de ler. Em suas falas, percebe-se um prazer pela leitura e uma dedicação especial aos gêneros preferidos, expresso na fala do clubista K.

Como essa pergunta abrange a questão de ser leitor ou não leitor, não é possível abordá-la sem considerar a leitura e seus elementos, bem como as concepções teóricas sobre o tema. Nesse contexto, dentro da concepção de leitura, Rildo Cosson entende que:

[...] ler consiste em produzir sentidos por meio de um diálogo, um diálogo que travamos com o passado enquanto experiência do outro, experiência que compartilhamos e pela qual nos inserimos em determinada comunidade de leitores. Entendida dessa forma, a leitura é uma competência individual e social, um processo de produção de sentidos que envolve quatro elementos: o leitor, o autor, o texto e o contexto (Cosson, 2020, p. 36).

O quinto questionamento foi uma pergunta fechada com várias opções de gêneros como respostas: *Se você se considera um(a) leitor(a), qual é o seu gênero literário preferido?* As respostas apresentaram certa variedade, conforme demonstrado no Quadro 2 a seguir. Embora a questão solicitasse a escolha de um único gênero preferido, alguns participantes marcaram mais de uma alternativa.

**Quadro 2** - Se você se considera um(a) leitor(a), qual é o seu gênero literário preferido?

Gênero	Número de citações
Romance	6 citações
Poesia	6 citações
Conto	3 citações
Ficção científica	2 citações
Outros gêneros	2 citações
Cordel	1 citação
Biografia	1 citação

Fonte: Produzida pela autora (2025).

Nesse contexto, os gêneros literários mais citados pelos participantes foram romances e poesias, ambos com seis citações. Ao relacionar esse dado com o último questionamento deste bloco, percebe-se que o gênero romance também foi um dos mais

mencionados como obras lidas no CLeFS. Por outro lado, o gênero poesia, embora seja um dos preferidos, é pouco citado na lista de obras lidas pelos clubistas.

A sexta pergunta feita aos clubistas se refere a um questionamento aberto: *Do que você mais gosta ao participar do Clube de Leitura (CLeFS)?* Nesse item alguns participantes se sentiram à vontade para elegerem mais de uma atividade, como detalhado no Quadro 3 a seguir:

**Quadro 3** - Do que você mais gosta ao participar do CLeFS?

Atividades citadas	Número de citações
Clube do livro	7 citações
Brincadeiras	6 citações
Leituras	3 citações
Oficinas, Gincanas e Clube de mulheres	2 citações cada atividade
Dinâmica com as crianças e Rodas de leitura	1 citação cada atividade

Fonte: Produzido pela autora (2025).

De acordo com as atividades citadas acima, o Clube do Livro é apontado pelos participantes como a atividade que eles mais gostam no CLeFS, com sete citações. Além disso, as leituras foram apontadas por três clubistas e as Rodas de Leitura por um participante.

A partir desses dados, é importante observar que o questionamento feito foi aberto e, nesse caso, pode-se inferir que as três atividades, “clube do livro, as leituras e as rodas de leitura”, que ao todo somam em torno de 60% das atividades preferidas, se referem às práticas ligadas à leitura, promovidas pelo CLeFS. Assim, depreende-se com esse resultado que o espaço realiza um trabalho motivacional de incentivo à leitura e desenvolve práticas comuns características do “clube do livro, clube de leitura, círculo de literatura, círculo de leitura” (Cosson, 2020, p. 131) e ainda das rodas de leitura, fazendo com que os participantes do CLeFS e da comunidade Sítio Barreiros tenham um envolvimento maior com a leitura para além da escola regular.

O sétimo questionamento versa: *O Clube de leitura (CLeFS), de alguma forma, influenciou a escolha de suas leituras pessoais?* A maioria dos participantes afirmou que o clube teve influência em suas escolhas de leitura. Foram registradas nove citações que

afirmam essa relação. Ademais, duas citações indicam que a influência foi parcial, e há também três citações que negam qualquer impacto do CLeFS na escolha das leituras pessoais, de acordo com o Quadro 4. Nessa questão abre-se espaço para que o clubista justifique sua afirmação. Assim, destacam-se as justificativas apresentadas pelos participantes.

**Quadro 4 - O CLeFS, de alguma forma, influenciou a escolha de suas leituras pessoais?**

<b>Participantes</b>	<b>Afirmação</b>	<b>Justificativas</b>
Clubista E	Sim	“Tenho alguns livros em casa e leio na escola”.
Clubista G	Sim	“Porque desenvolveu a minha leitura”.
Clubista H	Em parte	“Quando me interesse e gosto do tema e do contexto”.
Clubista I	Em parte	“Quando gosto do livro, acho legal a história e o contexto”.
Clubista K	Sim	“O contato de perto com livros que nunca tive chance de analisar e pesquisar me trouxe um entendimento a mais, além da própria leitura”.
Clubista L	Sim	“Quando comecei a faculdade não tinha computador para estudar e foi no clube de leitura que consegui estudar os dois primeiros semestres da faculdade. Algumas obras me influenciaram a ler mais”.
Clubista M	Não	“Devido ao meu gosto de gênero literário, romance, principalmente romances mais modernos, não temos muito no acervo que me interessa”.
Clubistas A e J	Não	Sem justificativas
Clubistas B, C, D, F e N	Sim	Sem justificativas

Fonte: Produzida pela autora (2025).

Das sete justificativas, seis foram analisadas à luz de duas perspectivas distintas: uma que vê o CLeFS como um espaço de mediação literária, de incentivo e desenvolvimento da leitura, encorpado nas atividades do clube do livro e das rodas de leitura. E uma outra, que considera o CLeFS como um espaço concreto de guarda e empréstimos de livros, bem como um espaço complementar para a execução de atividades práticas ligadas a aulas da escola regular e faculdade, espaço esse que pode ser considerado como uma biblioteca comunitária e sala de leitura.

Dentro da primeira perspectiva, estão as respostas dos clubistas G, H, I e K. O clubista G foi contundente ao afirmar que o clube de leitura contribui para seu desenvolvimento como leitor, e isso vai ao encontro de alguns pesquisadores como Cosson (2020, 2021c) e Maria (2016) ao afirmarem que os clubes de leitura, os círculos de leitura,

os clubes do livro têm papéis relevantes na formação de leitores e no desenvolvimento dos participantes.

Os clubistas H e I emitiram respostas bastante semelhantes, ao afirmarem que a influência do CLeFS ocorre em parte, especialmente quando a temática do livro e a história conseguem despertar o seu interesse. Nesse sentido, é importante mencionar que a efetividade dessa influência vai depender da experiência e da forma como o mediador conduz a leitura e as discussões em atividades como o clube do livro e as rodas de leitura. Além de tudo, essa influência também depende do amor pela leitura que os mediadores possuem. Como destaca Petit (2009, p. 161), “para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor”. Portanto, entende-se que o envolvimento pessoal do mediador com a leitura constitui um elemento fundamental para que as práticas de mediação consigam despertar o interesse dos participantes.

Às vezes, a leitura de uma obra, por si só, pode não atrair o leitor, mas o mediador de leitura, de forma contagiante, e de posse acumulada de várias experiências de leitura pode aproximar o clubista de uma obra que, de outra forma, não lhe despertaria o interesse.

O clubista K menciona que a influência do CLeFS constituiu uma experiência única, ainda não oportunizada em outros momentos da vida. A expressão “contato de perto com livros” pode significar tanto uma aproximação física com o pequeno acervo do CLeFS quanto uma relação afetuosa com os livros, proporcionada pelas análises literárias mediadas pelos encontros promovidos pelo clube do livro e as rodas de leitura.

É sabido que, nos encontros dos clubes do livro ou clubes de leitura em gerais, a leitura é explorada em profundidade; as diversas perspectivas dos leitores são colocadas em discussão, e seus pontos de vistas são abertos ao grupo, sem temer retaliações, como muitas vezes ocorre em salas de aula, em que atividades de leitura e interpretação de textos literários costumam ter como válidas respostas padrão dadas para toda a turma. Nesse contexto, é importante salientar o que destaca Cosson sobre a leitura de uma obra em um círculo de leitura:

Em um círculo de leitura, vale mais o processo do que o conteúdo, ou seja, o que realmente importa para aprendizagem é menos a leitura daquela obra específica e mais leitura intensiva de uma obra, isto é, ler observando cada aspectos da obra, os detalhes do contexto, da linguagem, da maneira de narrar a história, da construção das personagens, das suas falas, do confronto de pensamento entre narrador e as personagens, as relações com outros textos e assim por diante, conforme as características do texto e a experiência do leitor (Cosson, 2021c, p. 46).

Ainda em relação à citação do clubista K, a expressão “um entendimento a mais” pode indicar que as análises literárias promovidas pelo Clube do Livro e pelas Rodas de Leitura tenham desenvolvido no participante uma melhor compreensão e interpretação de textos, e, conseqüentemente, seu desenvolvimento como leitor.

Na segunda perspectiva estão incluídas as justificativas dos clubistas L e M. O clubista L percebe o ambiente como uma extensão da própria faculdade, visto que, na ausência de meios tecnológicos em casa, vê o espaço propício para a execução de atividades práticas ligadas às aulas. Assim, o CLeFS aparece como um fator que causa impacto positivo na vida dos participantes, além do incentivo à leitura.

Ainda dentro da perspectiva de espaço físico e biblioteca, o clubista M afirma que o CLeFS não influenciou em suas escolhas pessoais de leitura. Ele levou em consideração para a afirmação o fato de o Clube ter um acervo limitado do gênero romance, que aponta o romance moderno como leitura predileta. Embora o acervo limitado de obras da preferência literária do clubista, isso não o impede de destacar, em outro momento do questionário, que o Clube do Livro é a atividade de que mais gosta no CLeFS.

Por último, na fala do clubista E, percebe-se uma descontextualização do questionamento feito, ao afirmar que possui livros em casa e realiza a leitura na escola.

A última questão do bloco foi: *Você conseguiria listar algumas obras e/ou textos lidos no Clube de leitura (CLeFS)?* Os dados coletados do questionário dos participantes trazem uma variedade de obras literárias, de acordo com o Quadro 5. Entre elas, destacam-se *O Príncipe e o Mendigo*, de Mark Twain; *Poliana Moça*, de Eleanor H. Porter e *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, como as mais citadas pelos participantes. Além do mais, de todos os títulos listados pelos participantes, um deles não foram encontradas referências da obra e seu autor ou autores. Trata-se de *Poesias de Olavo*.

**Quadro 5** - Você conseguiria listar algumas obras e/ou textos lidos no CLeFS?

<b>Obras</b>	<b>Autores</b>	<b>Gênero / Tipo de livro</b>	<b>Tem no acervo CLFS</b>
<i>A Ilha do Tesouro</i>	Robert Louis Stevenson	Literatura Infantojuvenil	Sim
<i>Quando o Sonho te Contagia</i>	Jakeline Duarte	Psicologia / Autoajuda	Sim
<i>Ouvindo as Conchas (do mar)</i>	Luciano Pontes	Literatura Infantil	Não
<i>Dinos brasileiros (Novos Dinos do Brasil)</i>	Luiz E. Anelli	Literatura infantil	Sim
<i>Penélope</i>	<i>Marilyn Kaye</i>	Literatura Infantojuvenil	Não
<i>O Sol Mais Brilhante</i>	Adrienne Benson	Romance	Não
<i>Poliana Moça</i>	Eleanor H. Porter	Literatura Infantojuvenil	Sim
<i>Alice no País dos Espelhos</i>	Lewis Carroll	Literatura Infanto-Juvenil	Sim
<i>Quem Mexeu no Meu Queijo</i>	<i>Spencer Johnson</i>	Parábola/Carreiras	Sim
<i>Histórias Extraordinárias</i>	<i>Edgar Allan Poe</i>	Contos	Não
<i>O Pequeno Príncipe</i>	Antoine de Saint-Exupéry	Literatura Clássica	Sim
<i>O Príncipe e o Mendigo</i>	Mark Twain	Literatura Infantojuvenil	Sim
<i>Diário de um Banana</i>	Jeff Kinney	Literatura Infantojuvenil	Sim
<i>Apenas Diferente</i>	Anna Claudia Ramos	Literatura Infantojuvenil	Sim
<i>Poesias de Olavo</i>		(Poesias)	Não
<i>Diário de Anne Frank</i>	Anne Frank	Biografias	Sim
<i>A Culpa é das Estrelas</i>	John Green	Romance	Sim
<i>A Panqueca Fugitiva</i>	Augusto Pessoa	Contos	Sim
<i>Milagre em Prato</i>	Laurie Lico Albanese e Beatriz Horta	Romance	Não
<i>Juntando os Pedacos</i>	Jennifer Niven	Romance	Sim
<i>A menina que Roubava Livros</i>	Markus Zusak	Romance	Não
<i>Filho Rico Filho Vencedor</i>	Robert Kiyosaki	Romance	Não
<i>A Coragem de Ser Feliz</i>	Ichiro Kishimi e Fumitake Koga	Psicologia/Autoajuda	Não

Fonte: Produzido pela autora (2025).

No intuito de conferir um pouco mais sobre essas “supostas leituras feitas no CLeFS”, foi feita uma pesquisa com todos os títulos citados pelos participantes e acrescenta-se no quadro o autor da obra original, sabendo-se que muitas obras têm traduções, adaptações e recontos. Assim, as obras foram categorizadas em gêneros literários ou tipos de livro, embora seja importante observar que não foi feita uma pesquisa apurada de cada obra para uma classificação precisa.

Na classificação feita acima estão presentes gêneros como a literatura infantojuvenil, a mais apontada, romances, contos, literatura infantil, poesias, psicologia/autoajuda, literatura clássica e biografia.

Sobre essa variedade de obras e gêneros textuais apontada como lida pelos membros do clube, entende-se que o contato com tal diversidade contribui para uma leitura formativa e para a construção de um leitor competente.

[...] o conhecimento de vários tipos de textos permite que o leitor se movimente entre eles e construa um repertório que lhe servirá de parâmetro para as próximas leituras. [...] O leitor que restringe a sua experiência de leitura a apenas um único tipo de texto, ainda que o faça extensivamente, termina por empobrecer seu repertório e limitar a sua competência de leitor (Cosson, 2020, p. 46).

Na análise dos dados sobre as obras, é importante observar que todos os participantes citaram pelo menos um título de uma obra ou livro lido, o que indica que eles têm contato com livros fora do ambiente escolar ou faculdade, sejam literários ou não. Além disso, foi realizada uma busca no acervo do CLeFS para verificar quais títulos apontados por eles estão disponíveis para empréstimo, facilitando assim a leitura.

Com base nesses dados, pode-se perceber que 60% das obras indicadas como lidas estão disponíveis no acervo do CLeFS, o que significa que a maioria das leituras feitas por eles ocorre a partir de obras físicas disponíveis para empréstimo. Nesse contexto, pode-se refletir sobre as comunidades de leitores, onde muitos fatores influenciam as escolhas de leitura, desde a disponibilização física do título como acontecem no CLeFS, até o que se considera como questões mais amplas, como:

[...] a relação aparentemente simples entre autor, obra e leitor encontra-se permeada pelas instituições, pelo mercado e pelo repertório que não apenas sustentam como determinam em grande parte as práticas de leitura de uma comunidade (Cosson, 2020, p. 139).

Muitas vezes, não se lê o que queremos, mas aquilo que nos é oferecido e disponibilizado naquele momento e época.

#### 4.2.2 Percepção das vantagens

No segundo bloco, os questionamentos foram direcionados aos participantes e/ou clubistas com o objetivo de apontar suas percepções quanto às vantagens das práticas no CLeFS. O bloco citado possui três questões, conforme desenvolvido a seguir.

Com o objetivo de destacar as práticas que os participantes consideraram mais relevantes para seu desenvolvimento como leitores, a primeira pergunta abordava: *Quais práticas do Clube de Leitura (CLeFS) você considera mais eficazes para o seu desenvolvimento como leitor(a)?* As respostas buscam revelar se o trabalho realizado nesse espaço realmente contribui para o crescimento dos participantes e se causa impactos positivos, especialmente no desenvolvimento do sujeito leitor. Segue o Quadro 6 com as respostas dos clubistas:

**Quadro 6** - Quais práticas do CLeFS você considera mais eficazes para o seu desenvolvimento como leitor(a)?

Participantes	Respostas
Clubista A	Não respondeu
Clubista B	“A leitura pessoal de livros”.
Clubista C	“Ler e escrever”.
Clubista D	“Ler e escrever resumos de livros”.
Clubista E	“O clube do livro e roda de leitura”.
Clubista F	“Ler e clube do livro”.
Clubista G	“O clube do livro”.
Clubista H	“Mais confiança na leitura e na hora de se expressar”.
Clubista I	“Ter a prática de compartilhar sua leitura ao público (clube do livro)”.

Clubista J	“As oficinas e as rodas de leitura porque traz muita aprendizagem e melhora a leitura”.
Clubista K	“O resumo oral feito no clube do livro, acredito que ajude bastante na oralidade e no desenvolvimento da timidez de algumas pessoas”.
Clubista L	“O clube do livro me ajudou muito, pois podemos falar sobre a obra lida e isso gera um gosto ainda mais pela leitura”.
Clubista M	“Falar em público, para melhorar minha oratória, na hora que vou comentar sobre minha leitura”.
Clubista N	“O conhecimento no mundo dos livros”.

Fonte: Produzido pela autora (2025).

Com exceção do clubista A, todos os participantes responderam ao questionamento. Assim, treze respostas foram compiladas e analisadas. Os clubistas E, F e G foram incisivos em afirmar objetivamente que o clube do livro e as rodas de leitura são consideradas como as práticas mais eficazes no seu desenvolvimento como leitores. O clubista K se aprofunda mais nos desdobramentos provocados pela prática do clube do livro, ao afirmar que o “resumo oral”, que se pode entender como a exposição da leitura feita pelos participantes e as discussões dos variados pontos de vistas, desenvolvem a capacidade de se comunicar por meio da fala e dar subsídios para a diminuição da timidez de algumas pessoas.

A fala do clubista H destaca como prática eficaz o desenvolvimento da “segurança” tanto na hora de ler quanto na hora de se comunicar e se expressar. Por mais que possa ser considerado clichê o fato de quem tem mais confiança na leitura compreende melhor os textos, facilitando a expressão das ideias, opiniões e sentimentos, ganha, segundo Luzia de Maria, um outro olhar quando se propõe uma proposta metodológica em forma de clube do livro em uma escola pública do Rio de Janeiro. A autora afirma que “saber ler e expressar-se com clareza, oralmente e por escrito, deve ser prioridade máxima do processo educativo” (Maria, 2016, p. 209).

Um outro tópico retirado das falas acima diz respeito ao compartilhamento da leitura em público promovido pelo clube do livro, presente nas falas dos clubistas I e L, sobretudo o clubista L quando afirma que a obra lida pode promover o gosto pela leitura. As palavras de Luzia de Maria justificam as vantagens, os ganhos com o compartilhamento da leitura promovido pelo seu clube do livro aos seus alunos do Ensino Médio:

[...] os alunos eram permanentemente desafiados a comentar suas impressões acerca do que tinham lido. Isso era feito não como um evento, previamente preparado: não, isso era prática cotidiana. Eles eram convocados a organizar seu pensamento, eram levados a “arrumar as palavras” numa expressão clara, coerente, compreensível por todos. Ao terminar cada leitura, imediatamente deviam registrar suas impressões em um texto escrito. Minha expectativa era que escrevessem ao menos duas páginas sobre o livro. Lendo os cadernos, era visível o crescimento da escrita, as palavras fluíam melhor, o domínio da sintaxe ia progressivamente se consumando. O vocabulário, ah! esse ia se tornando cada dia mais rico e variado (Maria, 2016, p. 209).

Nessa mesma perspectiva de desenvolvimento da expressão oral e da organização do pensamento por meio da leitura compartilhada, a fala do clubista M menciona como prática eficaz promovido pelo CLeFS o falar em público, uma habilidade específica que envolve comunicar-se de forma convincente diante de uma audiência, plateia ou grupo de pessoas, que pode incluir aspectos da oratória, mas também aspectos como postura, linguagem corporal e controle do nervosismo.

Ainda com relação às práticas eficazes do CLeFS para desenvolvimento como leitor, os clubistas B, C, D e N emitiram respostas bastante genéricas sobre as práticas. Nesse contexto, os clubistas C e D mencionam habilidades básicas como a leitura e a escrita. Enquanto o clubista B aborda a “leitura pessoal de livros”, o que sugere que o clube estimula a autonomia e a construção de uma relação individual com a leitura, por outro lado, o clubista N aborda as possibilidades de conhecimento ofertadas pela leitura.

A segunda questão deste bloco foi assim composta: *De que forma o Clube de Leitura (CLeFS) tem contribuído para aumentar seu interesse por leitura literária (Literatura) e/ou leitura em geral?* Essa questão busca trazer as percepções dos participantes sobre como o CLeFS contribui para despertar ou fortalecer seu interesse pela leitura, seja de obras literárias ou de outros textos. Assim, as respostas foram expostas no Quadro 7 a seguir:

**Quadro 7** - De que forma o CLeFS tem contribuído para aumentar seu interesse por leituras?

Participantes	Respostas
Clubista C	“Ajudando a desenvolver minha leitura”.
Clubista D	“Contribuindo com as brincadeiras e os prêmios”.
Clubista E	“Com a roda de leitura”.
Clubista F	“Clube do livro”.

Clubista G	“Clube do livro”.
Clubista H	“O compartilhamento de leituras e ideias”.
Clubista I	“A gente conhece novas leituras, novos autores”.
Clubista K	“Tem contribuído diretamente na minha rotina, a leitura tem se tornado mais frequente para mim”.
Clubista L	“Conhecer diversos gêneros e obras diferentes”.
Clubista M	“Conhecemos autores, gêneros novos”.
Clubistas A, B, J e N	Não responderam

Fonte: Produzido pela autora (2025).

Analisando as dez respostas acima, o clubista C afirma que o clube contribui para o desenvolvimento da leitura, mas sem justificativa como se dá esse processo e o D emite uma resposta fora do contexto da pergunta, ao mencionar brincadeiras e prêmios.

Percebe-se, nos clubistas E, F e G, as repetições das respostas da questão anterior, mais uma vez colocando em destaque a prática do clube do livro e das rodas de leitura com uma forma de aumentar seus interesses por leitura. Além disso, o clubista H menciona o compartilhamento de leituras e ideias como forma atuante no aumento do interesse pela leitura, tema esse discutido na questão anterior.

Os clubistas I, L e M elencam como forma de aumentar os seus interesses pela leitura literária aquilo que é comum em todo grupo de pessoas, seja ele clube do livro, clube de leitura, círculo de leitura, que se reúne para discutir sobre obras e textos lidos. Quando uma leitura é exposta, muitas vezes, evoca nos participantes outra leitura, outro gênero, autores de outras nacionalidades e etnias, e isso aguça a curiosidade dos leitores, que até então não conheciam, a buscar essas indicações. Assim supõe-se que o CLeFS e os demais grupos de leitura contribuem para esse conhecimento de gêneros, autores e obras como mencionam tais clubistas.

A fala do clubista K menciona a relação direta do CLeFS na mudança de rotina do participante, pois ele afirma que a leitura passou a se tornar mais frequente em sua vida. Essa afirmação pode ser considerada que a participação no clube do livro ou rodas de leitura tenha influenciado a afirmação deste leitor.

Os dois questionamentos postos anteriormente foram repetitivos em alguns pontos mencionados pelos participantes, como a reiteração de falas sobre as práticas do clube do livro e as rodas de leitura, e o destaque do compartilhamento das leituras durante essas

práticas. Isso, em um mesmo espaço, gera desdobramentos como desenvolvimento de competências e habilidades mencionadas pelos clubistas, como: melhora da leitura; desenvolvimento da oralidade; diminuição da timidez; aumento do gosto pela leitura; desenvolvimento da fala em público; conhecimento de gêneros, obras e autores e o aumento da frequência da leitura.

Além de todas as competências e habilidades elencadas pelos participantes, Cosson (2020, p. 139), reitera que “é pelo reconhecimento de seu aspecto formativo que os círculos de leitura têm sido amplamente adotados nas escolas, sobretudo pela sua aplicabilidade na formação do leitor”.

A terceira questão deste bloco foi estruturada com uma pergunta de múltipla escolha, com várias opções: *Qual foi a principal vantagem que você encontrou ao participar das atividades do Clube de Leitura (CLeFS)?* Foram apresentadas oito alternativas, de acordo com o Quadro 8, além de uma opção aberta para que os participantes pudessem compartilhar percepções não listadas previamente no questionário:

**Quadro 8** - Qual foi a principal vantagem que você encontrou ao participar das atividades do CLeFS?

<b>Alternativas propostas no questionário</b>	<b>Quantidade de citações</b>
Desenvolvimento do hábito da leitura	7 citações
Promoção da diversidade de perspectivas leitoras	5 citações
Desenvolvimento do gosto/prazer de ler	4 citações
Melhora na compreensão e interpretação de textos	4 citações
Troca de experiências e vivências relacionadas à leitura e à vida	4 citações
Sentimento de pertencimento ao grupo ou comunidade leitora	3 citações
Ampliação do repertório literário	2 citações
Formação/melhoramento do senso crítico	Nenhuma citação
Outra. Qual?	Sem resposta

Fonte: Produzido pela autora (2025).

De acordo com a análise dos dados, a vantagem mais citada pelos participantes foi o “desenvolvimento do hábito da leitura”, mencionado por sete clubistas. Embora essa questão seja objetiva, em outras respostas do questionário, é possível perceber falas que destacam

essa vantagem, a exemplo do clubista G, que afirmou que o clube do livro “desenvolveu a minha leitura”, e a do clubista H, que destacou a aquisição de “mais confiança na leitura” como resultado dessa prática. Ambas as respostas convergem para o aspecto anteriormente mencionado.

Em se tratando de vantagem promovida pelo clube de leitura, Cosson (2020) destaca que o círculo de leitura é uma prática que tem vários benefícios, como a reflexão coletiva, a ampliação da capacidade leitora e o desenvolvimento da competência literária. Além disso,

[...] as discussões dos círculos de leitura ajudam a desenvolver o alto raciocínio, favorecem o domínio da escrita e promovem o letramento literário em um movimento que incorpora à formação do leitor o prazer de ler e a construção compartilhada da interpretação (Cosson, 2020, p. 177).

A segunda alternativa mais mencionada foi a “promoção da diversidade de perspectivas leitoras”, que ocorre naturalmente em clubes do livro e grupos similares, em que compartilhar percepções e pontos de vista enriquece a experiência de leitura. Além disso, a “troca de experiências e vivências relacionadas à leitura e à vida” foi citada por quatro participantes, reiterando a ideia de que o CLeFS favorece essa experiência.

Outro aspecto bem pontuado foi o “sentimento de pertencimento ao grupo ou comunidade leitora” também mencionado por três participantes. Essa sensação pode estar relacionada ao projeto Prêmio Motivacional, que incentiva os participantes a se envolverem ativamente na comunidade Sítio Barreiros para construção de trabalho de pesquisa e escrita, que tem como protagonistas os próprios moradores com suas vivências e experiências, seus hábitos e desafios enfrentados ao longo do tempo. Esse projeto, que antecedeu a fundação do CLeFS, pode estar contribuindo para que alguns participantes se sintam parte de um grupo ou uma comunidade leitora.

As alternativas “desenvolvimento do gosto/prazer de ler” e “melhora na compreensão e interpretação de textos” receberam quatro citações cada, sendo consideradas vantagens importantes pelos participantes. Além do mais, a “ampliação do repertório literário” foi mencionada por dois clubistas, o que sugere que, quanto mais se lê e se discute literatura, maior é o repertório literário e cultural.

#### 4.2.3 Percepção das desvantagens

No terceiro bloco, os questionamentos foram direcionados aos participantes e/ou clubistas com o objetivo de identificar suas percepções quanto às desvantagens das práticas desenvolvidas no CLeFS. O instrumento contemplou duas questões abertas e uma questão fechada, conforme apresentado a seguir.

A primeira questão do bloco aborda: *Qual a principal desvantagem que você encontrou nas práticas desenvolvidas ao participar do Clube de Leitura (CLeFS)?* Foram analisadas dez respostas dos participantes, conforme o Quadro 9 abaixo:

**Quadro 9** - Qual a principal desvantagem nas práticas desenvolvidas ao participar do CLeFS?

<b>Participantes</b>	<b>Respostas</b>
Clubista B	“A ausência da coordenadora para orientar”.
Clubista E	“O povo não se interessa por uma oportunidade de aprendizado”.
Clubista F	“Por ele ser pequeno”.
Clubista G	“Espaço pequeno”.
Clubista H	“A falta de interesse de adolescentes da comunidade”.
Clubista I	“A falta de interesse das pessoas”.
Clubista J	“A falta de interesse dos jovens”.
Clubista K	“A falta de interesse por parte de algumas pessoas”.
Clubista L	“A falta de interesse de algumas pessoas da comunidade e a falta de tempo em participar”.
Clubista M	“Um pouco de falta de interesse de alguns participantes para ler, ou discutir, ouvir o outro”.
Clubistas A, C, D e N	Não responderam

Fonte: Produzido pela autora (2025).

A partir das respostas apresentadas no quadro, observa-se que a principal desvantagem percebida nas práticas desenvolvidas no CLeFS está relacionada, sobretudo, à falta de interesse de parte da comunidade em participar das atividades propostas. Sete clubistas: E, H, I, J, K, L e M mencionaram explicitamente esse aspecto, referindo-se, principalmente, à pouca adesão de adolescentes, jovens e de algumas pessoas da comunidade às atividades promovidas pelo clube. Esse dado sugere que, embora o CLeFS seja reconhecido pelos participantes como um espaço significativo de convivência cultural, ainda

enfrenta dificuldade em ampliar o envolvimento do público local. A recorrência dessa percepção nas respostas indica que os próprios clubistas identificam um potencial formativo no clube que, em certa medida, não é plenamente explorado devido à baixa participação de novos membros da comunidade.

Além disso, algumas respostas apontam para outras limitações estruturais e organizacionais que também podem interferir no desenvolvimento das atividades. Os clubistas F e G destacam o tamanho reduzido do espaço físico da biblioteca, o que pode tornar desconfortável a realização de atividades com crianças, jovens e adultos, enquanto o clubista B menciona a ausência da coordenadora em determinados momentos como um fator desvantajoso. Tais aspectos revelam que, para além do desinteresse de parte do público, existem também condições materiais e de mediação que podem impactar a dinâmica do clube, especialmente quando se considera que espaços de leitura comunitária dependam, em grande medida, da presença de coordenadores e/ou mediadores e de ambientes adequados para orientação dos participantes.

A segunda questão do bloco versa sobre: *Você encontrou algum desafio ou dificuldade nas práticas de leitura do Clube de Leitura (CLeFS)?* Esse questionamento foi fechado com cinco alternativas e opção de espaço para citarem outras alternativas. O Quadro 10 a seguir apresenta as opções de respostas:

**Quadro 10** - Você encontrou algum desafio nas práticas de leitura do CLeFS?

Alternativas propostas no questionário	Quantidade de citações
Falta de tempo para participar	8 citações
Dificuldade em acompanhar o ritmo do clube	2 citações
Limitações nos recursos ou materiais disponíveis	2 citações
Desinteresse por determinado gênero ou obras	1 citação
Possível exclusão ou intimidação de leitores menos experientes	Nenhuma citação
Outro. Qual?	Nenhuma citação

Fonte: Produzido pela autora (2025).

De acordo com dados do questionário, o principal desafio ou dificuldade encontrada pelos participantes, com oito citações, refere-se à “falta de tempo para participar”. Nesse contexto, é importante destacar que, segundo a coordenadora do CLeFS, as atividades do

Clube são organizadas para acontecerem principalmente durante os finais de semana. Em entrevista com a coordenadora do espaço, em 09 de janeiro de 2025, no Sítio Barreiros, ela destaca que os encontros do CLeFS ocorrem mais nos finais de semana, pois há jovens que estudam em tempo integral e mesmo ela, sendo mediadora, trabalha durante a semana enquanto servidora estadual. Além disso, menciona que os participantes podem ir até a biblioteca ou levar o livro para a casa e retornar nas datas marcadas para os encontros.

Outros desafios citados duas vezes cada foram a “dificuldade em acompanhar o ritmo do clube” e as “limitações nos recursos ou materiais disponíveis”. Quanto à primeira, é natural que, em grupos de pessoas, alguns precisem de uma atenção maior para acompanhar o ritmo, assim como ocorre em sala de aula. Isso requer atenção da coordenadora e dos monitores para garantir que todos participem de forma confortável e igualitária. Sobre as limitações de recursos, elas começam pelo espaço físico pequeno e pela falta de materiais para as atividades, além da carência de acervo literário e obras acadêmicas. Ainda assim, a maioria das leituras feitas pelos participantes são de obras disponíveis no acervo do CLeFS.

A última questão do bloco aborda: *Quais aspectos você acredita que poderiam ser melhorados nas práticas de leitura desenvolvidas pelo Clube de Leitura (CLeFS)?* As respostas são apresentadas no Quadro 11 e podem servir como ponto de partida para o desenvolvimento de novas ações e melhorias nas atividades já realizadas.

**Quadro 11** - Quais aspectos poderiam ser melhorados nas práticas de leitura desenvolvidas pelo CLeFS?

<b>Participantes</b>	<b>Respostas</b>
Clubistas A e B	Não responderam
Clubista C	“Ter mais participação”.
Clubista D	“Mais participação”.
Clubista E	“Ser um lugar menos barulhento na hora da leitura”.
Clubista F	“Mais participantes”.
Clubista G	“Mais participantes”.
Clubista H	“Mais número de pessoas e pessoas com mais interesse”.
Clubista I	“Acho que poderia ter as faixas etárias”.
Clubista J	“Acredito que as rodas de leituras deveriam acontecer mais vezes”.
Clubista K	“Mais pessoas participando”.

Clubista L	“Criar o clube do livro infantil e criar o clube do livro de mulheres”.
Clubista M	“Separar por faixas etárias os participantes”.
Clubista N	“Ter mais participantes”.

Fonte: Produzido pela autora (2025).

De acordo com as respostas do questionário, doze participantes compartilharam suas percepções sobre aspectos que poderiam ser aprimorados no CLeFS. Os clubistas C, D, F, G, H, K e N acreditam que aumentar o número de participantes seria um aspecto importante. Embora essa questão não dependa diretamente da gestão, é importante destacar que o espaço físico pequeno já foi apontado como uma desvantagem para quem participa. Para receber mais participantes, seria necessário um espaço maior, além de mais recursos e uma presença mais frequente da coordenação e dos monitores. O clubista E também destacou como ponto negativo o excesso de barulho durante a leitura.

Os clubistas I e M sugeriram que um trabalho direcionado por faixas etárias poderia melhorar o funcionamento do CLeFS. Essa estratégia poderia aumentar o interesse pela leitura, já que um livro infantil, por exemplo, pode não atrair adolescentes ou jovens, e vice-versa. Além disso, o clubista J apontou que seria relevante aumentar a frequência das rodas de leitura, pois infere-se que um intervalo muito longo entre esses encontros pode dispersar os participantes.

Por fim, a sugestão do clubista L de criar um clube do livro infantil e um clube do livro para mulheres poderia atender às necessidades apontadas pelos colegas I e M, ao desenvolver trabalhos mais específicos para cada faixa etária. Essa divisão também poderia atrair mais participantes, atendendo à maioria dos clubistas que sugeriram o aumento do número de participantes.

### **4.3 Clube de Leitura Fronteira do Saber: análise das entrevistas**

A leitura é uma atividade fundamental para a sobrevivência em qualquer contexto social nos dias de hoje. É um hábito que a escola e a família devem cultivar como uma conquista para toda a vida. No entanto, fazer com que as pessoas adquiram esse hábito para além da escola e da universidade ainda representa um grande desafio, especialmente no que diz respeito à sua efetividade. Nesse contexto, os clubes de leitura, os clubes do livro, os círculos de literatura, as rodas de leitura e as tertúlias literárias são criados e incentivados

diariamente, na maioria das vezes, com o objetivo de estimular leitores e fazer com que esse hábito ultrapasse os muros da escola e da universidade e perdure ao longo da vida como uma prática social.

Segundo a coordenadora do clube, em entrevista concedida, no dia 09 de janeiro de 2025, no Sítio Barreiros, que também atua como mediadora de leitura nos encontros do clube do livro e das rodas de leitura, atividades importantes do CLeFS, afirma que a leitura é trabalhada nesse espaço de forma livre, sem a formalidade e sistematização típicas da escola regular:

Não teve esse apoio [...], só a experiência de sala de aula, de saber que realmente os alunos deveriam ter algo extra fora de sala de aula, porque sala de aula é muito sistematizada. Você segue aquelas regras que o sistema lhe coloca e pronto. Então, aqui eu acho que o momento de dinâmica. Temos mais liberdade de trabalhar a leitura, eu acho, aqui, no clube de leitura (Entrevista coordenadora, Sítio Barreiros, 09 de janeiro 2025).

As palavras da mediadora de leitura do CLeFS, sobre trabalhar com a leitura de forma livre, vai ao encontro do que afirma Michèle Petit, em seu livro *A Arte de Ler*, de 2010.

Se o adulto impõe à criança o comportamento que ela deve ter, o bom jeito de ler, se ela se submete passivamente à autoridade de um texto, encarando-o como algo que lhe é imposto e sobre o que ela deve prestar contas, são poucas as chances de o livro entrar na experiência dela, na sua voz, no seu pensamento (Petit, 2010, p. 47-48).

A autora destaca a importância de uma abordagem mais livre e ativa do ato de ler, ao destacar que a imposição de um comportamento por outro durante uma leitura limita a experiência da criança. Nesse contexto, o CLeFS entra como um espaço de mediação que permite que a criança possa explorar, questionar e internalizar a leitura de forma autêntica, contribuindo com uma relação mais profunda e prazerosa com os livros e a literatura.

Ainda de acordo com a entrevista, a coordenadora destacou quatro participantes do CLeFS que evoluíram quanto à diminuição da timidez ao falarem em público e quanto ao desempenho da expressão oral. Além disso, ela mencionou a autonomia que esses jovens desenvolveram ao trabalhar em projetos junto ao clube, especialmente em benefício do público infantil. A coordenadora também ressaltou que esses avanços se refletem na

universidade em que alguns frequentam. Todos esses benefícios, segundo ela, são resultado direto da participação nas atividades do Clube.

Após concluída a análise dos dados do questionário dos respondentes e finalizada a pesquisa de levantamento, percebeu-se que as atividades do Clube do Livro e as Rodas de Leitura poderiam ser focos de aprofundamento para o estudo de caso. Ambos trabalham com o objetivo de incentivar e formar leitores, temática que está alinhada ao objetivo desta pesquisa.

Assim, definiu-se que as entrevistas a serem realizadas priorizariam essas duas práticas em busca de evidência para responder ao problema da pesquisa. Para a entrevista do estudo de caso, delimitou-se que seriam os cinco participantes que se autodeclararam no questionário de levantamento como maiores de 18 anos. Dessa forma, foi enviada uma carta convite a eles, via WhatsApp, solicitando participação no estudo mais uma vez. No entanto, um participante não aceitou o convite, e este foi estendido a um ganhador do projeto Prêmio Motivacional.

As entrevistas foram do tipo semiestruturadas, com interferência da pesquisadora em algumas respostas para ampliar as informações fornecidas pelos respondentes do CLeFS. As entrevistas foram feitas via *Google Meet*, gravadas por meio do aplicativo *OBS Studio* e transcrito em formato de texto por meio do aplicativo *Transcribe*. A entrevista seguiu um roteiro previamente definido com as seguintes questões, conforme o Quadro 12 a seguir:

**Quadro 12** - Roteiro das entrevistas com participantes do CLeFS

<b>Ordem</b>	<b>Roteiro das entrevistas</b>
01	O que o Clube de Leitura Fronteira do Saber representa para você ?
02	Quais vantagens você acredita que o Clube do Livro e Rodas de Leitura oferecem para a formação de leitores?
03	Como você percebe a interação entre os participantes durante os encontros do Clube do Livro?
04	Você já enfrentou dificuldades ou desvantagens ao participar do Clube do Livro e das Rodas de Leitura? Como você acha que poderiam ser melhoradas?
05	Você já percebeu alguma mudança na sua forma de entender ou interpretar textos após participar do Clube do Livro e das Rodas de Leitura?

Fonte: Produzido pela autora (2025).

Para a análise dos dados coletados das entrevistas, cada participante recebeu uma identificação para garantir o anonimato de sua identidade e das informações fornecidas. Assim, foram identificados como: A1, A2, A3, A4 e A5. Como técnica, foi utilizada a análise

de conteúdo temática de Bardin (2016). Essa abordagem permite identificar temas, termos, expressões e palavras extraídas das entrevistas dos participantes que possuem significados a serem interpretados pelo pesquisador.

Em relação aos entrevistados, é importante destacar que o participante A2 não participa diretamente das atividades do Clube do Livro e das Rodas de Leitura. Ele foi convidado a participar porque um clubista não aceitou o convite e o mesmo se estendeu a este, por ter sido ganhador do Prêmio Motivacional, como mencionado em outros momentos da dissertação.

A entrevista seguiu um roteiro prévio com cinco questões, mencionadas anteriormente. Após coleta e análise, os dados foram organizados, interpretados e discutidos em três subseções: Representação do CLeFS na comunidade Sítio Barreiros, o Clube do Livro e as Rodas de Leitura.

#### 4.3.1 Representação do CLeFS na comunidade Sítio Barreiros

Para início de reflexão, parte-se da experiência descrita por Michèle Petit, em Bogotá, em uma unidade que acolhia jovens considerados “descartáveis”, internos em processo de ressocialização e reconstrução de si mesmos. Eram jovens que, em grande parte, viviam nas ruas e se mantinham distantes dos livros. Entre as atividades ali desenvolvidas, havia um clube de leitura semanal, concebido como um espaço de liberdade, no qual esses jovens poderiam ser ouvidos como seres humanos (Petit, 2010).

O “café literário” acontecia semanalmente e acolhia cerca de vinte participantes. Os mais ativos tomavam a palavra, enquanto outros ainda não tinham a experiência de perceber que a linguagem pode expressar afetos e emoções. Nas ruas, muitas vezes, faltavam palavras, e o mundo se apresentava violento e agressivo. A mediadora iniciava a leitura lendo poemas que despertavam sensações de melancolia e nostalgia, ajudando a transpor a tristeza. Era como se os participantes sentissem a necessidade de ouvir algo agradável que, embora relacionados a temas dolorosos ou tristes, soasse bonito. Ao longo das sessões, a leitura fazia reviver a palavra, e, ao final do percurso, a mediadora concluía que eles estavam contando suas próprias vidas de uma outra forma. A partir dali, eram capazes de olhar um livro e ter a certeza de que, ao lê-lo, mesmo que fosse apenas um trecho, não seriam mais os mesmos (Petit, 2010).

O clube de leitura, assim, configura-se como um espaço de transformação e expressão, tanto para estes jovens em Bogotá quanto para os participantes do CLeFS na

comunidade Sítio Barreiros. Assim como no relato de Petit, em que a leitura e a oralidade ajudam os jovens a expressar emoções, resgatar suas histórias e construir uma nova imagem de si, o CLeFS também se estabelece como um espaço de leitura, diálogo, cultura, lazer, acolhimento e fortalecimento comunitário.

Neste item, busca-se compreender a relevância do CLeFS para a comunidade onde ele foi fundado. O primeiro questionamento procurava identificar o que o Clube de Leitura Fronteira do Saber (CLeFS) representa para os participantes. A seguir, apresenta-se o Quadro 13 com os principais recortes das falas:

**Quadro 13** - O que o Clube de leitura Fronteira do Saber (CLeFS) representa para você?

Clubistas	Trechos de falas
A1	“Assim eu acho que representa muita coisa, porque desde o início eu participo, e foi lá onde, assim eu aprendi mais a ler e compreender assim”.
A2	“Tudo, né, porque foi uma coisa muito importante que veio para nossa comunidade,[...] que vive nos articulando, articulando os jovens, para tirar de muitas coisas, porque a juventude de hoje, nem todos, não foca muito nos estudos, e através do clube de leitura veio para nos ajudar mesmo, bastante”.
A3	[...] “pra mim o clube de leitura representa uma oportunidade maravilhosa”, [...]. “E lá foi onde eu tive a oportunidade de conhecer algumas obras literárias”, [...].  “Aí eu tive a oportunidade mais de ter acesso a essas obras literárias, através do clube de leitura”.  “Então pra mim, é assim de importância mesmo, representa muito pra gente pra mim”.
A4	[...] O CLeFS pra mim ele é inovação, ele é liberdade, ele é novidade assim de coisas que era distante de nós, pelo menos de mim, [...].  [...] “quando veio essa ideia do CLeFS, foi uma coisa que, muito inovadora assim perto da gente, a gente aqui no sítio, de difícil acesso.  [...] “eu defino como algo que, que transformou assim a comunidade” [...].
A5	[...]”como ele foi importante, como é importante aqui pra nossa comunidade,[...].  “Principalmente pros nossos filhos, que a gente quer incentivar, né, pra sempre na leitura. E pra tirar das telas, [...] nós ter o privilégio de ter recebido uma riqueza tão grande dessa na nossa comunidade”.

Fonte: Produzido pela autora (2025).

A representação do CLeFS para a comunidade Sítio Barreiros, segundo as falas de todos os participantes, é associada a um acontecimento importante, que traz impacto tanto pessoal quanto social aos participantes e moradores em geral. O clube reúne diversas atividades relacionadas à leitura e à cultura local e atende desde o público infantil até idosos. Segundo Petit (2010), as muitas bibliotecas, criadas por mediadores e relatadas em seu livro, atuam como um centro da transmissão cultural, pois nesses espaços,

[...] podemos experimentar uma relação com o livro que não se funda somente nas perspectivas utilitaristas da instrução, e nos abandonar a esses tempos de devaneio em que não se deve prestar contas a ninguém, nos quais se forja o sujeito e que, tanto quanto os aprendizados, ajudam a crescer e a viver (Petit, 2010, p. 273).

A citação acima se aplica ao CLeFS no sentido de ser um espaço que trabalha a leitura para além da perspectiva utilitarista, promove momentos de devaneios e reflexão com o Clube do Livro, as Rodas de Leitura e a contação de histórias. Além disso, contribui para a formação integral do sujeito, fortalece os laços da comunidade e atua no desempenho escolar de seus membros.

De acordo com as entrevistas sobre a representatividade do CLeFS na vida dos participantes, são apresentados os principais trechos de falas que comprovam que o espaço é significativo tanto na vida deles quanto na comunidade em geral. O participante A1 associa o CLeFS a algo que o ajudou a desenvolver a leitura e compreensão dos textos. Já A2 resume sua fala mencionando a importância do espaço para a comunidade e destacando-o como um incentivo para levar os jovens para o caminho do estudo.

O A3 o vê como um espaço que proporcionou conhecimento e acesso a obras literárias. Nesse contexto, é importante destacar a carência de escolas com bibliotecas, acervos e profissionais capazes de cativar os alunos para a leitura, bem como a ausência de outros espaços culturais na comunidade. Como afirma A4:

[...]pelo menos de mim, era distante porque o contato que eu tinha com a biblioteca por exemplo, era sempre os das escolas, e você sabe como era escola pública tem, mas nem sempre é uma coisa ali que lhe cativa, que lhe prende, está ali, mas é uma coisa distante, [...] (A4, *Google Meet*, 05 de maio de 2025).

O A4 enxerga o espaço como inovação, liberdade e novidade. Para ele, a instalação do CLeFS representa novas experiências para uma comunidade rural, de difícil acesso aos bens culturais urbanos, situada a cerca de 6 km da cidade. A criação de uma biblioteca comunitária, com um acervo, embora pequeno, e a realização de diversas atividades culturais são vistas como uma transformação e uma oportunidade de inovação para a comunidade.

Por fim, o A5 destaca a importância do clube como uma fonte de riqueza cultural, que atua como incentivo à leitura dos filhos e ajuda a afastar as crianças e adolescentes das telas.

Retoma-se a fala do participante A1, ao afirmar que foi no CLeFS onde aprendeu mais a ler e compreender textos. Com o intuito de entender como acontece esse processo de leitura e compreensão de textos, recorre-se à teoria de Ângela Kleiman (2002) sobre os aspectos cognitivos da leitura. Segundo a autora, a compreensão é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimentos prévios, os quais se dão por meio da interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual e o de mundo. Essa interação permite que o leitor construa o sentido do texto.

Kleiman (2002) também destaca que, além do conhecimento prévio, há evidências claras de que o estabelecimento de objetivos e propósitos específicos para a leitura facilita a compreensão do texto, especialmente em textos mais previsíveis. Quanto aos textos literários, que ela classifica como leituras imprevisíveis, o objetivo principal é o prazer. Além disso, a formulação de hipótese durante a leitura contribui para a compreensão de texto escrito:

Ao formular hipóteses o leitor estará predizendo temas, e ao testá-las ele estará depreendendo o tema; ele estará também postulando uma possível estrutura textual; e, na testagem de hipóteses, estará reconstruindo uma estrutura textual; na predição ele estará ativando seu conhecimento prévio, e na testagem ele estará enriquecendo, refinando, checando esse conhecimento. São essas, estratégias próprias da leitura que levam à compreensão do texto (Kleiman, 2002, p. 43).

A autora destaca como a formulação de hipóteses é fundamental para a compreensão dos textos. Todas essas etapas envolvem um trabalho mental por parte do leitor em predizer, testar e depreender temas, postular uma estrutura para o texto que está lendo.

Portanto, o CLeFS representa para a comunidade Sítio Barreiros um importante instrumento de impacto pessoal e social. O espaço promove a leitura e compreensão de texto, auxilia na aprendizagem dos jovens, possibilita o acesso a obras literárias, promove novas experiências vivenciadas pelos moradores e é visto como uma alternativa para afastar as crianças das telas. Tudo isso contribui para o desenvolvimento intelectual, cultural e social da comunidade.

#### 4.3.2 O Clube do Livro

O Clube do Livro é um momento em que os adolescentes e jovens se reúnem uma vez ao mês para discutir uma obra literária lida previamente pelo grupo, conforme a Figura 8 a seguir. De acordo com o registro fotográfico, trata-se de um encontro em que a coordenadora e mediadora de leitura dedica atenção especial à organização do espaço, personaliza cartões para os participantes e deixa mensagens de agradecimento e incentivo, demonstrando que cada detalhe é cuidadosamente pensado para atrair e acolher o público.

Figura 8 - Reunião do Clube do Livro do CLeFS



Fonte: Arquivo pessoal da coordenadora (2025).

O segundo questionamento da entrevista buscava identificar quais vantagens os participantes atribuem ao Clube do Livro no processo de formação de leitores. Essa indagação foi motivada pelo fato de o Clube do Livro constituir uma das atividades do CLeFS que trabalha diretamente com a leitura e a discussão de obras literárias, além de ter sido apontada como a preferida pelos participantes no questionário de levantamento. O Quadro 14 apresenta as principais vantagens do Clube do Livro destacadas pelos clubistas:

**Quadro 14 - Quais vantagens o Clube do Livro oferece para a formação de leitores?**

Clubistas	Trechos de falas
A1	“[...] é uma coisa mais voltada pra pessoa conhecer o autor dos livros, [...] durante o clube do livro nós diz muito autor, muitas obras diferentes né diversas obras, [...] no dia a dia né, que nós passa no clube nós já interpreta o livro de outra forma, nós tem aquela troca do mesmo livro, com às vezes livros diferentes[.]”.
A2	“[...] ajuda muito para esses jovens que estão se formando [...] ler mais, para focar num vestibular e num ENEM, né, para uma faculdade”.
A3	<p>“[...] é tão gratificante você compartilhar [...]”</p> <p>“[...]o clube do livro [...] ele incentiva a você a ler e interpretar [...] de uma forma que eu quando eu fui falar do livro que eu estava lendo, [...] você até se emociona de você poder compartilhar, é como se você tivesse viajando [...]”</p> <p>“[...]mas quando você está falando pra pessoas, é como se você estivesse imaginando estar naquela situação acontecendo, aquilo como se fosse com a gente, como se você estivesse dentro daquela história. Então é uma sensação maravilhosa [...].”</p>
A4	<p>“[...] a vantagem tá na aquela coisa mensal, [...]. Mas eu sei que tem o clube do livro, e eu quero participar, e eu já me dispus a participar, então eu quero manter”.</p> <p>“[...] coisa que você vai fazendo que se torna parte da sua rotina.</p> <p>“[...] mas você sabe que tem aquele, aquele compromisso e você quer participar, então eu acho que ajuda mais ainda a incentivar.</p> <p>“[...]clube do do livro, essa coisa mensal, essa coisa que, como se fosse um compromisso, vamos se dizer assim, compromisso.</p>
A5	“[...]porque é mais um incentivo pra quem já participa e que também pode chamar mais novos leitores [...] você viaja no tempo, ouvindo de outras pessoas o que relatando do que entendeu do livro, do que passou do livro[.]”.

Fonte: Produzido pela autora (2025).

O participante A1, ao trazer os principais benefícios, destaca dois pontos. Primeiro, aponta que os encontros proporcionam conhecimento de autores e de obras literárias. Esse conhecimento, geralmente, é destacado quando há um encontro de várias pessoas para se falar de uma leitura ou obra literária, muitas outras leituras virão à tona, assim como muitos autores serão descobertos naquele momento por outros participantes. O segundo ponto destacado menciona que as participações nos encontros do Clube do Livro promoveram uma mudança de postura na forma de interpretar o livro, atribuindo essa mudança às frequentes trocas efetuadas com os outros participantes durante as discussões.

Nesse caso, o clubista aponta para o que muitos autores denominam de compartilhamento da leitura, compreendido como um recurso que diferencia e aprofunda a compreensão e interpretação de uma obra. Esse momento constitui o principal ingrediente de qualquer clube de leitura, pois é nele que a mágica acontece: ao expor o que foi percebido

no texto, o leitor ativa na memória dos demais aspectos ainda não percebidos, possibilitando que reinterpretem a obra e construam novas leituras. Esse processo torna a experiência coletiva mais enriquecedora para todos os envolvidos.

[...] os círculos de leitura possuem um caráter formativo, proporcionando uma aprendizagem coletiva e colaborativa ao ampliar o horizonte interpretativo da leitura por meio do compartilhamento das leituras e do diálogo em torno da obra selecionada [...]. É pelo reconhecimento de seu aspecto formativo que os círculos de leitura têm sido amplamente adotados nas escolas, sobretudo pela sua aplicabilidade na formação do leitor (Cosson, 2020, p. 139).

Segundo Rildo Cosson, os círculos de leitura ou clube de leitura atuam como espaços de aprendizado coletivo e colaborativo, pois quando as pessoas compartilham suas percepções e interpretações, elas ampliam seu entendimento da obra e permitem que outras pessoas identifiquem diferentes pontos de vista.

O participante A2, embora não seja ativo na atividade mencionada, destaca a importância da leitura promovida pelo CLeFS, considerando-a um caminho para alcançar o Ensino Superior. Seguindo essa linha de pensamento, observa-se que todos os participantes maiores de 18 anos, identificados no questionário de levantamento, estão atualmente cursando esse nível de ensino e são, ao mesmo tempo, os clubistas com maior tempo de participação. A partir dessa fala, infere-se que o CLeFS influencia no despertar do desejo de continuar o ciclo escolar, assim como apontam os clubistas A2 e A3: “A cada dia a gente ganha mais aprendizagem. Eu estava fora da sala de aula há quase 30 anos, e voltei para concluir o meu Ensino Médio”(A2, *Google Meet*, 03 de maio de 2025).

E lá foi onde eu tive a oportunidade de conhecer algumas obras literárias, porque já fazia muitos anos que eu tinha terminado o Ensino Médio, e estava parado de tudo, eu tinha terminado em 2014. Voltei a estudar, em 2021, mais ou menos (A3, *Google Meet*, 05 de maio de 2025).

Ambos os entrevistados afirmaram ter sido o CLeFS a motivação para o retorno ao estudo.

O participante A3, quando interrogado sobre as vantagens que o Clube do Livro oferece para a formação de leitores, apresenta alguns aspectos. Revela que compartilhar suas

leituras nos encontros do Clube do Livro é uma experiência recompensadora e emocional. Talvez esse seja um sentimento nobre que os leitores desenvolvem: ao se tornarem leitores, compartilhar suas impressões e percepções se torna uma necessidade, além de gerar uma sensação de gratidão por poder expressar suas opiniões.

Na fala, também é perceptível o desenvolvimento da imaginação e da experiência sensorial, proporcionados pelo compartilhamento das leituras no clube. O participante relata a sensação de viagem e a sensação de estar dentro da história, como se estivesse vivendo aquela situação. Esses aspectos indicam que o Clube do Livro incentiva a leitura e a interpretação de forma plena, pois tanto a leitura quanto a discussão são trabalhadas de maneira livre, permitindo aos participantes extravasar seus sentimentos e emoções e criar uma conexão mais profunda com a obra lida.

A fala do participante A3 pode ser amparada nas palavras de Petit (2010) quando relata sobre os poderes da simbolização nas narrativas, ao afirmar que os animadores de espaço de leitura livremente compartilhada em contextos críticos, como no caso dos jovens colombianos desmobilizados dos conflitos armados, observam que: “ler faz com que as crianças, os adolescentes, as pessoas idosas falem por si mesmos, ou uns com os outros” (Petit, 2010, p. 103). Assim como relata a participante A3:]

[...] porque eu até imaginava que quando eu lesse um livro eu não ia saber contar depois, lembrar daquela história. E o Clube do Livro ele parece que ele incentiva a você a ler e interpretar assim, sei lá, de uma forma que eu quando eu fui falar do livro que eu estava lendo, pra pra os meninos, chega, você até se emociona (A3, *Google Meet*, 05 de maio de 2025).

Para Petit (2010), a leitura compartilhada a partir de textos ou imagens faz com que a palavra brote de modo espontâneo, e os participantes passem a demonstrar indignação, passem a fazer associações e começam, de modo mais ou menos evidente, a relembrar sua própria vida ou como expressiu A3 que se emocionou ao falar de sua leitura. Portanto, “por meio de recursos em geral inesperados, a leitura põe, desta forma, o pensamento em movimento, retoma uma atividade de simbolização, de construção de sentido, de narração” (Petit, 2010, p. 104).

A principal vantagem apontada pelo participante A4, decorrente de sua participação nos encontros do Clube do Livro que contribui para sua formação leitora, é o aspecto de compromisso que esses encontros representam. Ele destaca que a regularidade mensal faz

com que ele não deixe de participar, pois essa rotina se torna parte do seu cotidiano. Segundo o participante, o Clube do Livro, com sua periodicidade, transforma-se em um compromisso que ajuda a incentivar a continuidade na leitura e na participação.

O participante A5 aponta que o Clube do Livro é um meio de incentivar aqueles que já participam e, ao mesmo tempo, uma forma de divulgação para atrair outros leitores. Além disso, ao participar, a sensação experimentada é a de uma viagem, ao ouvir outros cubistas falarem sobre suas leituras.

Após a leitura de uma obra literária, é natural que o leitor queira compartilhar suas impressões e percepções, seja com um amigo, um parente ou um grupo. Quando essa atividade é proposta em salas de aula, o professor costuma dedicar um tempo para a discussão da obra após a leitura. Conforme aponta Farias (2022), a conversa literária proposta pelos clubes de leitura favorece uma postura mais atenta durante a leitura, uma vez que os participantes se preparam para expor suas interpretações ao grupo; além disso, essa troca de perspectivas amplia as possibilidades de reflexão, na medida em que cada leitor tem acesso às percepções dos demais.

Em um clube de leitura ou clube do livro, a discussão e a interação entre os participantes constituem elementos centrais da atividade. Com o objetivo de compreender como essa interação se desenvolve durante os encontros do Clube do Livro e de que forma ela pode contribuir para a formação dos leitores, buscou-se investigar como os participantes percebem esse processo. O Quadro 15, apresentado a seguir, reúne os principais apontamentos referente a essa percepção:

**Quadro 15** - Percepção da interação entre os participantes durante os encontros do Clube do Livro?

Clubistas	Trechos de falas
A1	<p>“Às vezes é um livro que a pessoa mesmo lê, já leu, mas já tem aquela opinião diferente [...] aquela troca às vezes uma pessoa vê uma coisa interessante que a pessoa não via ou é vez de uma palavra que uma pessoa não conhece que alguém conhece aí tem essa troca”.</p> <p>“[...] acrescenta né [formação de leitores] [...] criança entendeu de um jeito né, e o adulto já entendeu de outro”.</p> <p>“Porque cria várias outras coisas, várias outras perguntas, questionamentos”.</p>
A2	<p>“Eu vejo eles com foco muito grande, engajado [...] eu acho que essa interação visa muito isso, porque eles estão focados naquele objetivo”.</p>
A3	<p>“[...] ainda tem leitores que ainda têm dificuldade de se expressar”.</p> <p>“A gente [...] tem uma certa resistência, principalmente do compartilhado falar ali em público [...]”.</p> <p>“[...] você vai falando aquele outro vai falando [...] do livro que leu, os outros eles vão até se interessando mais a ler e a também e compartilhar aquela parte [...] que eles acharam mais interessante”.</p> <p>“[...] a gente vai vendo que eles vão se desenvolvendo mais, na hora da conversa, na hora de você estar falando sobre aquela obra que você está lendo. Aí aquela troca de ideias, entre um leitor e outro vai estimulando os outros, a ler e a compartilhar o que o que entendeu do livro”.</p>
A4	<p>“[...]desenvolvo muito aqui no olho com olho, sabe com a conversa, [...] teve sim essa grande mudança em mim [...]”.</p> <p>[...] aquele momento ali que a gente está escutando aquela história, e aí cativa, prende a gente [...] e no momento que a gente tá falando [...] eu tô articulando [...] mostrando o que eu li. [...] estou tipo verbalizando o que eu entendi daquele livro”.</p> <p>“[...] questão das idades.[...] E aí eu acho que não prende muito por conta justamente disso [...]”.</p> <p>“[...] você uma criança, óbvio, [...] ler o livro infantil, eu li o livro mais contextualizado, [...] o que eu digo pra eles, óbvio que eles não vão entender [...]”.</p>
A5	<p>“Eu acho que sim. Muito. E você aprende né, mais. [...] você aprende, você transmite, você aprende a se expressar”.</p>

Fonte: Produzido pela autora (2025).

O participante A1 destaca que os encontros do Clube do Livro são um espaço em que o leitor compartilha suas opiniões, aspectos interessantes da obra lida e aprende significados de palavras desconhecidas, promovendo uma troca de diversas perspectivas de entendimento da obra. Depreende-se que o nível de troca é influenciado pelas experiências prévias dos participantes.

Segundo A1, essa troca contribui para a formação de leitores, pois há diferentes níveis de entendimento, ao afirmar que as crianças entendem de uma forma e os adultos de outra. Além disso, a troca de opiniões gera perguntas e questionamentos que enriquecem a interpretação da obra e estimulam o desenvolvimento leitor. Nesse contexto, essa fala converge para a concepção de leitura como diálogo, proposto por Cosson (2020, p. 41): “compreendemos que o gesto inaugural da leitura começa com o leitor fazendo uma indagação”. E complementa:

Ler, metafórica ou literalmente, começa com uma pergunta que fazemos a um texto, não importa que essa pergunta seja para nos distrair, para nos emocionar, para nos confortar, para esquecer, para lembrar, para identificar ou para compartilhar (Cosson, 2020, p. 41).

O participante A2 emitiu um pensamento dentro da perspectiva de um sujeito observador de uma situação ou contexto. Na sua fala, evidencia a não participação no contexto da atividade interrogada. Isso sugere que ele não vivenciou as experiências do Clube do Livro.

Com relação à interação dos participantes durante os encontros do Clube do Livro, o clubista A3 aborda a dificuldade ainda presente em alguns leitores em se expressar publicamente, e se insere nesse contexto. Outro aspecto apontado diz respeito à motivação para a leitura e participação desencadeada a partir da fala e opinião expressa pelo outro. Segundo ele, esse processo estimula os outros a emitirem suas posições e aspectos interessantes da obra, ou seja, a troca de ideias entre um leitor e outro estimula a participação dos demais.

O participante A4 destaca três pontos percebidos na interação entre os participantes durante os encontros do Clube do Livro. O primeiro se qualifica como um sujeito que se desenvolve com a interação do grupo e aponta ser visível a mudança. O segundo ponto destacado é que, no momento da discussão da leitura, tanto o ato de escutar quanto o ato de falar da leitura são importantes. Ao ouvir outro participante falar de sua leitura, é um momento que atrai a atenção dos demais participantes, enquanto que o momento de falar exige do participante uma articulação entre a leitura da obra e aquilo que se expressa sobre ela. Ou seja, antes da exposição oral, há um trabalho mental, uma organização do pensamento e das ideias que são formulados e reconstruídos sobre a leitura realizada.

Por último, o terceiro ponto destacado é que uma junção de várias faixas etárias impossibilita uma interação a contento. O ato de atrair a atenção daquele que está ouvindo o relato de leitura de um participante de faixa etária diferente, nesse caso, deixa de existir, devido aos objetivos de leitura variarem de acordo com as idades. Segundo A4, a criança é cativada por um livro infantil e o adulto, por uma leitura mais contextualizada, e quando seus objetivos de leitura não são atendidos no clube, há uma ruptura nesse aspecto, comprometendo, assim, a compreensão e interpretação da obra.

O participante A5 aponta que a interação promovida pelos encontros do Clube do Livro favorece a aprendizagem, possibilita a troca com outros participantes e contribui para o aprimoramento de sua expressão.

Esse questionamento sobre como os participantes percebem a interação no Clube do Livro do CLeFS aponta para ocorrências que sugerem troca, compartilhamento, discussão e interação em torno da obra lida. Nesse contexto, a atividade de discussão é vista por Cosson (2020) como uma atividade de suma importância para o processo de interpretação da obra. Segundo o autor, é nesse momento em que os participantes devem travar um

[...] debate autêntico em que os alunos [clubistas] dividem dúvidas e certezas, usam as informações do texto para construir argumentos, questionam o texto com base em suas experiências e dialogam entre si tanto quanto com o professor (Cosson, 2020, p. 126).

e no caso do clube com o mediador de leitura.

No que se refere às desvantagens ou dificuldades percebidas pelos participantes como desafios para melhor aproveitamento das atividades do Clube do Livro, buscou-se investigar se eles já haviam vivenciado alguma situação que comprometesse sua participação. O recorte dos principais pontos mencionados nas falas encontra-se apresentado no Quadro 16 a seguir:

**Quadro 16 - Você já enfrentou dificuldades ou desvantagens ao participar do Clube do Livro?**

<b>Clubistas</b>	<b>Trechos de falas</b>
A1	“Não, não tive dificuldade até agora [...]”
A2	“Meu ponto principal é que eu mesmo não frequento muito, por conta que trabalho[...]”
A3	“[...] quantidade de pessoas, de adolescentes, até mesmo de adultos que está, que a gente poderia trazer mais pessoas pra participar [...]”

A4	“[...] eu estou lendo uma coisa, eu estou num nível, [...] estou lendo um livro assim de uma coisa mais [...] mais difícil [...] eles ficam assim como se fosse, como se fossem perdidos em entender, porque realmente não entende e talvez um livro deles, também que eles estejam explicando,[...] mas, é uma coisa que você já passou, entenda assim a pessoa já passou por esse nível [...]”
A5	“[...]a gente pode ficar[...] desmotivado, por conta dos participantes, que não participam muito [...]. Os que poderiam frequentar e não frequentam”.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

De acordo com as respostas dos entrevistados, o clubista A1 afirma que participa desde o início da fundação do CLeFS e diz não ter percebido nenhuma dificuldade até o momento em relação a sua participação na atividade, enquanto o participante A2 cita um problema de ordem pessoal: a não disponibilidade de tempo para participar das atividades.

Os participantes A3 e A5 mencionam que a principal dificuldade é a baixa quantidade de pessoas que participa das atividades. Há uma baixa adesão de pessoas que poderiam participar e não participam. E isso é apontado por A5 como um fator desmotivante para sua participação na atividade.

O participante A4 retoma pontos já mencionados anteriormente, destacando que os interesses de leitura variam de acordo com o público-alvo. Enquanto ele, adulto, se encontra em um nível de leitura mais avançado e prefere obras mais densas, o público infantil apresenta uma inclinação natural para a literatura infantil. Portanto, ao falar sobre leituras destinadas simultaneamente ao público adulto e ao público infantil, A4 aponta que o público infantil não irá compreender plenamente, ficando “perdido” no processo de entendimento. Da mesma forma, quando a discussão se volta para a literatura infantil, esta não desperta interesse no público adulto, uma vez que ambos possuem níveis de leitura distintos, que culminam em objetivos de leitura diferentes.

Esse relato de A4 sobre o compartilhamento de leituras destinadas, simultaneamente, ao público adulto e infantil evidencia a possibilidade de conflitos de interesses, que podem desmotivar um ou outro grupo durante as discussões. Tais situações podem ser compreendidas à luz do que propõe Cosson (2020) a respeito dos modos de leitura formativa e da relação com a literatura.

Segundo o autor, a decisão de qual leitura fazer não é aleatória, mas, sim, influenciada pelos objetivos e necessidades de cada pessoa. Ao escolher um texto, a pessoa leva em conta o que quer aprender, entender ou vivenciar naquele momento, além de pensar no que deseja alcançar no futuro. Também considera suas próprias habilidades atuais de leitura e

compreensão, reconhecendo suas limitações, e busca textos que possam ajudá-la a superar essas dificuldades, ampliando seu horizonte de conhecimento (Cosson, 2020). Portanto, as crianças, os jovens e adultos têm objetivos de leitura diferentes, e cada uma dessas faixas etárias responde a uma demanda específica. Assim, “o texto a ser lido precisa ser motivador do leitor e essa motivação passa necessariamente pela sua história de vida, a sua história de leitor” (Cosson, 2020, p. 47). Desse modo, as diferentes expectativas e trajetórias de leitura entre público de variadas faixas etárias ajudam a explicar os conflitos expostos pelo participante A4 no compartilhamento de leituras em um mesmo espaço formativo.

Os participantes A3 e A4 foram os únicos a apresentarem sugestões práticas destinadas a mitigar os desafios, dificuldades e desvantagens percebidos na realização das atividades do Clube do Livro. Essas contribuições emergiram a partir da indagação sobre de que maneira as atividades do clube poderiam ser aprimoradas, e suas propostas estão sistematizadas no Quadro 17 a seguir:

**Quadro 17** - Como você acha que poderiam ser melhoradas as atividades do Clube do Livro?

Clubistas	Trechos de falas: sugestões apontadas
A3	“[...] mas é o que a gente gostaria de trazer era mais pessoas para participar desse desses momentos”.
A4	“[...]mas uma divisão desses grupos, uma divisão de acordo com a gente fazia um dia, por exemplo o ensino médio, o ensino superior, quem participa, e no outro dia o ensino fundamental.

Fonte: Produzido pela autora (2025).

O A3 fala sobre o desejo de atrair mais pessoas para participar desses momentos de compartilhamento de leituras, ideias e pontos de vista. Nesse contexto, detém-se nas palavras iniciais da entrevista do A2, ao mencionar que a “pessoa da professora [coordenadora], que vive nos articulando, articulando os jovens, para tirar de muitas coisas, porque a juventude de hoje, nem todos, não foca muito nos estudos [...]” (A2, *Google Meet*, 03 de maio de 2025), deduz-se que há um esforço da coordenação do CLeFS para atrair mais jovens para participarem das atividades do clube.

O participante A4 aponta como sugestão uma divisão por grupos, por faixas etárias, ou nível de ensino, sugerindo que poderia trabalhar com o Ensino Fundamental, o Ensino Médio e o Ensino Superior em momentos separados. Além disso, complementa que isso

permitiria que se desenvolvesse um trabalho mais efetivo, mais específico para cada público em foco: “[...] a gente pode até não sei criar novas coisas porque aí todo mundo da mesma, além do mesmo pensamento pode ser evoluído mais coisas né? Ficaria muito melhor, eu acho” (A2, *Google Meet*, 03 de maio de 2025).

É evidente que os participantes de grupos de leituras compartilhada conseguem identificar vantagens que contribuam para sua formação leitora. Desse modo, com o propósito de compreender alguns benefícios adquiridos na maneira de entender ou interpretar textos após a participação nas atividades do Clube do Livro, incluiu-se no roteiro de entrevista uma indagação a respeito de possíveis mudanças percebidas pelos próprios clubistas. As transformações apontadas pelos participantes, decorrentes de sua participação no Clube do Livro, estão reunidas no Quadro 18 abaixo, que apresenta trechos de falas que evidenciam essas percepções:

**Quadro 18** - Percepção de mudança na forma de interpretar textos após participar do Clube do Livro

Clubistas	Trechos de falas
A1	“[...] clube a pessoa tem aquela troca de ideias, que ajuda muita pessoa a compreender aquela leitura. Talvez [...] a pessoa não preste bem atenção né, na hora da leitura, aí vem outra pessoa [...] eu achei interessante essa parte extra. Aí uma coisa que a pessoa não tinha prestado atenção. Aí cada pessoa tem uma visão diferente [...]
A2	“Há, achei sim, foi ótimo, maravilhoso. A cada dia você só aprende mais, porque o que tem para oferecer a gente, são coisas boas, são livros bons[...]”
A3	Nossa, já percebi muito, desde o início [...] eu tinha uma certa dificuldade [...] por conta dessa timidez que eu tenho de falar, [...]. E depois que eu comecei a ler e de participar do clube do livro, é que a gente vê, aliás eu adquiri mais aquela parte de interpretação, de você entender o que é que o autor está querendo passar com aquela fala. Pra mim, melhorou quase 100% por 100%.  “[...] você conhecer histórias de você saber falar o correto porque [...] a gente fala [...] muito errado. E você vê que com a leitura é que você vai vendo a forma correta de você falar, de você se comportar [...]
A4	“[...]eu acho que me ajudou bastante,[...] a perder esse medo, [...] de falar em público de, [...] mas de falar o que a gente entendeu sem medo de ser, eu acho que eu entendi muito isso”. “Falar o que eu entendi e mesmo que outra pessoa entenda de outra forma, [...]” “[...] eu leio aquele livro e eu passo daquela forma aquela mensagem, eu acho que eu já estou, é, praticando o que eu o que foi lido, e colocando em atividade assim. E eu acho que vai muito vai melhorando muito assim a questão de falar, de saber colocar as palavras [...]”
A5	“[...] que quanto mais a gente lê, mais a gente aprende, mais a gente ganha mais conhecimento. Eu aprendi muito ouvindo as meninas falar,[...].

Fonte: Produzido pela autora (2025).

O participante A1 ressalta que as trocas efetuadas durante as atividades contribuem para a compreensão da leitura. Destaca que, muitas vezes, no ato da leitura, não se presta muita atenção em alguns detalhes, aspectos, pontos específicos da obra, assim um leitor mais atento expõe detalhes que outros participantes não conseguiram visualizar na leitura. Reforça sobre cada leitor ter uma visão diferente da leitura.

O clubista A2 dá uma opinião muito genérica, sem afirmar nenhuma contribuição concreta, apenas se deteve em adjetivar as impressões, como ótimo, maravilhoso, coisas boas, livros bons.

O clubista A3 aponta três aspectos benéficos de sua participação nas atividades do clube do livro. Aponta, primeiramente, para a melhoria na diminuição da timidez ao falar. Como o segundo ponto destaca, a aquisição de interpretação de textos: “você entender o que é que o autor está querendo passar com aquela fala”. Nesse contexto, a interpretação mencionada pelo participante parte da perspectiva da análise do texto, teoria definida por Leffa (1999) como teoria ascendente da leitura, em que a construção do sentido é vista como um processo de extração, que ascende do texto para o leitor e das letras e palavras para o significado do texto. “É, portanto, um processamento ativado pelos dados, em que as atividades executadas pelo leitor são determinadas pelo que está escrito na página” (Leffa, 1999, p. 06).

Por último, ele menciona que, na comunidade Sítio Barreiros, as pessoas falam muito errado, e a leitura, o conhecimento de histórias, contribui para a forma correta de falar e de “se comportar”. É importante observar, dentro desse contexto, que quanto ao “falar correto” ou “falar errado” se refere às variações no uso da língua, assim o participante desconhece que há uma valorização da diversidade linguística e do uso natural da língua em diferentes contextos. Às vezes, o que é considerado "errado" em um contexto pode ser aceito em outro sem nenhum problema, isso depende da região, do grupo social envolvido ou mesmo do momento histórico.

O participante A4 aborda que um dos benefícios do Clube do Livro foi perder o medo de expor seu entendimento da leitura publicamente, um compartilhamento sem medo de ser “censurado” ou repreendido por ter compreendido daquela forma. Esse sentimento do participante corresponde ao ponto de vista de Garcia (2003), que trata sobre identidade e formação do leitor em círculo de leitura:

[...]nas leituras compartilhadas todos opinam sem o fantasma do erro. O que não significa que toda e qualquer opinião seja válida, já que o sentido é negociado entre todos. Ocorre, muitas vezes, que mais de uma versão seja possível. Em alguns casos, a ambiguidade do texto permite posições discrepantes acerca do seu significado. [...] É que na leitura compartilhada de um texto literário a possibilidade da invenção, da criação, está sempre aberta. Este talvez seja o aspecto mais fascinante de toda esta experiência, abrir espaço para a criação (Garcia, 2003, p. 20).

Ainda segundo A4, o processo da leitura, seguido da exposição da mensagem, traz um benefício prático, o desenvolvimento da fala e de saber colocar as palavras. Depreende-se disso que há uma organização do pensamento e das ideias, uma organização mental das palavras antes de serem expressas, um aprimoramento da fala e expressão verbal.

Com relação às mudanças proporcionadas na sua forma de entender e interpretar textos após participar das atividades do Clube do Livro, o participante A5 expressa uma percepção de conhecimento geral, que o ato da leitura traz aprendizagem e conhecimento, e finaliza afirmando que aprendeu ouvindo os outros falarem, não mencionando nenhuma mudança concreta em si.

#### 4.3.3 As Rodas de Leitura

Nas entrevistas realizadas com o foco nas atividades das Rodas de Leitura do CLeFS, apenas dois participantes, A1 e A4, apresentaram posicionamentos sobre suas participações. Antes da análise das respostas dos dois participantes, faz-se necessário conceituar as rodas de leitura, conforme definido no *Glossário Ceale*:

Uma *roda de leitura* é uma prática pedagógica e cultural relacionada ao ato de ler conjuntamente, muito utilizada com leitores em formação (crianças da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental). Normalmente os chamados mediadores de leitura (professores, contadores de história, bibliotecários e outros profissionais ou pessoas envolvidas com a temática) leem *com* ou *para* os demais. Embora comumente seja realizada em círculo – daí o nome de roda –, essa prática admite que os participantes se coloquem em semicírculos ou que fiquem deitados em tapetes ou colchonetes (Corrêa, 2025).

As Rodas de Leitura do CLeFS constituem momentos nos quais um grupo de crianças é reunida em círculo sob a orientação de um mediador, que realiza a leitura, oferece explicações, conduz a discussão e abre espaço para a participação oral dos participantes,

configurando, conforme definido anteriormente, situações em que “leem com ou para os demais”. A Figura 9 apresenta registro de uma roda de leitura do CLeFS:

Figura 9 - Roda de Leitura com o livro *Com quem será que eu me pareço?*



Fonte: Arquivo pessoal da coordenadora (2025).

Essa atividade se assemelha a “A hora do conto”, proposta em muitas escolas de Educação Infantil. Segundo Cosson (2020), a hora do conto corresponde a uma das práticas de leitura literária que utilizam a voz, e apresenta algumas dissidências:

Alguns pais e coordenadores pedagógicos, ignorando os benefícios do compartilhamento da leitura que a hora do conto traz, veem na atividade uma forma de “matar o tempo” ou “entreter a criança”. Por outro lado, essas críticas nascem do desconhecimento da função primordial que essa leitura oralizada cumpre na aprendizagem dos gestos da leitura, que a criança observa a professora, e, acima de tudo, na construção cultural dos sentidos, reforçando no aluno o sentimento de pertencimento àquela comunidade (Cosson, 2020, p. 106).

Essas atividades oralizadas são importantes, porque permitem às crianças que aprendam os gestos e entonação requerida no momento da leitura, apenas observando o

mediador. Ao ouvirem e participarem de leituras e conversas sobre os textos, vão construindo, aos poucos, significados e interpretações que fazem sentido dentro do seu contexto cultural. Nas atividades das Rodas de Leitura, os monitores e a coordenadora do CLeFs assumem o papel de mediadores de leitura e/ou professores de leitura. Na figura 10 apresenta-se uma roda de leitura em que os mediadores são monitores, clubistas e participantes do Clube do Livro:

Figura 10 - Roda de leitura com o conto *A formiga e a neve*



Fonte: [www.instagram.com/p/DHg6re5ykiK/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==](https://www.instagram.com/p/DHg6re5ykiK/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==) (2025).

Com o objetivo de compreender de maneira mais aprofundada as atividades desenvolvidas nas Rodas de Leitura do CLeFS, buscou-se investigar quais vantagens os participantes atribuem a essa prática no processo de formação de leitores. A partir dessa indagação, foram obtidas percepções apresentadas no Quadro 19 a seguir:

**Quadro 19** - Vantagens que as Rodas de Leitura do CLeFS oferecem para a formação de leitores

Clubistas	Trechos de fala
-----------	-----------------

A1	“[...] a pessoa apresenta um livro né, quando a pessoa chega e lê o livro e ele repassa aquilo como se fosse assim, tipo, como se ele dissesse o que é que tinha no livro interessante pra aquela pessoa ler”. “[...] nós compartilhamos leitura diferentes[...]”
A4	“[...] os que eu participei e também os que eu me dispus a fazer com alguns meninos do ensino fundamental 1,[...] você escolhe o livro que a gente fez, a gente escolheu o livro e aí no final a gente vai participando cada um que está na roda, que sabe ler e que quer, óbvio, lê aquela parte daquele livro, e em seguida a gente debate sobre, explica, alguns falam, alguns não falam, alguns entendem, demonstram que entendeu, dá seu ponto de vista e outros não”.  “[...] que a gente já fez, é uma coisa ali, na hora. [...] Todos estão ali no mesmo pensamento, no mesmo livro, sabe? Eu acho que tem essa vantagem.

Fonte: Produzido pela autora (2025).

O participante A1, ao abordar sobre as Rodas de Leitura, relata apenas seu funcionamento. Quando é marcada a roda de leitura, cada participante, ao chegar ao CLeFS, escolhe um livro e faz a leitura. Logo após, cada um apresenta essa obra, o que equivale a fazer uma resenha. Ele ressalta que, nesse momento, compartilham os aspectos mais interessantes da obra, despertando o interesse dos demais participantes a optarem para futuras leituras.

Seguindo a lógica das rodas de leitura, conforme expresso na fala de A1, percebe-se alguns aspectos negativos nesse formato. Como cada participante compartilha uma obra diferente, o tempo dedicado a cada leitura é limitado, o que impede uma compreensão mais profunda e uma interpretação mais rica da obra. Além disso, a escolha do livro ocorre no dia da atividade, antes do encontro, o que sugere que o livro deva ser de poucas páginas e de leitura rápida, podendo comprometer a qualidade da leitura escolhida.

Supõe-se que, quando um livro mais volumoso é escolhido, apenas alguns capítulos podem ser lidos e compartilhados, o que também prejudica a compreensão e interpretação da obra como um todo. Nesse contexto, é possível inferir que essa atividade pode não atrair os leitores mais adultos, que costumam preferir livros mais longos e com tramas mais complexas.

Por outro lado, um aspecto positivo desse modelo é que ele permite que crianças e jovens escolham suas próprias leituras e adquiram o hábito de socializarem e interagirem no grupo. Quanto ao ser leitor, Maria (2016, p. 145) afirma que o “leitor é quem lê por conta própria, quem frequenta livrarias ou bibliotecas e faz suas escolhas de leitura, que mantém acesa a curiosidade”. Muitas vezes, esse espaço de troca não é tão presente na rotina escolar, então as rodas de leitura podem ser uma oportunidade valiosa para estimular esse tipo de convivência e troca de conhecimentos.

A participante A4 explica como funcionam as Rodas de Leitura nas quais participou como orientadora das crianças do Ensino Fundamental I. Ela afirma que o livro é escolhido no momento do encontro, e, em seguida, realiza-se uma leitura coletiva. Cada pessoa que estiver na roda e quiser fazer a leitura oral para todos, lê uma parte do texto. Após a leitura coletiva da obra, a participante A4 explica o que foi lido para as crianças e abre para o debate sobre a leitura feita. Nessa atividade, A4 afirma que “alguns falam, alguns não falam, alguns entendem, demonstram que entendeu, dá seu ponto de vista e outros não” (A4, *Google Meet*, 05 de maio de 2025). Esse relato da participante sobre algumas crianças não falarem após a leitura pode remeter ao que expressa Petit sobre o silêncio decorrente da leitura compartilhada:

Ao forjar suas próprias narrativas a partir de fragmentos encontrados em textos, aquelas e aqueles que participam de espaços de leitura livremente compartilhados adquirem melhores possibilidades de se expressar; algumas vezes, encontraram sua voz sem cair na algazarra. Pelo contrário, eles também aprenderam a ouvir e a calar. Pois, como diz Juan Mata: “Discutir é muitas vezes a consequência mais deliciosa da leitura. [...] Ainda que o silêncio também seja gratificante. Às vezes, o que foi lido é tão forte, tão cativante, que não sabemos comunicar seus efeitos, ou talvez não devemos” (Petit, 2010, p. 137).

A autora expressa o valor do silêncio após uma leitura compartilhada. Além de desenvolver a habilidade de se expressar, que é uma consequência natural da participação de alguém, o silêncio também é visto como elemento precioso. Assim, aprender a ouvir e respeitar o momento de silêncio é tão importante quanto comentar a leitura.

Outro aspecto investigado acerca das Rodas de Leitura diz respeito às possíveis mudanças percebidas pelos participantes em sua forma de compreender ou interpretar textos após vivenciarem essa prática. Apenas o clubista A4 apresentou resposta a essa indagação, conforme registrado no Quadro 20 abaixo:

**Quadro 20** - Percepção de mudança na forma de interpretar textos após participar das Rodas de Leitura

Clubistas	Trechos de fala
A4	<p>“[...] eu participei mais foi incentivando com os meninos mais pequenos, [...] foi articulando[...] a explicar, a já está em outro papel, porque [...] fui mais como orientadora [...]”</p> <p>“[...]a gente incentivando os mais pequenos a gente também aprende, aprende com eles e</p>

	aprende também a orientar[...]"
--	---------------------------------

Fonte: Produzido pela autora (2025).

O participante A4 respondeu a essa questão não a partir de sua experiência como leitor, mas com base em sua atuação nas Rodas de Leitura como orientador do público infantil. Nesse contexto, ele desempenhou a função de mediador, realizando a leitura dos textos, explicando-os e estabelecendo relações da obra a um contexto que as crianças pudessem compreender. Assim, assumiu o papel de aproximar o texto do leitor. Segundo o próprio participante, a experiência de incentivar e mediar a leitura junto ao público infantil também proporcionou aprendizagens sobre como conduzir um espaço de leitura compartilhada.

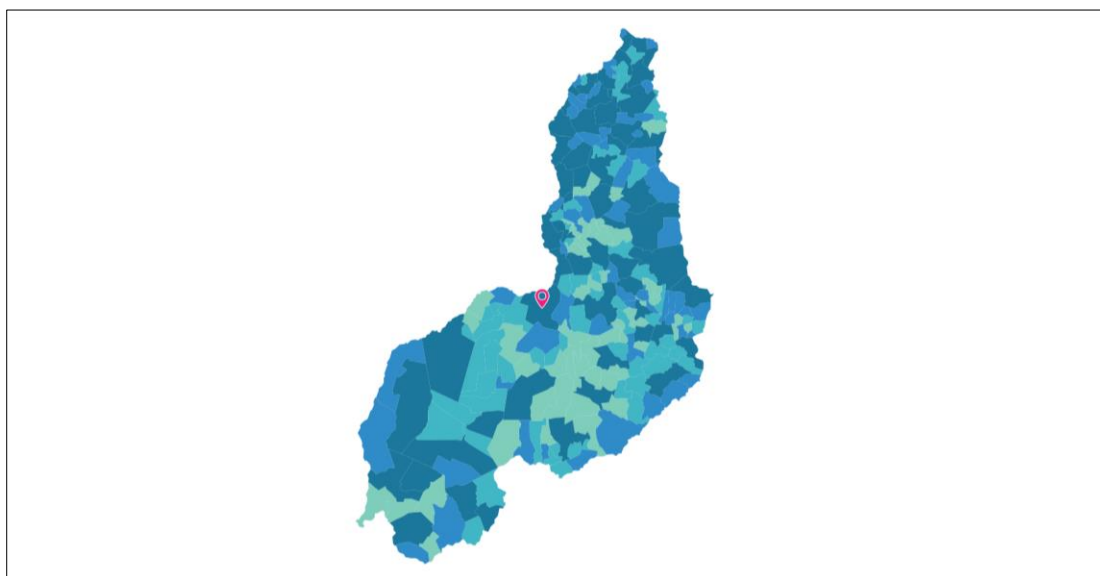
As Rodas de Leitura do CLeFS são direcionadas especificamente ao público infantil, por esse motivo as entrevistas analisadas não contemplaram as crianças participantes, mas sim os monitores que, juntamente com a coordenadora e pedagoga, são responsáveis pela mediação das atividades. São esses mediadores que assumem a condução das práticas e que, portanto, foram entrevistados para oferecer subsídios à análise.

## 5 CLUBE DO LIVRO DO IFPI DE FLORIANO, PIAUÍ

A cidade de Floriano se localiza a 242 km da capital Teresina. É banhada pelo rio Parnaíba em toda sua extensão e está localizada em ponto estratégico para acesso ao sudeste e ao sul do estado do Piauí. Em 2022, a população era de 62.036 habitantes e a densidade demográfica era de 18,2 habitantes por quilômetro quadrado. Em relação ao sistema de educação básica da rede pública, o IDEB, no ano de 2023, para os anos iniciais do Ensino Fundamental na rede pública, era 5,9 e, para os anos finais, 5,4. Na comparação com outros municípios do estado, encontrava-se nas posições 56 e 27 de 224. Já na comparação com municípios de todo o país, situava-se nas posições 2578 e 920 de 5570 (IBGE, 2025).

Embora os dados do IDEB de Floriano evidenciem desempenho acima da média e se destaquem em âmbito estadual e nacional, os dados também indicam a necessidade de políticas públicas contínuas de fortalecimento da qualidade educacional pública, de modo a reduzir disparidades internas e ampliar o alcance de melhores resultados. A Figura 11 mostra a localização da cidade em relação a outros municípios do estado:

Figura 11 - Localização geográfica de Floriano, Piauí



Fonte: IBGE (2025).

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI) é uma instituição de educação superior, básica e profissional, pluricurricular e multicampi e descentralizada. Tem como sedes, para fins da legislação educacional, as 21 unidades

espalhadas no estado do Piauí (IFPI, 2025). O *campus* do IFPI de Floriano foi fundado em 1994, como parte da primeira etapa de interiorização da rede federal no Piauí. Fica localizado na Rua Francisco Urquiza Machado, 462, Bairro Campo Velho.

A instituição oferta cursos técnicos de nível médio nas formas integrada, concomitante e subsequente ao Ensino Médio. Além disso, conta com cursos superiores e pós-graduação. Os cursos Técnicos integrados são: Edificações, Eletromecânica, Informática e Meio Ambiente; Concomitantes/Subsequentes: Edificações, Eletromecânica e Informática. Licenciatura: Ciências Biológicas e Matemática; Tecnologia: Análise e Desenvolvimento de Sistemas. Com relação aos cursos de pós-graduação, o Campus oferece a Especialização Lato Sensu no Ensino das Ciências Biológicas e o Mestrado Profissional em Matemática – PROFMAT (IFPI, 2025).

O Campus do IFPI de Floriano possui duas bibliotecas. Uma direcionada ao atendimento dos currículos dos cursos de nível médio técnico, superiores, tecnologia e pós-graduação, e tem como um dos objetivos:

[...] dar suporte informacional aos programas de ensino, pesquisa e extensão, assegurando o fácil acesso à literatura científica aos usuários dos cursos oferecidos por este Instituto, bem como à comunidade em geral através do auxílio direto, remoto e/ou on-line, maximizando a utilização dos recursos informacionais disponíveis (IFPI, 2022, p. 02).

A segunda biblioteca é a Casa da Leitura, responsável por abrigar um acervo diverso, com destaque para obras literárias. Dispõe de um espaço de 82 m<sup>2</sup>, com mobília confortável para leitura e encontros, como o Clube do Livro. De acordo com Brito (2022), a Casa da Leitura, fundada em 2008, constitui-se como um espaço de incentivo à leitura e ao acesso à informação, criada de forma colaborativa por professores, alunos, servidores e membros da comunidade. Embora vinculada a uma instituição de ensino da rede federal, sua atuação extrapola os limites escolares, configurando-se como uma biblioteca comunitária em razão da ausência de biblioteca pública na cidade de Floriano, atendendo tanto ao público interno quanto externo à instituição.

Atualmente, no que se refere à infraestrutura de acervo e ao atendimento aos usuários, o Sistema Integrado de Bibliotecas do IFPI (SIBI), por meio da Casa da Leitura, dispõe de um acervo de 3.452 títulos e 4.702 exemplares. Em 2024, considerando os empréstimos domiciliares e as renovações, foram realizados 1.620 atendimentos. Além disso, há usuários

que utilizam o espaço *in loco* para leituras mais esporádicas, não contabilizadas nesses dados. A Figura 12 apresenta a Casa da Leitura do IFPI:

Figura 12 - Casa da Leitura – IFPI Campus Floriano



Fonte: [www.ifpi.edu.br/area-do-estudante/bibliotecas/imagens/floriano-casa-da-leitura-1/view](http://www.ifpi.edu.br/area-do-estudante/bibliotecas/imagens/floriano-casa-da-leitura-1/view) (2025).

A Casa da Leitura do IFPI de Floriano é um espaço destinado à promoção da leitura literária e ao desenvolvimento de atividades formativas, como o Clube do Livro.

[...] o fato de ter sido construída de forma colaborativa, com a ajuda de professores, alunos e pessoas da comunidade, permitiu que a Casa da Leitura gerasse um sentimento coletivo de orgulho, satisfação e pertencimento. Identificar-se com o local e sentir-se parte dele é sobremaneira importante para o despertar de interesses sociais e culturais. A crença subjetiva, gerada pelo sentimento de pertencer ao local, contribui para o entendimento do sentido da coletividade, do “con-junto”, da importância da preservação, do cuidado com a “Casa”, como também serviu como formação identitária, com consciência participativa permanentemente renovada (Virginio, 2018, p. 78).

Andreina Virginio, bibliotecária do IFPI Campus Floriano e mediadora do Clube do Livro desde a primeira edição, destaca o valor da construção coletiva do espaço, elemento que suscitou nos envolvidos sentimentos de pertencimento e identidade em relação à Casa da Leitura.

## 5.1 Clube do Livro do IFPI de Floriano: contextualização

Um clube de leitura, ou clube do livro, em sua forma tradicional, consiste em uma reunião de pessoas: crianças, adolescentes, jovens, adultos ou idosos, que se reúnem em círculo para discutir uma obra ou texto previamente lido em casa. Nesses encontros, geralmente, um único livro é escolhido para todos os participantes e discutido coletivamente em cada sessão. Esse formato distingue-se do Clube do Livro do IFPI de Floriano, projeto de extensão promovido inicialmente pelo professor do Campus Gomes Júnior.

De acordo com o Projeto de Extensão apresentado pelo professor coordenador, o objetivo geral do Clube do Livro do IFPI de Floriano:

[...] é o de possibilitar discussões acerca de temas variados e atuais a partir da literatura e visa incentivar o hábito da leitura, possibilitar o diálogo com pessoas de opiniões diferentes e contribuir para o conhecimento de novos livros e autores nacionais e internacionais (Gomes Júnior, 2018, p. 01).

Segundo Gomes Júnior e Santos (2020), o Clube do Livro não segue esse modelo padronizado de escolha de um único livro para todo o clube. A iniciativa proposta foi que cada participante escolhesse um livro, do acervo da Casa da Leitura ou de acervo particular, que se enquadrasse nas temáticas previamente definidas pelos mediadores. A organização da primeira edição do projeto culminou em quatro grupos temáticos: 1. Diversidade Sexual e de Gênero; 2. Política/Distopia; 3. Espiritualidade/Religiosidade; e 4. Relacionamentos/Amizade. O objetivo era trazer para a leitura e discussão uma variedade de obras e percepções sobre temáticas variadas e ainda lidar com a pouca quantidade de exemplares para uma obra, já que a maioria das obras sugeridas eram do próprio acervo da Casa da Leitura.

O Clube do Livro do IFPI de Floriano iniciou suas atividades no ano de 2018, de forma presencial, no espaço da Casa da Leitura, e, em 2020, passou a realizar alguns encontros on-line por meio de sua página no *Instagram*<sup>2</sup>. Contudo, os encontros virtuais não se mostraram eficientes nas interações entre os participantes, resultando na interrupção das atividades em 2021 (Brito, 2022).

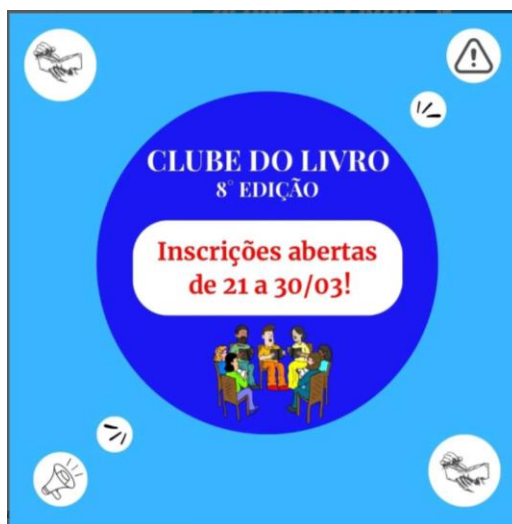
As atividades presenciais foram retomadas em 2023 e, atualmente, a oitava edição

---

<sup>2</sup>Página do Clube do Livro no *Instagram*. [www.instagram.com/clubedolivroifpi.flo/](http://www.instagram.com/clubedolivroifpi.flo/).

foi concluída no primeiro semestre de 2025. A cada semestre, a Casa da Leitura organiza uma nova edição do Clube do Livro, com duração aproximada de quatro meses, contemplando as etapas de inscrição, realizações dos encontros e avaliação final, que inclui o recebimento das resenhas, uma produção textual livre produzida pelos participantes, a partir de uma obra lida e discutida no Clube. Na Figura 13, apresenta-se um card de divulgação das inscrições da oitava edição:

Figura 13 - Divulgação das inscrições do Clube do Livro do IFPI de Floriano



Fonte: [www.instagram.com/clubedolivroifpi.flo/](http://www.instagram.com/clubedolivroifpi.flo/)

No que se refere à produção das resenhas no Clube do Livro, a pesquisadora Regina Garcia Brito emprega a expressão “convite”, conferindo-lhe um sentido que se afasta da ideia de obrigatoriedade:

Ao final do ciclo de leituras, cada participante é convidado a elaborar uma resenha literária do livro lido, a ser publicada no *blog* do projeto. Como se trata de um projeto de extensão, essa etapa mais a comprovação de 75% de presença garantem ao participante um certificado. A mediadora entrevistada, entretanto, declara que a maioria dos inscritos não busca o clube com o interesse de ter essa certificação para comprovação de carga horária em cursos e sim para encontrar pessoas para discutir e fazer da leitura algo menos solitário (Brito, 2022, p. 126).

Esses dados, que indicam que os participantes procuram o clube com o objetivo de encontrar pessoas e tornar a leitura uma prática mais solidária, podem ser explicados pela composição do grupo da oitava edição: das seis participantes, cinco cursavam o Ensino

Médio, público para o qual o certificado de extensão não teria, *a priori*, efeito prático em termos de comprovação de carga horária. Todas as resenhas recebidas durante as edições do projeto encontram-se disponíveis no blog<sup>3</sup> do Clube do Livro do IFPI de Florianópolis.

Com o objetivo de analisar as percepções dos participantes do Clube do Livro acerca das vantagens e desvantagens das atividades desenvolvidas ao longo da execução do projeto, foi aplicado um questionário, de forma presencial, durante o último encontro da oitava edição do clube. Nessa ocasião, participantes e mediadores se confraternizaram, compartilharam impressões sobre o clube e destacaram as leituras que mais os impactaram. A abertura do encontro contou com a participação *on-line* da escritora Raissa Lettière, que abordou aspectos do processo criativo de suas obras *Folhas que resistem* (2021) e *O Cochilo de Deus* (2024).

As edições do Clube do Livro são organizadas em torno de grupos temáticos, como já mencionado. Na oitava edição, foram estabelecidas quatro temáticas, assim distribuídas: 1. Clássicos da Literatura Brasileira; 2. Pobreza e Discriminação Social; 3. Temas Sociais da Atualidade; e 4. Política e Direitos Humanos. A definição desses eixos dialoga com a concepção de biblioteca escolar defendida por Mendonça (2019), que a compreende como espaço de formação cidadã, de ensino e de estímulo à leitura, favorecendo a emancipação e a transformação dos sujeitos. Nesse sentido, ao propor temas vinculados a questões sociais, políticas e culturais, o Clube do Livro amplia o papel da biblioteca, corroborando a visão da autora de que esse espaço deve ir além da transmissão de conceitos e técnicas, possibilitando a aplicação dos conhecimentos no contexto vivido pelos participantes e contribuindo para o resgate da cidadania e para o engajamento dos jovens em projetos de transformação social.

Ainda com relação ao papel da biblioteca, Cosson (2021c) a tipifica como espaço privilegiado para promover círculos de leitura, seja na forma de clube de leitura ou clube do livro, seja por meio de debates sobre livros e outras maneiras de ler coletivamente. Na Figura 14, divulga-se a temática pertinente de cada grupo, as datas dos encontros e seus respectivos mediadores:

Figura 14 - Divulgação da 8ª edição do Clube do Livro do IFPI de Florianópolis

---

<sup>3</sup>Página do *Blog* do Clube do Livro. <https://clubedolivroifpi.blogspot.com/>.

<p><b>CLUBE DO LIVRO</b> 8º EDIÇÃO</p>   <p><b>GRUPO 1:</b> Clássicos da Literatura Brasileira.</p> <p>Encontros: 03/04 e 12/06 às 15h</p> <p>Encontros gerais: 02/04 e 25/06 às 15h</p>	<p><b>CLUBE DO LIVRO</b> 8º EDIÇÃO</p>   <p><b>GRUPO 2:</b> Pobreza e discriminação social.</p> <p>Encontros: 10/04 e 29/05 às 15h</p> <p>Encontros gerais: 02/04 e 25/06 às 15h</p>
<p><b>CLUBE DO LIVRO</b> 8º EDIÇÃO</p>   <p><b>GRUPO 3:</b> Temas sociais da atualidade.</p> <p>Encontros: 15/04 e 27/05 às 15h</p> <p>Encontros gerais: 02/04 e 25/06 às 15h</p>	<p><b>CLUBE DO LIVRO</b> 8º EDIÇÃO</p>   <p><b>GRUPO 4:</b> Política e Direitos humanos.</p> <p>Encontros: 16/04 e 11/06 às 15h</p> <p>Encontros gerais: 02/04 e 25/06 às 15h</p>

Fonte: [www.instagram.com/clubedolivroifpi flo/](http://www.instagram.com/clubedolivroifpi flo/)

Com relação aos encontros do Clube do Livro, conforme divulgados nos cards de apresentação, é pertinente esclarecer que se dividem em encontros gerais e encontros dos grupos. Os encontros gerais correspondem ao primeiro e último momentos do projeto, nos quais todos os membros e mediadores se reúnem. No primeiro encontro, há a finalidade de apresentar o funcionamento do clube, promover a apresentação dos mediadores e participantes, bem como compartilhar histórias de leitura e preferências pessoais. Já o último encontro é destinado ao encerramento do projeto. Quanto aos encontros de grupo, estes ocorrem paralelamente, sendo espaços nos quais as diferentes leituras são apresentadas e debatidas coletivamente.

Há que se destacar que os três elementos básicos de um clube de leitura são: leitores, livros e mediadores. No contexto do Clube do Livro, no qual cada participante leva uma leitura para o centro do debate, a figura do mediador de leitura se apresenta ainda mais desafiadora, pois deve ter habilidade para fazer conexões de pontos e perspectivas entre obras diferentes, muitas vezes, obras que ele ainda não teve a oportunidade de ler. Assim, terá que buscar na memória experiência e conhecimento de mundo e usar seu repertório de leitura para assumir a função de condutor do grupo ou assumir uma postura leitora como a

que afirma Yunes (2014, p.131): “lemos com o que somos, com as nossas experiências acumuladas e mixadas, com nossos afetos e nossas necessidades se interpondo como filtros”. Segundo ela, o mediador tem a função de “dar passagem aos afetos e reflexões que a leitura promoveu nele mesmo, para que o outro reconheça que há espaço para sentir e pensar diante de algo novo” (Yunes, 2014, p. 133), o que ressalta que a mediação da leitura envolve não apenas a condução do diálogo, mas também a partilha de experiências e sensibilidades que ampliam as possibilidades de construção de sentidos do texto.

Segundo Regina Garcia Brito, o mediador, a que ela chama de *conductor*, tem a função de:

[...] apresentar a leitura comentada, animar a conversa sobre a obra, destacar aspectos relevantes, elaborar uma rede de conexões, remetendo a outras leituras, promover o exercício de intercâmbio entre experiências de vida dos leitores e a obra e promover o diálogo entre os participantes acerca da obra literária. Suas características cruciais seriam: paixão pela literatura para entusiasmar os leitores, memória ou familiaridade com a interpretação de textos diversos e empatia, materializada na capacidade de saber escutar e equanimizar as diferentes opiniões, explicitando o valor de todas elas mesmo quando opostas (Brito, 2022, p. 39-40).

Esse formato de clube, ao não adotar um livro único, como o Clube do Livro do IFPI de Floriano, encontra respaldo nas reflexões de Luzia de Maria (2016), que critica a postura de muitos professores do Ensino Médio, em nome da formação de leitores, ao elegerem um livro por bimestre para toda a turma. Nesses casos, costuma-se realizar uma dissecação do texto, priorizando a memorização de trechos e transformando a obra em um compêndio a ser estudado. A autora ressalta a importância de permitir que os adolescentes e jovens escolham suas próprias leituras, uma vez que se encontram em fase da vida de intensas mudanças e escolhas fundamentais. Assim, não faz sentido que o professor ou mediador imponha as obras a serem lidas, é necessário permitir que cada estudante escolha o que deseja ler.

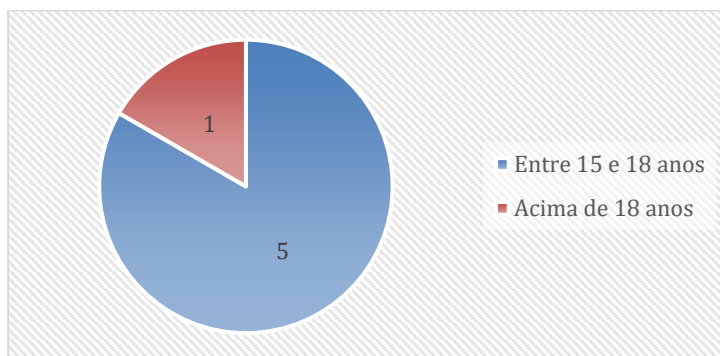
Em continuidade da pesquisa, desenvolve-se a análise dos questionários aplicados aos participantes do Clube do Livro. Esse instrumento foi estruturado em três blocos de questões. O primeiro bloco foi assim discriminado: perguntas que serão direcionadas aos clubistas de modo a identificar o perfil dos participantes do Clube do Livro e os materiais que leem; o segundo bloco continha o seguinte escopo: questionamentos direcionados aos clubistas de modo a apontar suas percepções quanto às vantagens das práticas no Clube do Livro; e no terceiro bloco, tais questionamentos direcionados aos participantes de modo a apontar suas percepções quanto às desvantagens das práticas no Clube do Livro.

É importante ressaltar que todos os participantes que responderam ao questionário são do sexo feminino, adolescentes e jovens mulheres, portanto reportadas ao longo da análise como substantivos e pronomes femininos, que as caracterizam dentro deste viés. São identificadas como clubistas AA, BB, CC, DD, EE e FF, objetivando ocultar suas identidades.

## 5.2 Clube do Livro do IFPI de Floriano: perfil das participantes e materiais de leitura

O primeiro bloco é composto de nove questões, com intuito de descrever o perfil das participantes do Clube do Livro. Nesse sentido, foram formulados os seguintes questionamentos: *Qual sua faixa etária?* Verificou-se que cinco participantes estão na faixa de 15 a 18 anos, enquanto uma participante tem mais de 18 anos, dados apresentados no Gráfico 4 a seguir:

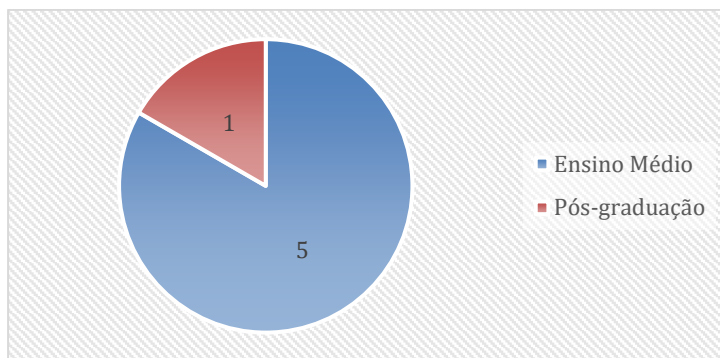
**Gráfico 4** - Perfil dos participantes do Clube do Livro do IFPI de Floriano



Fonte: Produzido pela autora (2025).

Quanto à indagação: *Qual o seu grau de escolaridade?* Observou-se que cinco participantes cursavam o Ensino Médio e uma se encontrava na pós-graduação, conforme registro no Gráfico 5 abaixo:

**Gráfico 5** - Escolaridade das participantes do Clube do Livro do IFPI Floriano



Fonte: Produzido pela autora (2025).

O último encontro da 8ª edição do projeto do Clube do Livro contou com a presença das clubistas, das mediadoras, do mediador de leitura e desta pesquisadora. Na ocasião foi aplicado o questionário utilizado como instrumento de coleta de dados. A Figura 15 apresenta o registro desse encontro:

Figura 15 - Último encontro da 8ª edição do Clube do Livro do IFPI de Florianópolis



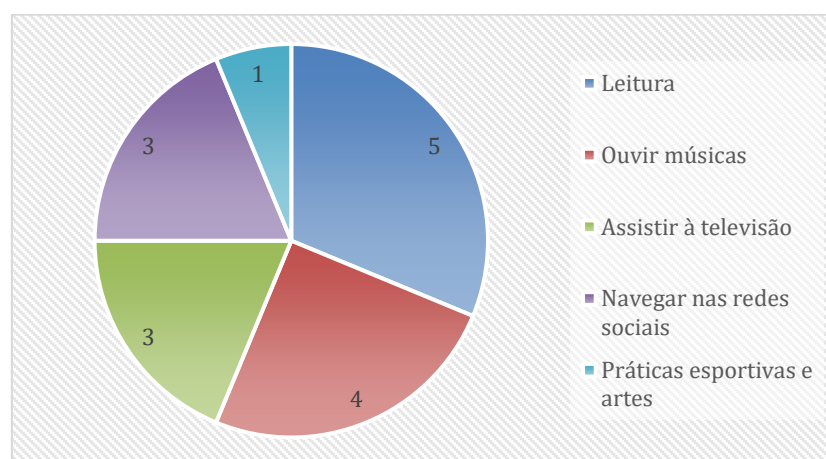
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

Em relação ao terceiro questionamento: *De quantas edições do Clube do Livro você já participou?*, todas as seis clubistas afirmaram que a oitava edição era a primeira participação delas. Isso levanta algumas indagações que podem conjecturar a participação

das clubistas somente nessa edição, já que o Clube do Livro teve início em 2018. As participantes estão na condição de discentes do IFPI recentemente e não tinham conhecimento do projeto? Os encontros acontecem durante os dias da semana e no horário das aulas regulares, dificultando a participação de quem estuda na instituição? O formato presencial do clube dificulta a participação, devido ao gasto de tempo e financeiro com a locomoção até o local do encontro? Falta de apoio de outros setores da instituição na divulgação e incentivo aos alunos em participarem do projeto?

O quarto questionamento indagava: *O que você costuma fazer nas horas vagas?* Essa questão foi estimulada com quatro alternativas, mas também abriu espaço para que as participantes mencionassem outras atividades realizadas em seu tempo livre. A maioria, cinco participantes, mencionou que gosta de ler, enquanto quatro apreciam ouvir músicas. Assistir à televisão e navegar nas redes sociais foram apontadas cada uma por três participantes. Além disso, apenas uma participante mencionou a prática de atividades relacionadas a esportes e artes, como caminhar, correr, pintar, estudar e jogar (sem especificar se jogo em formato online ou esportivo). Os dados apontados pelas clubistas estão representados no Gráfico 6 a seguir:

**Gráfico 6** - Atividades das participantes do Clube do Livro do IFPI de Florianópolis nas horas vagas



Fonte: Produzido pela autora (2025).

Cabe destacar que, nessa questão, as participantes puderam indicar mais de uma atividade realizada em seu tempo livre.

O quinto questionamento foi: *Você se considera leitora?* O Quadro 21 apresenta as respostas das participantes, indicando que, das seis clubistas, apenas uma afirmou

considerar-se leitora, enquanto cinco se autodefiniram como “mais ou menos” leitoras, justificando que leem pouco. Nenhuma participante se autodeclarou não leitora.

**Quadro 21** - Você se considera leitora?

Participantes	Respostas			Justificativas
	Sim	Não	Mais ou menos	
Clubista AA	-	-	X	“Tenho apreço pela leitura, mas não leio muitos livros”
Clubista BB	-	-	X	“Costumo ler poucos livros durante o ano”
Clubista CC	-	-	X	“Não tenho muita experiência e não conheço muitos autores”
Clubista DD	-	-	X	“Leio poucos livros”
Clubista EE	-	-	X	“Eu leio poucos”
Clubista FF	X	-	-	“Leio com frequência”

Fonte: Produzido pela autora (2025).

Nessa análise, as justificativas são pontos importantes a serem detalhados. A participante AA expressa em sua fala que é mais ou menos leitora e tem um “apreço pela leitura”. Ao visitar a versão eletrônica do *Dicionário Online de Português* para desvendar o substantivo “apreço”, um dos verbetes significa “estima, admiração, consideração ou respeito que se demonstra por algo ou alguém” (APREÇO, 2025). Assim, a participante tem estima, admiração, consideração pela leitura como se a percebesse enquanto objeto decorativo e reconhecesse a importância para o desenvolvimento pessoal, intelectual e social. Contudo, essa relação passiva de respeito e admiração com o ato de ler é possível confirmar com a segunda parte da resposta: “mas não leio muitos livros”, admira e considera, mas não pratica a ponto de se nomear leitora.

As participantes BB, DD e EE afirmam considerar-se “mais ou menos” leitoras, justificando essa percepção pelo número reduzido de livros lidos. Nesse sentido, depreende-se que ainda se encontram em processo de evolução leitora, havendo um percurso a ser trilhado entre a condição de leitor competente e a de leitor crítico, esse último almejado por todos. Ressalta-se que a aquisição da criticidade de leitor pressupõe um repertório amplo e diversificado de leituras. Nessa direção, Yunes esclarece:

O chamado leitor competente aparece quando ele pode ler e associar sua leitura a de outros textos, tirar algumas inferências. Este é o passo anterior a tornar-se um leitor crítico no sentido mais amplo que podemos dar ao termo, para quem tem ideias a comentar e a replicar sobre o que lê, com juízo e tomada de posição (Yunes, 2014, p. 134).

A participante CC afirma não possuir ampla experiência de leitura, o que indica estar em estágio inicial do processo de formação do hábito leitora. Tal condição evidencia a necessidade de apoio para o desenvolvimento de estratégias de leitura, o despertar do gosto pela leitura, aliado à ampliação do repertório de leitura, já que menciona, também, não conhecer muitos autores. Nesse contexto, destaca-se a relevância da participação em projetos como o Clube do Livro, por se configurar como espaço de troca e compartilhamento, que possibilita à participante o contato com diferentes obras e autores, além de favorecer o despertar para futuras leituras. Conforme observa Maria (2016), a experiência leitora só se consolida mediante a prática frequente, sendo condição essencial à ampliação da competência leitora.

Das seis respostas a essa questão, somente a participante FF afirma ser leitora e justifica convincentemente: “leio com frequência”.

Com relação ao processo de como a leitura é vista no panorama teórico, remete-se à teoria de Leffa (1996) que aborda para a leitura quatro concepções e suas principais perspectivas: primeiro, uma teoria geral em que a leitura é entendida como uma representação. A segunda compreende o ato de ler como uma extração de significado do texto, o ato de ler vai do texto para o leitor, e a ênfase recai sobre o texto. A terceira compreende a leitura como atribuição de significados, na qual um mesmo texto pode receber diferentes interpretações de distintos leitores ou até de um mesmo leitor em momentos diversos da leitura. Essas duas teorias são antagônicas e excludentes.

A quarta teoria, a teoria conciliadora, nasceu da percepção de incompletude das teorias acima: não basta o ato de ler se centrar somente no texto, nem somente no leitor, é preciso considerar um terceiro elemento: “o que acontece quando leitor e texto se encontram” (Leffa, 1996, p. 17). Portanto, “para compreender o ato da leitura, temos que considerar então o papel do leitor, o papel do texto e o processo de interação entre o leitor e o texto” (Leffa, 1996, p. 17).

Há um aspecto importante que se acrescenta ao processo da leitura, segundo Leffa (1996), que diz respeito à intencionalidade do leitor ao ler um texto. Por exemplo, ao procurar um livro para leitura, o leitor leva em consideração o objetivo dessa leitura, que

pode ser o lazer, obter informações e a crítica. Essa intenção pode ser caracterizada como uma necessidade que precisa ser satisfeita, a busca de um equilíbrio interno ou a tentativa de alcançar um determinado objetivo em relação a um determinado texto.

Dentro dessa perspectiva, destaca-se a resposta da clubista DD ao questionamento, analisado mais adiante, sobre a principal desvantagem das práticas desenvolvidas no âmbito do Clube do Livro. A participante afirmou ser “a escolha dos livros”, sem, contudo, detalhar os motivos para considerar esse aspecto como desvantagem. Com base nessa resposta e à luz da teoria de Leffa (1996), segundo a qual toda leitura parte de uma necessidade ou de um objetivo que o leitor deseja alcançar, infere-se que o Clube do Livro, ao definir grupos temáticos nos quais os participantes devem escolher obras que se enquadrem neles, isso não corresponde aos anseios e necessidades da participante, o que a levou a apontar a escolha como um aspecto negativo.

Ao analisar as respostas aos dois últimos questionamentos: “O que você costuma fazer nas horas vagas?” e “Você se considera leitora?”, observa-se que o primeiro investigava as atividades às quais as participantes se dedicam em seu tempo livre, sendo que cinco afirmaram realizar práticas de leitura. Já o segundo indagava se elas se consideravam leitoras, e apenas uma participante se declarou, de fato, leitora. Nota-se, portanto, uma desconexão que revela certa incoerência entre as respostas das clubistas, uma vez que se ocupam da leitura no tempo livre e, ao mesmo tempo, não se reconhecem como leitoras.

Quanto à sexta indagação: *Se você se considera uma leitora, qual é o seu gênero literário preferido?*, o Quadro 22 de resposta aponta o romance e o conto como os gêneros preferidos, com três citações para cada gênero, seguido das poesias, crônicas e literatura infantojuvenil com duas citações cada, e o cordel e a biografia com uma menção cada.

**Quadro 22** - Se você se considera uma leitora, qual é o seu gênero literário preferido?

Gênero	Número de citações
Romance	3
Conto	3
Poesia	2
Crônicas	2
Literatura Infantojuvenil	2
Cordel	1
Biografia	1

Fonte: Produzido pela autora (2025).

O romance e o conto constituem os gêneros de leituras preferidos pelas participantes do Clube do Livro. Essa predileção por gêneros pertencentes ao universo narrativo remete ao poder das histórias de encantar leitores desde a infância até a vida adulta, uma vez que enredos e tramas têm capacidade de envolvê-las e despertar sentimentos como a empatia, conforme afirma Luzia de Maria:

A literatura, e particularmente o romance, tem a rara capacidade de nos fazer sentir o que o outro sente. De forma espetacular, uma boa narrativa nos aproxima de tal modo do personagem, que vivemos as suas angústias, sofremos as suas dores e nos tornamos tão íntimos, que somos capazes de nos colocar em seu lugar (Maria, 2016, p. 106).

Ao nos debruçarmos sobre um romance, nos aproximamos e nos tornamos íntimos dos personagens, passando a viver os seus dilemas e promovendo uma experiência de identificação profunda e de deslocamento emocional. Essa capacidade de colocar o leitor no lugar do outro evidencia o poder transformador da boa narrativa e sua função ética de ampliar perspectivas mais humanizadoras: “O grande mérito dos romances é captar os detalhes, injetando partículas de humanidade em cada ação/reação: a linha narrativa fisga o leitor e não o deixa respirar” (Maria, 2016, p. 173).

O sétimo questionamento trata-se de uma pergunta aberta: *O que você mais gosta ao participar do Clube do Livro?* A pergunta aberta permite às participantes “responderem livremente, usando uma linguagem própria, e emitir opiniões. Possibilitam investigações mais profundas e precisas” (Marconi e Lakatos, 2020, p. 222). Segue o Quadro 23 com as respostas de todas as participantes.

**Quadro 23** - O que você mais gosta ao participar do Clube do Livro?

Participantes	Respostas
Clubista AA	“É uma experiência leve e que nos leva a vivenciar a literatura de forma espontânea. Todos são livres para partilhar abertamente suas leituras”.
Clubista BB	“Das discussões sobre os livros, e do conhecimento adquirido e das oportunidades”.
Clubista CC	“Dos livros indicados e a motivação a leitura”.
Clubista DD	“Conhecer pessoas novas e ter mais conhecimentos”.
Clubista EE	“De poder me expressar sem ser interrompida ou julgada e poder aprender novas coisas e ter mais consciência e senso crítico em alguns assuntos”.

Clubista FF	“Os diálogos entre os participantes”.
-------------	---------------------------------------

Fonte: Produzido pela autora (2025).

Todas as participantes responderam a esse questionamento. A resposta da participante AA evidencia três aspectos fundamentais da experiência no Clube do Livro, sintetizados em três substantivos: leveza, espontaneidade e liberdade. Primeiramente, a participante caracteriza como uma experiência leve, evidenciando o caráter acolhedor e prazeroso das atividades, que se configuram como um espaço de fruição da leitura e não de obrigação. Em segundo lugar, a espontaneidade manifesta-se na possibilidade de a participante expressar-se de maneira autêntica em relação à leitura e à construção de sentidos. Por último, a liberdade, ao destacar que todos podem compartilhar suas leituras sem receio de interrupções, revela-se como um espaço de convivência entre diferentes opiniões, no qual cada integrante expõe suas impressões pessoais sobre as obras, fortalecendo a dimensão coletiva e plural da prática leitora.

Cabe acrescentar que outros dois elementos podem ser incorporados a um círculo de leitura e, nesse caso, ao Clube do Livro do IFPI de Floriano. Segundo Eliana Yunes, pode ser identificado como uma experiência que transita da simplicidade à complexidade:

Para se fazer um “círculo de leitura” não é necessário nenhum aparato técnico muito sofisticado, apenas um texto e leitores, sem livros didáticos ou apostilas, simples como se pode ver. No entanto, essa simplicidade, à medida que acontece, revela-se de extrema complexidade, pois juntos – texto e leitor – dão a ver, a quem o observa (ao mesmo tempo em que dele participa) uma infinidade de suposições, constatações e indagações. Os leitores, de carne e osso, e os seus repertórios de leituras, em contato com o texto, fazem eclodir um mundo que se instaura ali, vivo, e o verbo se faz carne, pulsa, razão de toda palavra proferida (Yunes, [2010?], p. 25).

Quando se trata da liberdade do leitor em atuação nos clubes de leitura, recorre-se também às palavras de Schmitz-Boccia:

[...] a liberdade e a independência presentes na participação voluntária dos leitores no clube de leitura manifestam-se em muitos aspectos: o direito à escolha dos livros (ainda que haja uma indicação prévia), a possibilidade de participar em todos os meses ou não, a eventual recusa em ler determinado livro, a possibilidade de pular trechos ou escolher as passagens que mais tenham lhe tocado e de realizar interpretações totalmente diferentes da maioria do grupo (Schmitz-Boccia, 2012, p. 106).

A fala da participante BB pode ser compreendida em três partes. Primeiramente, ela destaca, como aspecto de maior interesse no Clube do Livro, a discussão sobre livros. Todo livro, científico ou literário, defende uma ideia, uma tese, um ponto de vista, introduzindo uma temática central que, por sua vez, pode desdobrar-se em questões secundárias. No caso da literatura, que geralmente constitui o foco das discussões nesses encontros, o enredo e a trama acrescentam elementos capazes de fascinar os leitores e suscitar diálogos enriquecedores.

Em segundo lugar, a participante menciona o conhecimento adquirido, aspecto também destacado por DD. Toda leitura, de alguma forma, produz conhecimento, seja acerca de povos, culturas, sociedades, religiões, economia ou ciência. Soma-se a isso o saber relacionado às obras literárias, seus autores e o contexto histórico em que foram produzidas. Ao realizar a leitura de um livro, frequentemente, a discussão despertada remete os participantes a outras leituras realizadas no passado, estabelecendo conexões com a leitura do presente e, assim, ampliando o conhecimento literário.

O terceiro recorte da fala da clubista BB menciona a valorização das “oportunidades”. Essa palavra, entretanto, exige um complemento para que seu sentido se complete: oportunidades de quê? De discutir pontos de vista, de refletir sobre temas universais como a morte, a finitude e o sentido da vida; de aprender, de conviver com o diferente, de compartilhar suas próprias leituras e de ouvir a dos colegas. Nesse contexto, recorreremos às palavras de Ribeiro (2022, p. 113), ao concluir que, com o clube de leitura, “foi possível dar aos estudantes as oportunidades de lerem para opinar, para conversar, para espelhar concepções que poderiam ser somente internas, caso não tivesse havido estímulo para o compartilhamento”.

A clubista CC aponta que o aspecto de que mais gosta no Clube do Livro é a indicação dos livros e a motivação para a leitura. As edições do Clube são organizadas por grupos temáticos e coordenadas por uma das bibliotecárias da instituição. Assim como ela, os demais mediadores também são servidores da instituição, leitores experientes e conhecedores de diferentes obras, responsáveis por selecionar títulos disponíveis no acervo para empréstimo, de modo a contemplar as temáticas propostas em cada edição. A partir dessa pré-seleção, cada participante escolhe a obra que mais a sensibiliza ou, se preferir, pode optar por outro título de interesse pessoal para compartilhar com o grupo, garantindo, assim, a liberdade de escolha. Dessa forma, ao selecionar um livro para leitura, pressupõe-se que este atuará como fator motivador para o engajamento da participante.

Conhecer pessoas foi o aspecto destacado pela participante DD como aquilo que mais gosta nos encontros do Clube do Livro. É natural que, ao falarmos sobre as leituras realizadas, entrelaçam-se nossas experiências de vida, desejos e sonhos, bem como nossas preferências e rejeições, despertando o interesse dos demais. Nesses encontros, também se constroem laços e afinidades com os mediadores e demais pessoas do círculo, além de vínculos simbólicos com os autores lidos e personagens explorados. Ao final de todo esse processo, podemos dizer que conhecer pessoas e suas histórias constitui uma dimensão essencial dessa experiência.

A resposta da participante EE, ao afirmar que gosta de “poder me expressar sem ser interrompida ou julgada”, remete ao que Luzia de Maria (2016) aponta como o primeiro acordo entre professor e alunos, ou entre membros de um clube de leitura: o de que todos terão seu momento de falar e de ouvir. A opinião do outro não deve ser tomada como objeto de julgamento, no sentido de estar certa ou errada, mas compreendida como parte de um processo em que o significado da leitura é negociado coletivamente entre todos os participantes:

[...] como uma regra básica sem a qual nenhum clube de leitura ou espaço de aprendizado pode funcionar, é que seja garantido a todos o seu direito à fala. Mas isso implica que seja cobrado de todos o respeito ao colega, o dever de silenciar – e ouvir – quando a fala pertence a outro, seja ele o professor ou algum aluno. [...] O silêncio, durante a intervenção de outro participante, é essencial e condição *sine qua non* para a eficiente prática da língua (Maria, 2016, p. 67).

A participante EE menciona, entre os aspectos positivos de sua experiência, a possibilidade de aprender “novas coisas”, o que permite inferir a diversidade de conhecimentos adquiridos por meio da leitura, já mencionado anteriormente. Além disso, destaca a “consciência e senso crítico em alguns assuntos” como resultados de sua participação no Clube do Livro. Sabe-se que a leitura e a discussão favorecem não apenas a ampliação da consciência sobre as estratégias empregadas no ato de ler, mas também a apreensão de determinadas temáticas e conteúdos, possibilitando o desenvolvimento do senso crítico mais fundamentado. Nesse sentido, a reflexão da participante dialoga com a perspectiva de Cosson (2021c, p. 23), para quem o “funcionamento de um círculo de leitura demanda um intenso envolvimento do leitor com o texto, o que leva a uma aprendizagem ativa dos mecanismos e convenções da escrita e a uma maior consciência de ser leitor”.

A clubista FF menciona que os “diálogos entre os participantes” são o aspecto de que mais gosta no Clube do Livro, uma vez que, nessa prática coletiva, o diálogo constitui o ponto central de funcionamento. Cosson (2020) destaca que, para que a discussão cumpra efetivamente sua função, é necessária que seja estruturada, com objetivos e formas de condução claramente definidos, e não reduzida a um simples recurso para gastar o tempo:

[...] discussões produtivas são aquelas em que os alunos controlam os turnos de falas e falam por mais tempo que o professor, fazem questões autênticas e compartilham conhecimento entre si, elaboram explicações e usam falas exploratórias, com palavras e expressões condutoras de raciocínio, levando a um aprofundamento do texto ou tópico que está sendo debatido (Cosson, 2020, p. 127).

Nesse processo é razoável que haja participação equilibrada entre os membros. Cabe ao mediador do encontro instigar, questionar e abrir espaços para que os participantes exponham questionamentos que surgirem da experiência de leitura e das discussões.

Com a intenção de trazer um panorama de títulos de livros e/ou obras literárias lidas durante os encontros do Clube do Livro, a oitava questão proposta às participantes foi: *Você conseguiria listar algumas obras e/ou textos lidos no Clube do livro?* O Quadro 24 lista os títulos das obras segundo as participantes. Além disso, constam também os autores e os gêneros, e se o título apontado tem versão física disponível no acervo da Casa da Leitura.

**Quadro 24** - Você conseguiria listar algumas obras e/ou textos lidos no Clube do Livro?

Obras	Autores	Gênero / Tipo de livro	Tem no acervo da Casa da Leitura?
<i>Clara dos Anjos</i>	Lima Barreto	Romance	Sim
<i>A Hora da estrela</i>	Clarice Lispector	Romance psicológico	Sim
<i>Capitães de areia</i>	Jorge Amado	Romance	Sim
<i>O Evangelho segundo a humanidade</i>	Marcos Mariano	Ficção histórica	Sim
<i>O Discurso do rei</i>	Mark Logue e Peter Conradi	Biografia	Não
<i>A Revolução dos bichos</i>	George Orwell	Romance moderno	Sim

<i>A Câmera do sumiço</i>	Laura Bergallo	Ficção Científica	Sim
<i>Assédio</i>	Angélica Bevilacqua	Literatura Infanto Juvenil	Sim
<i>Crônicas para jovens: de amor e amizade (Crônicas de amor e amizades para jovens)</i>	Clarice Lispector	Crônicas	Sim
<i>It girl</i>	Cecily von Ziegesar	Literatura Infanto Juvenil	Sim
<i>Esse inferno vai acabar</i>	Humberto Werneck	Crônicas	Sim
<i>O Alquimista</i>	Paulo Coelho	Romance alegórico (best-seller)	Sim
<i>A Arte da guerra</i>	Sun tzu	Ciência militar / Estratégia	Sim
<i>Um garoto chamado rorbeto</i>	Gabriel o pensador	Literatura Infanto Juvenil	Sim

Fonte: Produzido pela autora (2025).

As seis clubistas mencionaram um total de 14 obras, algumas citadas com maior frequência do que outras. Quanto aos autores e à classificação do gênero, realizou-se uma busca na internet para obter essas informações. Um dado relevante é que, das 14 obras citadas, 13 delas, correspondendo a 93%, pertencem ao acervo físico da Casa da Leitura, espaço destinado tanto à guarda de acervo literário quanto à realização de prática de leitura individual e coletiva, como os encontros do Clube do Livro. Desse modo, destaca-se que não basta a obra literária estar disponível no acervo físico da biblioteca para garantir sua leitura, é necessário promover o encontro dela com o leitor.

O gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem se tornar letra morta se ninguém lhe der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, à dimensão do encontro com um mediador, das trocas, das palavras “verdadeiras”, é essencial (Petit, 2009, p. 154).

Nessa perspectiva, compreende-se que a presença do acervo da Casa da Leitura, embora indispensável, ganha efetividade quando articulada às práticas mediadas de leitura, como os encontros do Clube do Livro, que favorecem o contato significativo entre leitores e obras.

Nesse contexto, também se torna relevante considerar o suporte de leitura

predominante nessas práticas. Bomfim (2019), em pesquisa voltada a investigar um projeto de clube de leitura como prática pedagógica, concluiu que, embora a contemporaneidade ofereça múltiplos suportes de leitura, aspectos que não podem ser ignorados ou negligenciados no processo de formação de leitores, o livro permanece como uma ferramenta valiosa para o pensamento e para a elaboração do imaginário, o que também se evidencia no contexto do Clube do Livro que, nesse caso, se acrescentaria o livro físico, de papel e tinta.

Em se tratando da classificação das leituras, quanto ao gênero, destaca-se: cinco obras são romances, representando 35% das citações; três obras pertencem à literatura infantojuvenil, representando 21% das obras citadas; e duas obras são crônicas, representando 14% das menções. Além disso, os gêneros ficção histórica, ficção científica, biografia e ciência militar/estratégia foram mencionados com uma obra cada. Essa diversidade revela que o Clube do Livro tem espaço para a leitura e circulação de títulos variados, atendendo aos mais diversos perfis de leitores.

Em conexão com essa diversidade de obras, Cosson (2020) aponta cinco maneiras de formar leitores competentes: lendo diversos e diferentes textos, lendo de diversos modos, lendo para conhecer o texto que nos desafia e que responde a uma demanda, avaliando o que se ler, ler para aprender a ler. Nesse contexto da leitura formativa, é pertinente ressaltar que as obras lidas e discutidas no Clube do Livro convergem na direção da diversidade de textos. Segundo o autor, essa diversidade permite que o leitor se movimente entre eles e construa um repertório que lhe servirá de referência para as próximas leituras. O leitor competente, segundo ele, é exatamente aquele que conhece a variedade de textos, tem preferência pela ordem temática ou estilística, assim como sabe identificar aquele texto que mais lhe convém para ler em diferentes situações.

No que se refere ao quinto modo de ler formativamente apontado por Cosson (2020, p. 48): “lemos para aprender a ler”, recorre-se também à teoria sobre a arte de ler, de Émile Faguet, (2021), que ressalta a condição básica para se aprender a ler, a necessidade de ler sempre devagar. Tal princípio aplica-se tanto à leitura por prazer quanto àquela destinada à instrução ou à crítica. Segundo o autor, durante o ato de ler, é fundamental questionar se a ideia pertence ao autor ou ao leitor, mantendo sempre uma postura de desconfiança em relação ao primeiro sentido atribuído ao texto. Desse modo, a leitura devagar revela-se como um princípio aplicável a todo tipo de leitura, constituindo-se na própria “arte de ler”.

A nona e última questão deste primeiro bloco foi: *O Clube do Livro, de alguma forma, influenciou a escolha de suas leituras pessoais?* A primeira parte da pergunta foi

fechada, com opções de escolhas: sim, em parte ou não. Como resultado, quatro participantes afirmaram que sim, e as outras duas afirmaram que em parte, e nenhuma apontou a não influência. Isso revela que o Clube do Livro influi de alguma maneira nas escolhas pessoais de leitura. A segunda parte destinava-se a justificativas, no sentido de abrir espaço para a participante esclarecer como se daria esse processo de influência. Abaixo, segue o Quadro 25 com as justificativas e posterior análise:

**Quadro 25** - O Clube do Livro, de alguma forma, influenciou a escolha de suas leituras pessoais?

Participantes	Afirmações	Justificativas
Clubista AA	Em parte	“Me levou a refletir bastante sobre determinado tema e escolher novas leituras diferentes das quais eu estava habituada”.
Clubista BB	Sim	“Me encantei e apaixonei pela literatura brasileira, deve ser mais valorizada”.
Clubista CC	Sim	“Com indicações e repertório de livros”.
Clubista DD	Em parte	“Consegui mudar meu gosto literário”.
Clubista EE	Sim	Não justificou
Clubista FF	Sim	“Gosto muito de ler sobre política”.

Fonte: Produzido pela autora (2025).

As justificativas para este questionamento se apresentam muito diversificadas, sendo analisadas individualmente. A participante AA afirma que houve influência em parte e que os encontros a levaram à reflexão sobre temáticas. Ao mesmo tempo, abriu possibilidades para escolhas de leituras diferentes das experimentadas antes do Clube do Livro. Infere-se que houve um crescimento como leitora a partir do momento em que ela se permite aventurar em novas leituras com as quais não estava habituada no seu dia a dia.

A Clubista BB menciona que o Clube do Livro influenciou sua leitura e ressalta o arrebatamento sofrido ao ler a literatura brasileira, “me encantei e apaixonei”. É possível deduzir a partir disso que a participante ainda não conhecia a literatura brasileira por meio da leitura de obras, ainda não a tinha experienciado de forma prazerosa, que pudesse ter despertado o sentimento de encantamento e paixão.

Nesse contexto, é possível refletir sobre a experiência da participante BB com a literatura brasileira. Das seis participantes, cinco estão cursando o Ensino Médio e uma é pós-graduada; conseqüentemente, todas têm ou tiveram contato com a literatura brasileira

ao longo da escolarização. No entanto, para a clubista BB, esse contato ainda não se deu por meio da leitura efetiva de obras literárias, como ocorre no âmbito do Clube do Livro. Além disso, a participante afirma que a literatura brasileira deve ser mais valorizada, entendimento que remete à importância de esse reconhecimento partir, primeiramente, do contexto escolar e, neste caso, do próprio Clube do Livro, possibilitando que tal experiência seja vivenciada por outros leitores.

A participante CC afirma que sim, que houve influência do Clube na escolha de suas leituras. Isso se deu com as “indicações de leitura”, evidenciando que a participante acolheu as sugestões de leitura dos mediadores de acordo com a temática escolhida. Desse modo, essa sugestão contribuiu para que a participante aumentasse seu “repertório de livros”, ou seja, conheceu mais títulos, autores e temáticas. Com relação à seleção de livros para um clube do livro, toma-se como orientação a proposição de Cosson (2021c) ao afirmar que a seleção deve ser compartilhada entre todos, professor e alunos, nesse caso, participantes e mediadores. Os participantes devem se sentir à vontade para indicar obras de sua preferência, assim como se utilizar da pré-seleção feita pelos mediadores. Essa participação na escolha é importante, para que não recebam as obras como imposição:

Ao professor cabe selecionar obras que respondam aos diferentes interesses e níveis de leitura dos alunos, sem se esquecer de que também é seu papel desafiar esses interesses e níveis, propondo textos mais diversos e progressivamente mais complexos. Daí que as obras não precisam estar todas no mesmo nível de complexidade, ainda que próximas entre si, apresentando, preferencialmente, diversidade temática e composicional. Além disso, mesmo que uma obra seja considerada difícil para alguns alunos, a escolha dela não deve ser desencorajada, pois a dinâmica da leitura compartilhada pode comparecer facilmente as dificuldades enfrentadas individualmente (Cosson, 2021c, p. 44).

A clubista DD afirma que o Clube influenciou em parte suas escolhas de leitura. Ela fala em mudança no “gosto literário”, infere-se que a clubista pode ter lapidado sua preferência literária. Ao aproximar-se das teorias de leitura, detém-se na concepção de leitura como atribuição de significado ao texto lido. Deduz-se que a clubista, ao invés de mudar o gosto, apenas, com a experiência proporcionada pelos encontros do Clube do Livro, embora ressalte-se que foram poucos encontros, adquiriu mais experiências com a leitura e passou por um processo de lapidação do seu gosto literário, que partiu de experiências de leitura mais simples e atingiu leituras mais complexas, como as leituras de obras canônicas da literatura brasileira, por exemplo, não se satisfazendo só com que lia antes, revelando-se um

crescimento como leitora. Ainda como justificativa da participante, a teoria psicolinguística de Leffa (1996) pode também contribuir com outro viés para essa mudança de postura da clubista acima, pois, segundo ele:

A riqueza da leitura não está necessariamente nas grandes obras clássicas, mas na experiência do leitor ao processar o texto. O significado não está na mensagem do texto, mas na série de acontecimentos que o texto desencadeia na mente do leitor (Leffa, 1996, p. 15).

Essa ideia leva a refletir sobre o porquê de uma jovem sem bagagem de leitura não apreciar de imediato uma grande obra da literatura. Para saborear uma leitura como essa, é necessária uma bagagem de leitura que vai aos poucos se formando, refinando seus gostos, construindo seus repertórios, até ter a maturidade para apreciá-las de fato. A riqueza dessas obras vai estar no caráter atemporal, nas associações, conexões, intertextualidades, que o leitor fará durante a leitura e do seu conhecimento de mundo adquirido ao longo da vida.

A participante EE afirmou que houve influência do Clube em suas escolhas de leitura, mas não justificou. A clubista FF confirmou influência e, como justificativa, apenas mencionou que gosta muito de ler sobre política. Infere-se a partir disso que o gosto por essa temática teve desdobramento positivo, pois ela teve a oportunidade de aprofundá-la, pois o Clube do Livro é organizado em torno de grupos, e o tema política e direitos humanos foi contemplado nesta oitava edição.

### **5.3 Clube do Livro do IFPI de Floriano: percepção das vantagens**

O segundo bloco de questões é direcionado as participantes de modo a apontar suas percepções quanto às vantagens das práticas desenvolvidas no Clube do Livro. Para realizar esse objetivo, foram elaborados três questionamentos, sendo duas questões abertas e uma questão fechada.

O primeiro questionamento versa: *Quais práticas do Clube do Livro você considera mais eficazes para seu desenvolvimento como leitora?* Esta questão é no sentido de identificar algum aspecto, percurso, conduta, direcionamento, discussão que acontece no Clube do Livro que as clubistas consideram como proveitoso para seu desenvolvimento

como leitoras. Segue o Quadro 26 com todas as respostas das clubistas:

**Quadro 26** - Práticas do Clube do Livro mais eficazes para o desenvolvimento como leitora

Participantes	Respostas
Clubista AA	“A partilha de leitura e produção de resenhas”.
Clubista BB	“A prática da leitura, a dissertação, a oratória e a escrita”.
Clubista CC	“As discussões e as indicações de livros”.
Clubista DD	“O ato de realizar resenhas ao final da leitura”.
Clubista EE	“Diálogos”.
Clubista FF	“A interação entre os participantes”.

Fonte: Produzido pela autora (2025).

Quanto às análises, as respostas estruturam-se em três eixos. O primeiro encontra-se dentro dos parâmetros de compartilhamento da leitura. Nesse sentido, são ilustrativos os enunciados das seguintes participantes: a clubista AA: se refere à “partilha de leitura”; BB aborda a “oratória”, entendida como a arte de falar em público e, nesse caso, pode se referir à exposição da leitura realizada no grupo. Além disso, destacam-se as clubistas CC, que enfatizam as “discussões” como práticas eficazes para o desenvolvimento enquanto leitora; EE, que menciona os “diálogos” proporcionados por esses encontros como benéficos para seu desenvolvimento como leitora; e FF, que destaca a “interação entre os participantes”. Nesse contexto, as palavras “partilha”, “oratória”, “discussões”, “diálogos” e “interação” podem atuar no mesmo campo semântico, associadas às práticas desenvolvidas coletivamente, pois remetem aos parâmetros de compartilhamento das leituras em grupo, tal como ocorre no Clube do Livro.

Esses diálogos que ocorrem entre os membros de um clube de leitura ou de clube do livro são extremamente importantes, pois:

[...] os sentidos são construídos individualmente, reelaborados coletivamente, e novamente reconstruídos de modo privado; não se fecham, permanecem abertos a novas possibilidades, a novas argumentações, clamam por novos diálogos e por novas leituras (Schmitz-Boccia, 2012, p. 112).

O segundo eixo se refere ao trabalho escrito, a redação de um texto após leitura e discussão coletiva do grupo, abordando aspectos da obra que chamaram a atenção das leitoras. As clubistas AA e DD são bem específicas ao citarem as produções das resenhas como práticas eficazes para seu desenvolvimento como leitoras. No Clube do Livro, ao final de cada edição do projeto, há uma orientação para a produção de resenha pelos participantes, sendo um dos pré-requisitos para o recebimento do certificado do Curso de Extensão. Pode-se citar também, dentro desse padrão, a fala da clubista BB que cita a dissertação e a escrita como importantes para seu desenvolvimento como leitora, também se caracterizando como uma produção textual realizada após a leitura e discussão das obras.

No terceiro eixo, direcionado para aspectos mais gerais, registram-se as menções da clubista BB, que destaca a prática da leitura, visto como imprescindível dentro do grupo de leitura, e a CC, que aborda a indicação de livros. Nesse caso, é a própria leitora que escolhe a obra, dentro da pré-seleção realizada pelos mediadores, que tratam da temática de cada grupo, ou ainda pela escolha pessoal de leitura, também dentro da temática.

O segundo questionamento do bloco versou: *De que forma o Clube do Livro tem contribuído para aumentar seu interesse por leitura literária (Literatura) e/ou leitura em geral?* Segue o Quadro 27 com as respostas de todas as participantes:

**Quadro 27** - De que forma o Clube do Livro tem contribuído para aumentar seu interesse por leituras?

Participantes	Respostas
Clubista AA	“Através das reflexões propostas em diversos temas”.
Clubista BB	“Ao vir aos encontros, conheço mais livros, o que pode me influenciar a mais leituras”.
Clubista CC	“De todas as formas, com incentivo, convívio, repertório e acesso a livros de maneira gratuita, pois livros são caros”.
Clubista DD	“De forma significativa”.
Clubista EE	“Porque me desperta vontade de falar sobre o livro e me incentiva a pedir para outras pessoas lerem para a gente falar sobre”.
Clubista FF	“Que somos eternos aprendizes e a leitura é a base para o nosso intelecto”.

Fonte: Produzido pela autora (2025).

A participante AA afirma que o Clube contribui para manter seu interesse pela leitura através das reflexões propostas pelos diversos temas abordados nas obras. Quando se é proposta uma leitura de obra literária, faz-se geralmente uma contextualização histórica e

literária, explora a temática principal que desencadeia abordagens e discussões de temáticas secundárias, ressalta-se o estilo e a linguagem do autor. Todos esses elementos enriquecem a experiência dos leitores e podem despertá-los ou não para uma futura leitura.

A clubista BB destaca que os encontros do Clube possibilitam conhecer mais livros, o que pode influenciar mais leituras. Nesse contexto, a estrutura do Clube do Livro favorece que cada participante escolha uma obra para ler e apresentar ao grupo. Esse formato garante acesso a uma variedade de títulos, gêneros literários e não literários, ampliando, ao final do projeto, o repertório de leitura e opções, contribuindo para a formação de um vasto horizonte de futuras leituras.

A participante CC afirma que a forma de aumentar seu interesse por leitura se dá “com incentivo, convívio, repertório e acesso a livros de maneira gratuita”. É importante destacar que esse questionário foi aplicado às participantes da oitava edição do Clube do Livro, realizada em torno de quatro temáticas: clássicos da literatura brasileira; pobreza e discriminação social; temas sociais da atualidade e política e direitos humanos. Para cada tema acima, disponibilizou-se um profissional da educação com expertise para explorar aquela temática como mediador do grupo, incentivando, convivendo e usando seu repertório de leitura nas mediações e intervenções, bem como sua história de vida e profissional, servindo de inspiração e incentivo às participantes a se desenvolverem na leitura e na vida.

Nessa perspectiva de valorização do aspecto profissional do mediador, a pesquisa de Abreu (2019) analisa o trabalho do bibliotecário escolar no desenvolvimento de ações de mediação e incentivo à leitura, concluindo quanto à relevância do papel desse profissional:

O bibliotecário utiliza da sua competência de ser leitor para a escolha das ações de mediação, para lidar com a informação, além de conhecer a literatura que dará suporte às atividades planejadas. O conhecimento cultural e as experiências desse profissional estão presentes em suas ações de mediação e incentivo à leitura (Abreu, 2019, p. 107).

Esse profissional possui a competência de lidar com a informação, tendo a leitura como instrumento de trabalho, além de conhecer a literatura que compõe seu acervo. Nesse contexto, o projeto do Clube do Livro, atualmente, é coordenado por uma bibliotecária e mediadora, e mantido pela Casa da Leitura, espaço gratuito, com acervo literário diversificado e mobiliário adequado para os encontros. Conta ainda com a participação de outros profissionais, como professores de diferentes áreas, que trazem conhecimentos sobre

as experiências de leitura e as dificuldades apresentadas por suas alunas. Segundo Flávia Ferreira Abreu, o bibliotecário:

[...] confirma a possibilidade de o profissional realizar práticas de leitura, sustentadas por processos de mediação e incentivo à leitura, contribuindo para a formação instrutiva e crítica do sujeito, contribuição está atrelada aos objetivos da instituição de ensino. [...] constata-se que a mediação e o incentivo à leitura perpassam pelo contato mais próximo entre quem media e quem lê, envolvendo questões intrínsecas e interativas, para que o leitor se aproprie do gosto pela leitura, formando pessoas proficientes na leitura (Abreu, 2019, p. 108-109).

A clubista DD mencionou apenas que o Clube do Livro contribui “de forma significativa” para ampliar seu interesse pela leitura literária ou leitura em geral. Trata-se de uma resposta sucinta, que não apresenta maiores detalhamentos sobre o sentido atribuído a essa significância.

A fala da participante EE, ao responder sobre como o Clube do Livro contribui para aumentar seu interesse pela leitura, pode ser analisada em duas dimensões. A primeira refere-se à afirmação de que a atividade “desperta vontade de falar sobre o livro”. Esse aspecto revela uma tendência natural de quem lê: a necessidade de comunicar-se sobre a obra, compartilhar as sensações experimentadas, trocar ideias acerca da temática, bem como discutir personagens e suas ações. O segundo ponto, expresso na fala, “incentiva a pedir para outras pessoas lerem para a gente falar sobre”, evidencia o impulso de convidar terceiros a vivenciarem a mesma experiência de leitura, possibilitando posteriormente a troca de impressões. Nesse processo, observa-se uma tripla função inferida pela resposta da clubista: desfrutar da leitura, manifestar o desejo de dialogar sobre ela e estimular que pessoas próximas vivenciem as mesmas experiências vividas por ela durante a leitura.

A fala da clubista EE encontra respaldo nas reflexões de Eliana Yunes:

Uma vez atravessado pela experiência que alterou sua percepção de mundo – ainda em um episódio específico, os ecos se estendem ao conjunto da visão cultural e ideológico que constitui o entendimento básico das coisas-, o leitor sente um irreprimível desejo de comentar, de “avisar” alguém do que se passou com ele diante de uma peça, um filme, um texto, uma paisagem; a “sensação” que se experimentou, pelo horror ou pela alegria [...] quer abrir passo à comunicação. Esta, por sua vez, em um grupo, numa sala de aula, numa família, começa a tecer uma teia memorável de trocas que redimensionam o mundo. Daí que os círculos de leitura sejam tão cativantes para criar o gosto de ler (Yunes, 2014, p.134).

A clubista FF afirma que “somos eternos aprendizes e a leitura é a base para o nosso intelecto”. De fato, o desenvolvimento intelectual tem como fundamento a leitura, aspecto indiscutível. Quanto mais se lê, maior se torna a necessidade de ampliar esse hábito e de buscar informações, condição essencial para a nossa permanência nos meios social e intelectual. A observação da participante, ao destacar o caráter contínuo da aprendizagem, também é corroborado por Farias (2022, p. 130), ao investigar a mediação literária e afirmar que:

[...] aprender a ler, aprender sobre a leitura e sobre as obras é um processo que precisa ser acompanhado e que isso não diminui aquele que aprende, pois mesmo leitores experientes precisam continuar desenvolvendo suas habilidades de leitura, de compreensão e reflexão” (Farias, 2022, p. 130).

O terceiro questionamento do bloco constitui em uma questão fechada, composta por oito opções de respostas: *Qual foi a principal vantagem que você encontrou ao participar das atividades do Clube do Livro?* Embora estruturada como questão fechada, foi oferecido espaço para inclusão de outras opções. O Quadro 28 apresenta as alternativas propostas pela pesquisadora e as respectivas frequências de citação. Ressalta-se que a questão permitia às participantes assinalar mais de uma alternativa:

**Quadro 28** - Qual foi a principal vantagem que você encontrou ao participar das atividades do Clube do Livro?

Alternativas propostas	Número de citações
Sentimento de pertencimento ao grupo ou comunidade leitora	6 citações
Desenvolvimento do hábito da leitura	5 citações
Desenvolvimento do gosto/prazer de ler	5 citações
Ampliação do repertório literário	5 citações
Promoção da diversidade de perspectivas leitoras	4 citações
Melhora na compreensão e interpretação de textos	3 citações
Troca de experiências e vivências relacionadas à leitura e à vida	3 citações
Formação/melhoramento do senso crítico	3 citações
Outra. Qual?	Sem resposta

Fonte: Produzido pela autora (2025).

Todas as seis participantes assinalaram que o “sentimento de pertencimento ao grupo ou comunidade leitora” constitui a principal vantagem do Clube do Livro. Esse aspecto encontra respaldo em Virginio (2018, p. 78), quando destaca que a dimensão coletiva da construção do espaço: “o fato de ter sido construída de forma colaborativa, com a ajuda de professores, alunos e pessoas da comunidade, permitiu que a Casa da Leitura gerasse um sentimento coletivo de orgulho, satisfação e pertencimento”.

Para aprofundar a compreensão do sentimento de pertencimento manifestado em grupos de leitura compartilhada, recorrem-se às reflexões de Michèle Petit, que observa:

Ao compartilhar a leitura, ao contrário, cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempos passados, daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima. Se o fato de ler possibilita abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal (Petit, 2009, p. 43).

Essa citação pode ser entendida como uma reflexão sobre a dimensão coletiva e humana da leitura, especialmente quando compartilhada em espaços como clube do livro. Ao afirmar que o ato de compartilhar a leitura gera um sentimento de pertencimento, a autora destaca que, além de o leitor se conectar ao texto, ele também se vincula à comunidade de leitores da qual faz parte, nesse caso, o Clube do Livro. Além disso, se aproxima da humanidade de diferentes épocas ou culturas e faz com que o mais íntimo, como sentimentos, reflexões e memórias individuais, se abram para o universal, como as questões humanas, sociais e culturais, estabelecendo, assim, conexão entre o individual e o coletivo.

A segunda alternativa mais mencionada refere-se ao “desenvolvimento do hábito da leitura”, ao “desenvolvimento do gosto ou prazer de ler” e à “ampliação do repertório literário”, cada uma com cinco registros. Tais aspectos demonstram que a Casa da Leitura, por meio do projeto Clube do Livro, atua em conexão com o sistema educacional, que busca assegurar às clubistas a aquisição dessas habilidades, fundamentais para seu crescimento pessoal, intelectual e profissional.

Observa-se que tais habilidades convergem na direção dos objetivos do ensino da língua, proposto por Luzia de Maria (2016), ao afirmar que adquirir um vocabulário rico,

desenvolver intimidade com as palavras e aprender a utilizá-las de forma correta constituem prioridades no ensino da língua. Segundo ela, cabe à escola assegurar que os alunos alcancem tais competências; entretanto, essa conquista não se efetiva por meio de exercícios ortográficos rotineiros, considerados pouco estimulantes, repetitivos e enfadonhos, mas pela leitura de bons livros.

A “promoção da diversidade de perspectivas leitoras” foi apontada como uma vantagem importante pelas participantes com quatro citações. Sobre esse aspecto é pertinente aprofundar-se nas palavras de Cosson, ao evidenciar algumas normas que permeiam a diversidade de pontos de vista em espaço de leitura compartilhada:

Também como resultado de atuação nos grupos, os alunos aprendem a ouvir e respeitar a posição do colega, a buscar o consenso quando possível e a aceitar e defender as regras da discussão para que todos participem livremente e de modo igualitário, em um processo verdadeiramente democrático. Como não há hierarquia entre os alunos, suas leituras são mais abertas e interpretações dos textos traz uma maior diversidade de pontos de vista, pois incorporam no grupo as diferenças culturais e contextuais da formação de cada um (Cosson, 2021c, p. 24).

As opções “melhora na compreensão e interpretação de textos”, “troca de experiências e vivências relacionadas à leitura e à vida” e a “formação/melhoramento do senso crítico” foram apontadas como vantagens de grande relevância para as clubistas, com três citações cada.

#### 5.4 Clube do Livro do IFPI de Floriano: percepção das desvantagens

O terceiro bloco de questões se direciona às participantes com o objetivo de identificar suas percepções quanto às desvantagens das práticas desenvolvidas no Clube do Livro. O primeiro questionamento foi: *Qual a principal desvantagem que você encontrou nas práticas desenvolvidas ao participar do Clube do Livro?* O Quadro 29 apresenta as respostas de todas as clubistas:

**Quadro 29** - Qual a principal desvantagem nas práticas desenvolvidas ao participar do Clube do Livro do IFPI de Floriano?

Participantes	Respostas
Clubista AA	“São poucos os encontros”.

Clubista BB	“Acredito que se houvessem mais inscritos seria mais proveitoso”.
Clubista CC	“A data e horário dos encontros, muitas vezes em horário de aulas durante a tarde, ou minha ausência por problemas pessoais”.
Clubista DD	“A escolha dos livros”.
Clubista EE	“Os horários, e a falta de pessoas para conversar (as pessoas se inscrevem e não vêm)”.
Clubista FF	“Nem considero desvantagens, mas tivemos muitos inscritos e poucos participantes”.

Fonte: Produzido pela autora (2025).

Ao analisar as respostas das seis participantes acerca das desvantagens do Clube do Livro, foi possível identificar quatro eixos principais. O primeiro refere-se à baixa participação nos encontros. Tal aspecto também foi observado no Clube de Leitura Fronteira do Saber, no qual os participantes apontaram a reduzida quantidade de pessoas como limitador das discussões, principalmente de jovens. Com relação ao Clube do Livro, é importante esclarecer que, em cada edição, são ofertadas 10 vagas para cada grupo temático, assim a oitava edição ofereceu 40 vagas no projeto. Nesse contexto, a observação da clubista BB sobre a necessidade de “mais inscritos” parece se referir, na verdade, à necessidade de maior assiduidade, e não de novas inscrições. As respostas das clubistas EE e FF convergem também nesse ponto, ao ressaltar que muitas pessoas se inscrevem, mas poucas comparecem aos encontros, o que compromete a qualidade da troca coletiva.

O segundo eixo identificado diz respeito aos dias e horários das reuniões, de acordo com as falas das clubistas CC e EE. Como os encontros são conduzidos por mediadores, bibliotecárias e professores do IFPI, sua realização ocorre dentro do horário de funcionamento da instituição. Em consequência, coincidem com as aulas regulares, o que representa um desafio, sobretudo porque cinco das seis participantes são estudantes do Ensino Médio no mesmo turno das atividades do clube, o que impediria a participação efetiva em todos os encontros.

O terceiro aspecto, apontado pela clubista AA, refere-se à quantidade limitada de encontros. Ao todo, são realizadas quatro reuniões para cada grupo temático. O primeiro encontro reúne todos os grupos e tem como objetivo a apresentação dos participantes e mediadores, bem como a exposição de experiências de leitura. Os segundo e terceiro encontros concentram-se na discussão das obras lidas, permitindo a partilha de observações individuais e o diálogo entre todos acerca das leituras. O quarto encontro, novamente com a participação de todos os grupos, destina-se ao encerramento da edição, quando os

participantes avaliam se suas expectativas foram atendidas, indicam melhorias, destacam leituras marcantes e são convidados a apresentarem uma produção textual livre a qual denominam de resenha.

Por fim, o quarto eixo corresponde à observação da clubista DD, que considera a escolha dos livros uma desvantagem. Nesse caso, é relevante destacar que, no ato da inscrição, cada participante escolhe a temática de maior interesse e seleciona a obra dentro de uma pré-seleção feita pelos mediadores ou outra obra de sua preferência. Assim, a insatisfação manifestada pode estar relacionada não à ausência de liberdade de escolha da obra, mas à limitação de a participante adequar os títulos selecionados para a leitura no clube à temática previamente estabelecida e à disponibilidade física do exemplar no acervo da instituição.

O segundo questionamento do bloco foi: *Você encontrou algum desafio ou dificuldades nas práticas de leitura do Clube do Livro?* O questionamento foi estruturado em formato fechado, com cinco opções de alternativas, mas também permitiu que as participantes indicassem outros desafios. Cada participante citou apenas uma alternativa, conforme apresentado no Quadro 30 a seguir:

**Quadro 30** - Você encontrou algum desafio nas práticas de leitura do Clube do Livro do IFPI de Floriano?

<b>Alternativas propostas</b>	<b>Número de citações</b>
Falta de tempo para participar	4 citações
Dificuldade em acompanhar o ritmo do clube	1 citação
Desinteresse por determinado gênero ou obras	1 citação
Limitações nos recursos ou materiais disponíveis	Nenhuma citação
Possível exclusão ou intimidação de leitores menos experientes	Nenhuma citação
Outro. Qual?	Nenhuma citação

Fonte: Produzido pela autora (2025).

Em relação a esse questionamento, observa-se que das seis participantes que responderam ao questionário cinco são estudantes do Ensino Médio do IFPI, também local dos encontros do Clube do Livro, inclusive no mesmo turno de suas aulas. Essa coincidência de horário pode explicar as quatro citações de “falta de tempo para participar”, sugerindo que a principal dificuldade encontrada decorre do choque entre os encontros do Clube e as

atividades regulares da escola. Tal situação também contribui para inferir por que, apesar da elevada procura, evidenciada pelo preenchimento das vagas no período das inscrições, a frequência dos participantes tende a diminuir ao longo da execução do cronograma.

As alternativas “dificuldade em acompanhar o ritmo do clube” e “desinteresse por determinado gênero ou obras” receberam apenas uma menção cada. No que se refere ao ritmo, é relevante destacar que a dinâmica do Clube é conduzida pelo andamento da leitura previamente realizada pelas participantes, de modo que a discussão, a interação e o compartilhamento de ideias dependem diretamente do preparo individual. Quanto às obras, a seleção é feita pelos próprios participantes, cabendo aos mediadores apenas a sugestão de títulos disponíveis no acervo físico da instituição, o que amplia as possibilidades de escolha e aproxima os leitores dos livros.

As demais alternativas, referentes a “limitações nos recursos ou materiais disponíveis” e “possível exclusão ou intimidação de leitores menos experientes”, não foram mencionadas por nenhuma participante. Esse dado confirma a satisfação das leitoras quanto à infraestrutura, aos materiais oferecidos e à atuação dos mediadores. Além disso, evidencia que o ambiente do Clube do Livro se configura como um espaço democrático, em que todas se sentiram acolhidas, respeitadas e incentivadas a participar ativamente de suas discussões.

O terceiro questionamento do instrumento indagou: *Quais aspectos você acredita que poderiam ser melhorados nas práticas de leitura desenvolvidas pelo Clube do Livro?* Segue o Quadro 31 com as respostas das participantes e posterior análise:

**Quadro 31** - Quais aspectos poderiam ser melhorados nas práticas de leitura desenvolvidas pelo Clube do Livro do IFPI de Floriano?

Participantes	Respostas
Clubista AA	“A quantidade de vagas e de encontros”.
Clubista BB	“Mais divulgações”.
Clubista CC	“Nenhum”.
Clubista DD	“A divulgação entre os alunos”.
Clubista EE	Não respondeu.
Clubista FF	“Divulgação para o público externo”.

Fonte: Produzido pela autora (2025).

Das seis participantes, a Clubista CC afirmou não identificar nenhum aspecto que

necessite de melhorias, enquanto a Clubista EE não respondeu. Já as participantes BB, DD e FF destacaram que o fortalecimento da divulgação, tanto entre os alunos da instituição quanto para o público externo, poderia contribuir para ampliar a participação no projeto.

No que se refere à divulgação interna, não é possível afirmar que a presença de poucos participantes esteja relacionada ao desconhecimento da existência do Clube do Livro, uma vez que os mediadores são profissionais da educação, bibliotecárias e professores. Aquelas são vinculadas à Biblioteca Central e à Casa da Leitura e mantêm contato direto e contínuo com o corpo discente da instituição, e os professores também estão em interação diária com os estudantes em sala de aula. No entanto, o desconhecimento do projeto não pode ser inferido como fator desencadeador de poucos participantes. Além disso, os materiais informativos sobre as edições do clube são divulgados no grupo institucional de servidores do IFPI, dando conhecimento imediato a toda a instituição.

No âmbito da divulgação externa, o Clube do Livro dispõe de uma página no *Instagram*, onde são publicadas informações sobre todas as etapas e atividades desenvolvidas no projeto, incluindo inscrições, datas e horários dos encontros, mediadores, temáticas, sugestões de leitura correspondentes. Contudo, atualmente, o perfil conta com apenas 354 seguidores, número considerado reduzido, levando em consideração a relevância social do projeto e da instituição realizadora.

A participante AA destaca dois pontos. Primeiro, atribui a baixa participação à limitação das poucas vagas ofertadas e ao número reduzido de encontros. Entretanto, conforme informações da coordenadora do projeto, são disponibilizadas dez vagas por temática para públicos interno e externo, totalizando 40 vagas para a oitava edição, que pode ser caracterizado como número significativo. Assim, conclui-se que a dificuldade não se relaciona à quantidade de vagas, mas ao interesse ou disponibilidade de horários dos inscritos em permanecerem no projeto.

O segundo ponto diz respeito à frequência dos encontros. Atualmente, são realizados dois encontros gerais, envolvendo todos os participantes, e dois encontros por grupo para discussões das leituras. Embora dois encontros possam atrair, despertar o interesse momentâneo e estimular a participação, a formação leitora requer um trabalho contínuo e prolongado ao longo do ano, ou mesmo durante as etapas da educação básica, marcado por encontros regulares, atividades criativas e disponibilização e acesso à diversidade de obras, de modo que a prática diária se transforme gradualmente em um hábito social. Como afirma Ceccantini (2009, p. 218), ao tratar da animação da leitura como uma atividade fundamental

para a formação de leitores, “é preciso ter consciência de que a formação de leitores não admite imediatismo e pressupõe longo prazo para alcançar objetivos consistentes, ainda mais em tempos não exatamente afáveis para a leitura de livros”.

A quarta pergunta do questionário foi: *Você acredita que as práticas do Clube do Livro influenciam a formação de novos leitores?* Todas as participantes responderam positivamente, reconhecendo que as práticas do Clube influenciam a formação de novos leitores, conforme apresentado no Quadro 32 a seguir. Além disso, a questão ofereceu espaço para que justificassem o motivo ou a forma como essa influência ocorre.

**Quadro 32** - As práticas desenvolvidas no Clube do Livro do IFPI de Floriano influenciam a formação de novos leitores?

Participantes	Respostas			Justificativas
	Sim	Não	Mais ou menos	
Clubista AA	X	-	-	“Aproxima mais os participantes da literatura”.
Clubista BB	X	-	-	“Pois incentiva a leitura”.
Clubista CC	X	-	-	“Sim, pois incentiva a leitura”.
Clubista DD	X	-	-	“Influenciam uma grande melhora”.
Clubista EE	X	-	-	Não justificou
Clubista FF	X	-	-	Não justificou

Fonte: Produzido pela autora (2025).

A clubista AA destaca que as práticas do Clube do Livro “aproxima mais os participantes da literatura”, o que permite inferir que as obras selecionadas para o projeto são predominantemente literárias. Essas obras desempenham um papel significativo na formação de leitores, pois priorizam o prazer da leitura e possibilitam ao sujeito leitor um afastamento da rotina, conforme assinala Eliana Yunes:

Para a formação do leitor, é preciso acessar todos os tipos de textos, mas a porta de entrada está na disseminação do prazer de ler o texto o literário, pois, através da construção estética, o leitor se põe em contato com a arte que tem o poder de seduzir, etimologicamente, desviar-se da rotina (Yunes, [2010?], p. 29).

A autora reforça, ainda, que o gosto e o prazer pela leitura, quando incorporados ao

cotidiano dos leitores, transformam-se em hábitos permanentes, capazes de atenuar dificuldades tanto de compreensão quanto de produção textual. Nesse contexto, a afetividade surge como um componente essencial na formação leitora, ainda que não se enquadre nos moldes acadêmicos mais rígidos.

Assim, diante da afirmação de que “um bom leitor será sempre um bom escritor”, não se faz referência apenas ao escritor de livro, mas a todo sujeito capaz de desenvolver múltiplas produções textuais nos mais diversos contextos de vida. No caso em análise, esse potencial manifesta-se nas resenhas elaboradas pelas participantes do Clube e apresentadas ao final do projeto.

As clubistas BB e CC mencionaram que as práticas do Clube do Livro incentivam a leitura, mas sem detalhar de que forma isso ocorre. Já a participante DD afirmou que tais práticas exercem influência significativa na formação de leitores, promovendo uma melhoria nesse processo. Quando se faz referência ao incentivo à leitura e à formação de leitores, trata-se, na quase totalidade dos casos, da leitura literária, não de uma leitura escolarizada, associada à prestação de contas por meio de notas, avaliações e fichas de leitura, mas uma leitura que “extrapola em muito a transmissão dos conteúdos e das histórias contadas em romances, contos, poemas, crônicas” (Farias; Fernandes, 2019, p. 73).

Nesse caso, trata-se de uma atividade social realizada como prática vinculada ao tempo livre, ao prazer e ao lazer, em que o leitor é livre para fruir da obra conforme desejar, a partir das imagens construídas, das associações estabelecidas, dos devaneios criados, das metáforas e dos jogos de palavras percebidos. Trata-se de um processo que requer tempo, paciência e múltiplas experiências estéticas de leitura literária. Dessa forma, o prazer decorrente dessa ação está estreitamente conectado à forma como o leitor compreende e vivencia a linguagem literária, pois, como afirmam Farias e Fernandes (2019, p. 73), “o prazer da leitura literária está na junção da forma e conteúdo, na compreensão do que se faz quando se lê”.

As participantes EE e FF apenas responderam afirmativamente, sem apresentarem justificativas.

## **6 PRÁTICAS DE LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR: APROXIMAÇÕES ENTRE O CLUBE DE LEITURA FRONTEIRA DO SABER E O CLUBE DO LIVRO DO IFPI DE FLORIANO**

As práticas de leitura desenvolvidas em clubes de leitura assumem configurações diversas, tanto em relação às obras selecionadas quanto aos contextos sociais e institucionais em que esses grupos se constituem. Conforme observa Farias (2022), há clubes voltados à leitura literária, religiosa, de autoajuda ou de orientação política, bem como aqueles dedicados à escrita criativa ou organizados a partir de um espaço específico, como livrarias, bibliotecas e escolas. Nessa perspectiva, os clubes de leitura e clubes do livro configuram-se como espaços que ampliam os contextos de leitura, respondem às demandas de diferentes comunidades e contribuem para a diversificação dos ambientes e das formas de ler (Farias, 2022).

É a partir dessa compreensão dos clubes de leitura como espaços de formação leitora que se desenvolve uma comparação nesta seção, tomando como objetos de análise o Clube de Leitura Fronteira do Saber e o Clube do Livro do IFPI de Floriano. O primeiro objeto de estudo de casos múltiplos proposto por esta investigação é o Clube de Leitura Fronteira do Saber, localizado na zona rural do município de Nova Olinda, Ceará. O CLeFS constitui-se como uma biblioteca comunitária que desenvolve atividades de incentivo à leitura, como os encontros do Clube do Livro e as Rodas de Leitura, focos de análise desta pesquisa para a consecução dos objetivos propostos, além de executar práticas ligadas à cultura local e ao lazer.

O segundo objeto de estudo, por sua vez, insere-se em um contexto institucional distinto, mas compartilha com o CLeFS o propósito de formar leitores por meio de práticas coletivas de leitura. Trata-se do Clube do Livro do IFPI de Floriano, Projeto de Extensão, desenvolvido pela Casa da Leitura, uma das bibliotecas do IFPI de Floriano, com o objetivo de possibilitar aos interessados em leitura a participação em discussões coletivas de obras que abordam temas variados, ampliando o conhecimento sobre autores e produções literárias e não literárias.

Antes de apresentar algumas comparações entre os clubes de leitura investigados nesta pesquisa, retoma-se Cosson (2020; 2021c), ao afirmar que um círculo de leitura é uma prática de letramento literário que traz tanto impactos para quem participa quanto para o espaço onde os encontros acontecem. Nesse sentido, é possível inferir que o CLeFS, através

do Clube do Livro e das Rodas Leituras, e o Clube do Livro do IFPI de Florianópolis configuram-se como espaços de reconhecimento do saber e da cultura, de partilha de conhecimentos e de compartilhamento de experiências e vivências suscitadas nos participantes a partir das leituras e das discussões nos encontros coletivos.

Segundo o autor, quando essa prática é realizada na escola, em sala de aula, ela oferece uma variedade de benefícios aos alunos, como a construção de sua própria aprendizagem por meio da reflexão coletiva, além de atuar na ampliação da capacidade leitora e desenvolvimento da competência literária (Cosson, 2020). No entanto, não há impedimento de que essa prática possa ser realizada em outros espaços e obtenha êxito em seus resultados, como é o caso do Clube do Livro e das Rodas de Leitura do CLeFS e do Clube do Livro do IFPI de Florianópolis.

Com o intuito de atingirem os objetivos desta pesquisa, foram utilizados instrumentos de coleta de dados distintos para ambos os clubes. Para o clube de Nova Olinda foram utilizadas fontes documentais variadas, questionários e entrevistas com os participantes do CLeFS e coordenadora do espaço. No questionário, os respondentes foram os 14 integrantes que participam assiduamente das atividades do clube, enquanto nas entrevistas foram contempladas com cinco participantes maiores de 18 anos, quatro autodeclarados no levantamento, e um participante ganhador de duas edições do Prêmio Motivacional.

No questionário de levantamento aplicado aos participantes, destacam-se questões sobre o perfil do grupo e que abordam as vantagens e as desvantagens das práticas desenvolvidas no âmbito do CLeFS enquanto biblioteca comunitária, as quais podem tanto contribuir para a formação leitora quanto, eventualmente, dificultá-la.

Para o Clube do Livro do IFPI de Florianópolis foi utilizado o questionário como principal instrumento de coleta de dados, por focalizar a iniciativa do Clube do Livro enquanto um grupo de leitura compartilhada. Aplicado às seis participantes da oitava edição que estavam presentes no último encontro, ele foi organizado em três blocos de questões que versavam sobre o perfil das participantes, as vantagens e desvantagens do Clube do Livro para a sua formação como leitoras. O instrumento foi complementado por fontes documentais diversas relacionadas ao clube.

## **6.1 A biblioteca do CLeFS e o Clube do Livro do IFPI de Florianópolis como “espaços” de formação leitora**

Nesta subseção, busca-se destacar aspectos observados a partir da análise dos questionários propostos aos clubistas do CLeFS e às participantes do Clube do Livro do IFPI de Florianópolis. Em relação ao primeiro, é importante observar que a maioria de seus integrantes frequentam o espaço desde a fundação, em 2021, participando das atividades ali desenvolvidas; ao responderem ao questionário, levaram em consideração a experiência cotidiana na biblioteca ao longo desse período. Já no segundo, o público se renova a cada edição, uma vez que é necessário realizar inscrição para participar do projeto; nesse caso, na oitava edição, todas as participantes não haviam participado de edições anteriores. Nesse contexto, a comparação entre os dois clubes dar-se-á no sentido de evidenciar os principais aspectos que podem contribuir para a formação dos sujeitos enquanto leitores.

No CLeFS, enquanto biblioteca comunitária, observa-se que a leitura se configura como uma das atividades mais realizadas no tempo livre dos participantes. Dos respondentes, seis afirmam perceber-se como leitores, enquanto oito se reconhecem como “mais ou menos” leitores, o que revela dois níveis de aproximação com a prática leitora. Além disso, todos os participantes citaram pelo menos um título de obra lida no CLeFS, indicando que mantêm contato com livros fora do ambiente escolar ou acadêmico, sejam eles literários ou não. Esses dados reforçam a presença da leitura no cotidiano do grupo e evidenciam o papel da biblioteca como espaço que potencializa e legitima tais práticas.

Evidencia-se que a participação no CLeFS contribui na mudança de rotina dos participantes, uma vez que a leitura passou a se tornar mais frequente em suas vidas a partir do envolvimento no Clube do Livro e nas Rodas de Leitura. Ademais, essas práticas, desenvolvidas em um mesmo espaço, atuam no aprimoramento de diversas competências e habilidades, como a melhoria da leitura, o desenvolvimento da oralidade, a diminuição da timidez, o fortalecimento do gosto pela leitura, o aperfeiçoamento da fala em público, além da ampliação do conhecimento de gêneros, obras e autores, aspectos que, juntos, reforçam o aumento da frequência leitora.

Outro benefício destacado pelos participantes ao participar do CLeFS foi o desenvolvimento do hábito da leitura, mencionado pela metade dos clubistas. Essa percepção é reforçada por falas registradas no questionário, que evidenciam esse aspecto positivo, como em declarações do tipo: “desenvolveu a minha leitura”, aquisição de “mais confiança

na leitura” e “tem contribuído diretamente na minha rotina, a leitura tem se tornado mais frequente para mim”. Tais relatos demonstram que o envolvimento nas atividades da biblioteca promoveu uma mudança positiva na relação dos participantes com a leitura, senão a consolidação do hábito, ao menos o aumento de sua frequência.

Em relação ao questionamento sobre apontar as vantagens das práticas desenvolvidas no âmbito da biblioteca do CLeFS, os participantes reconhecem o Clube do Livro e as Rodas de Leitura como práticas centrais para seu desenvolvimento como leitores. Enquanto alguns destacam essa importância de maneira direta, outros aprofundam os efeitos dessas atividades, ressaltando aspectos como o aprimoramento da comunicação oral e a diminuição da timidez, já apontados anteriormente. Além do mais, o compartilhamento da leitura em público promovido pelo Clube do Livro favorece o gosto pela leitura e contribui para a melhoria da fala em público. As vantagens para a formação leitora, observadas na realização dessas duas práticas, serão destacadas mais à frente.

Com relação ao Clube do Livro do IFPI de Florianópolis, ele se configura como um grupo de leitura compartilhada desenvolvido no contexto de uma biblioteca escolar, com um público mais homogêneo em termos de mesmo perfil etário e social, que se renova a cada semestre, pois o projeto funciona por período determinado por meio de inscrições, com datas de início e finalização do projeto.

No que diz respeito aos aspectos vantajosos do projeto evidenciado nessa pesquisa que contribuem para a promoção da formação leitora, destaca-se como uma experiência leve, marcada pelo caráter acolhedor e prazeroso das atividades, configurando-se como um espaço de fruição da leitura e não de obrigação. A espontaneidade manifesta-se na possibilidade de as participantes se expressarem de maneira autêntica em relação à leitura e à construção de sentidos. Além disso, o ambiente permite a liberdade, na medida em que as participantes podem compartilhar suas leituras sem receio de interrupções, revelando-se como um espaço de convivência entre diferentes opiniões, no qual cada integrante expõe suas impressões pessoais sobre as obras, fortalecendo a dimensão coletiva e plural da prática leitora.

Nesse mesmo movimento, a seleção de obras para leitura e discussão no Clube foi destacada como um aspecto positivo, uma vez que é estruturado de modo a favorecer às participantes a liberdade para optar por títulos previamente sugeridos pelos mediadores, obras disponíveis no acervo físico da Casa da Leitura ou ainda escolher livros de interesse pessoal, ambos dentro da temática previamente definida. Esse aspecto da seleção de obras para compartilhar no Clube se aproxima do que Maria (2016) acredita ser a melhor opção.

Apresentar os títulos aos participantes e deixar que eles mesmo escolham aqueles que melhor respondem aos seus interesses e objetivos.

Em ambas as possibilidades, evidencia-se o poder de decisão das participantes na escolha das obras que querem ler, o que funciona como um importante fator motivador para a realização da leitura. Esse formato assegura o acesso a uma variedade de títulos, abrangendo gêneros literários e não literários, o que, ao final do projeto, contribui para a ampliação do repertório de leitura, para a construção de um horizonte mais amplo de futuras leituras e para a formação de leitoras mais críticas.

Outra vantagem relevante refere-se ao fato de o Clube do Livro constituir-se de um espaço em que as participantes podem se expressar sem serem interrompidas, já mencionado anteriormente, ou julgadas, uma vez que todas têm garantido o seu momento de falar e ouvir. A comunicação oral estabelecida no grupo revela-se significativa, conforme Schmitz-Boccia (2012, p. 109), ao afirmar que “há colaboração e enriquecimento mútuo. O fato de ouvir e ser ouvido aumenta a autoconfiança em falar sobre textos literários”.

De modo a complementar, os encontros suscitaram reflexões sobre temáticas variadas e, ao mesmo tempo, abriram possibilidades de escolha de leituras distintas daquelas experimentadas antes do Clube do Livro. Infere-se, assim, que o projeto contribui para o crescimento das participantes como leitoras, à medida que as incentiva a explorar obras com as quais não tinham familiaridade em seu cotidiano.

Além disso, dentre as práticas eficazes que possibilitam o desenvolvimento das participantes como leitoras, e que são consideradas uma das vantagens do Clube do Livro, destacam-se aquelas relacionadas ao compartilhamento da leitura. Nesse contexto, termos pertencentes ao mesmo campo semântico, como “partilha”, “oratória”, “discussões”, “diálogos” e “interação”, remetem às práticas de leitura coletivas desenvolvidas no grupo, evidenciando os parâmetros de socialização e construção compartilhada do sentido das leituras.

Outro aspecto importante é que o Clube do Livro contribui para o aumento do interesse pela leitura, à medida que desperta nas participantes a necessidade de se comunicar sobre a obra lida, compartilhar as sensações experimentadas, trocar ideias acerca da temática, bem como discutir personagens e suas ações. Além do mais, evidencia-se o impulso de convidar terceiros a vivenciarem a mesma experiência de leitura, possibilitando, posteriormente, a troca de impressões. Trata-se, portanto, de um processo de tripla função: a fruição da leitura, a manifestação do desejo de dialogar sobre a obra e o estímulo em

convidar pessoas próximas a experimentarem as mesmas experiências vivenciadas durante a leitura.

Por fim, uma unanimidade em relação à principal vantagem do Clube do Livro foi o sentimento de pertencimento ao grupo ou à comunidade leitora. Esse aspecto encontrou respaldo em Virginio (2018, p. 78), quando destaca a dimensão coletiva da construção do espaço: “o fato de ter sido construída de forma colaborativa, com a ajuda de professores, alunos e pessoas da comunidade, permitiu que a Casa da Leitura gerasse um sentimento coletivo de orgulho, satisfação e pertencimento”. Ademais, o ato de compartilhar a leitura também reforça esse sentimento, pois conecta os leitores ao texto e os vincula à comunidade leitora da qual fazem parte, nesse caso, o Clube do Livro.

Nessa perspectiva, o compartilhamento da leitura favorece o sentimento de pertencimento a uma humanidade comum, seja ela situada no presente ou em outros tempos e espaços. A leitura não apenas promove a sociabilidade por meio das interações e diálogos em torno das obras, mas também possibilita que o leitor reconheça, no texto, aspectos que permitem transformar sua relação com o outro. Assim, longe de afastar o indivíduo do mundo, o ato de ler o insere nele de maneira mais sensível e universal, ao articular experiências íntimas com dimensões coletivas (Petit, 2009).

Em face do exposto, tanto a biblioteca comunitária do CLeFS quanto o Clube do Livro do IFPI de Floriano configuram-se como “espaços” de formação leitora que extrapolam a função tradicional de acesso ao livro e à literatura, assumindo um papel ativo na constituição de sujeitos leitores. Embora situados em contextos distintos, mas complementares, ambos promovem práticas que articulam fruição, partilha e autonomia leitora, favorecendo o desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e afetivas relacionadas à leitura. Assim, esses espaços reafirmam a leitura como prática social, coletiva e significativa, evidenciando que a formação do leitor se constrói não apenas pela presença do livro, mas, sobretudo, pelas experiências mediadas, pelo diálogo e pelo sentimento de pertencimento que esses ambientes proporcionam.

## **6.2 Limitações e desafios da biblioteca do CLeFS e do Clube do Livro do IFPI de Floriano**

O questionário aplicado a ambos os clubes também abordou as desvantagens das práticas do CLeFS e do Clube do Livro do IFPI de Floriano que podem dificultar a formação de leitores. Com relação ao primeiro, destaca-se a falta de interesse de alguns adolescentes,

jovens e demais membros da comunidade, um público em potencial, o que permite inferir que os participantes reconhecem a relevância do espaço. Somado a isso, o espaço físico reduzido foi identificado como fator limitador, pois pode tornar desconfortável a realização de ações que envolvem crianças, jovens e adultos. Nesse sentido, é importante observar que o CLeFS não possui vínculo nem apoio do poder público, sendo mantido por doações da comunidade local, seja por meio de mão de obra ou de recursos materiais para manter o espaço. Acrescenta-se, ainda, a ausência da coordenação em determinados momentos, situação compreensível, dado que a coordenadora é servidora pública e atua na gestão do CLeFS de forma voluntária.

Outro aspecto negativo apontado refere-se à falta de tempo dos participantes para se envolverem nas atividades, ainda que estas sejam, em sua maioria, realizadas nos finais de semana. Evidencia-se também a dificuldade de alguns em acompanhar o ritmo do clube, assim como as limitações nos recursos e materiais. Tais restrições manifestam-se tanto na insuficiência do espaço físico quanto na escassez de materiais para atividades, estendendo-se à carência de acervo literário e de obras acadêmicas.

Entre as desvantagens das práticas desenvolvidas no âmbito do Clube do Livro do IFPI de Floriano, destacou-se a escolha dos livros, embora não tenham sido detalhados os motivos para considerar esse aspecto como negativo. Nesse contexto, com base na teoria de Leffa (1996), segundo a qual toda leitura parte de uma necessidade ou de um objetivo que o leitor deseja alcançar, infere-se que a sugestão de obras previamente delimitadas por uma temática pode não corresponder aos anseios e às necessidades das participantes. Assim, a forma como os títulos são selecionados foi apontada como ponto negativo.

Ainda em relação à seleção das obras, conclui-se que a insatisfação manifestada pode estar relacionada não propriamente à ausência de liberdade de escolha, mas à limitação imposta pela necessidade de adequar os títulos disponíveis à temática previamente estabelecida, bem como à disponibilidade física dos exemplares no acervo da instituição.

No que se refere a seleção de obras para um clube de leitura, Cosson (2020) afirma que o texto adequado para práticas de leitura coletiva é aquele que favorece tanto a fruição quanto a discussão. Para o autor, textos considerados bons para a leitura são aqueles capazes de envolver o leitor, despertando seu interesse e incentivando a leitura integral; já os textos bons para a discussão são os que provocam inquietação e exigem do leitor um posicionamento, criando a necessidade de compartilhar a experiência de leitura com outros leitores.

Essa dupla dimensão realça que a leitura literária em espaços coletivos não se limita ao contato individual com a obra, mas se amplia por meio da interlocução entre os participantes. Ao mesmo tempo em que a fruição contribui para o desenvolvimento do vínculo estético com o texto, a discussão favorece a construção de sentidos de forma colaborativa, possibilitando que o leitor confronte interpretações, revise percepções e amplie seu horizonte de leitura. Desse modo, a escolha de obras que conciliem envolvimento e potencial reflexivo torna-se um elemento central para práticas de mediação que visem à formação de leitores.

Além da questão da escolha dos livros, outra perspectiva abordada como desvantagem do Clube do Livro do IFPI de Florianópolis refere-se à baixa participação nos encontros. As participantes observaram que, embora muitas pessoas se inscrevam, poucas efetivamente comparecem, o que compromete a qualidade da troca coletiva de leituras. Esse aspecto também foi identificado no Clube de Leitura Fronteira do Saber, no qual os participantes ressaltaram que a reduzida quantidade de integrantes do CLeFS, sobretudo jovens, limitava a riqueza das discussões.

Ainda entre as dificuldades observadas no clube de Florianópolis, destaca-se o problema relacionado à definição dos dias e horários das reuniões, que ocorrem durante o horário de funcionamento da instituição. Em consequência, coincidem com as aulas regulares, o que representa um desafio, sobretudo porque cinco das seis participantes são estudantes do Ensino Médio no mesmo turno das atividades do Clube, o que impede a participação efetiva em todos os encontros.

Por fim, outro aspecto apontado também como negativo no Clube do Livro refere-se à quantidade limitada de encontros. Atualmente, realizam-se dois encontros gerais, envolvendo todos os participantes, e dois encontros por grupo destinados às discussões das leituras. Embora essa frequência possa inicialmente atrair, despertar o interesse e estimular a participação, a formação leitora exige um trabalho contínuo e prolongado ao longo do ano, marcado pela regularidade de leituras e diversidades de oportunidades leitoras, de modo que a prática se transforme gradualmente em rotina e, posteriormente, em hábito.

Um aspecto comum identificado em ambos os espaços refere-se ao horário de funcionamento. O CLeFS, por se tratar de uma biblioteca comunitária localizada em zona rural e mantida por voluntários da comunidade, que conciliam essa atuação com outras atividades de trabalho e de estudo, foi pensado principalmente para funcionar nos finais de semana; ainda assim, esse horário foi apontado pelos participantes como um fator limitador.

Por sua vez, o Clube do Livro do IFPI de Florianópolis, desenvolvido nas dependências de uma biblioteca escolar situada em um Instituto Federal, também teve seu horário de funcionamento indicado como um aspecto negativo, uma vez que ocorre durante o período de aulas regulares.

Assim, embora inseridos em contextos institucionais e sociais distintos, ambos os clubes de leitura enfrentam limitações relacionadas ao horário de funcionamento, o que evidencia a necessidade de repensar estratégias de organização do tempo que favoreçam uma participação mais ampla dos leitores.

### **6.3 Clube do Livro e Rodas de Leitura do CLeFS: retomada de aspectos principais**

A partir da análise dos dados dos questionários aplicados aos participantes do CLeFS, observou-se que eles não foram suficientes para compreender, de forma mais detalhada, como a biblioteca contribuía para a formação de leitores. O mesmo não ocorreu em relação ao Clube do Livro do IFPI de Florianópolis, para o qual apenas o questionário foi capaz de fornecer dados suficientemente profundos para responder aos objetivos da pesquisa. Assim, foi planejada uma entrevista com os cinco participantes do CLeFS maiores de 18 anos, a fim de aprofundar aspectos relacionados ao Clube do Livro e às Rodas de Leitura, atividades citadas como as preferidas pelos integrantes e que têm a leitura literária como principal eixo.

Nesse contexto, esta subseção apresenta os principais pontos identificados nas entrevistas, cujo objetivo foi ampliar a compreensão acerca do processo de formação de leitores a partir da participação nessas duas atividades.

Ambas as práticas se configuram como alicerces para o aumento do interesse pela leitura, especialmente por promoverem o compartilhamento de obras, experiências e ideias. Esses espaços possibilitam o contato com diferentes gêneros, autores e obras, característica comum a clubes e círculos de leitura que se reúnem para discutir obras previamente lidas. A exposição de uma leitura frequentemente evoca lembranças de outros textos, gêneros ou autores, muitas vezes de nacionalidades e etnias diversas, despertando a curiosidade e incentivando a busca por novas indicações até então desconhecidas.

As entrevistas também buscaram identificar aspectos vantajosos e desvantajosos dessas práticas no que se refere à formação de leitores. Ressalta-se que algumas das

argumentações apresentadas retomam pontos já evidenciados nos questionários, reforçando os dados anteriormente obtidos.

O Clube do Livro constitui uma das atividades mais apreciadas do CLeFS, reunindo mensalmente adolescentes, jovens e adultos para discutir uma obra literária previamente lida. Entre as vantagens, destaca-se a ampliação do conhecimento sobre autores e obras. Além disso, por possuir periodicidade fixa, os participantes passam a percebê-lo como um compromisso incorporado à rotina cotidiana.

Observou-se, a partir dos relatos dos participantes, uma mudança na postura interpretativa dos leitores, associada às trocas ocorridas durante as discussões coletivas. Os entrevistados destacaram que o contato com diferentes perspectivas sobre uma obra contribui para ampliar suas formas de compreensão, permitindo a construção de interpretações mais elaboradas. No contexto do CLeFS, essas discussões se concretizam nos encontros do Clube do Livro, configurando-se como um espaço de mediação no qual a leitura é aprofundada por meio do diálogo entre os participantes.

Essa dinâmica encontra respaldo nas proposições de Rildo Cosson (2020), ao afirmar que a prática da análise, desenvolvida após a leitura de uma obra, envolve um conjunto de atividades que visam intensificar a interação com o texto, explorar suas características e explicitar a construção de sentidos. Nessa perspectiva, o autor destaca ainda que discussões produtivas se caracterizam pelo protagonismo dos participantes, pela formulação de questões autênticas, pelo compartilhamento de conhecimentos e pelo uso de estratégias discursivas que favorecem o aprofundamento da compreensão do texto.

No âmbito interacional, o Clube do Livro configura-se como um espaço em que os participantes podem compartilhar opiniões e destacar aspectos considerados relevantes da obra. Trata-se, igualmente, de um ambiente favorável à aprendizagem de significados de palavras desconhecidas e a circulação de múltiplas perspectivas interpretativas. Essa troca gera perguntas e questionamentos que enriquecem a leitura e estimulam o desenvolvimento do leitor.

Apesar desse cenário favorável, alguns participantes relataram dificuldades em se expressar publicamente, especialmente em razão do receio de expor suas opiniões diante do grupo. No entanto, os depoimentos indicam que, à medida que alguns integrantes iniciam a partilha de suas leituras, observa-se um movimento de encorajamento coletivo, no qual participantes inicialmente mais tímidos passam, gradativamente, a se envolver nas discussões, ampliando a participação do grupo.

Outro aspecto relevante refere-se aos momentos de discussão, nos quais tanto o ato de escutar quanto o ato de falar da leitura se mostram fundamentais. Ouvir a experiência de leitura de um colega mobiliza a atenção do grupo, enquanto falar exige a articulação entre o que foi lido e que se pretende expressar. Antes da exposição oral, há um intenso trabalho mental na organização do pensamento e das ideias, reforçando o caráter formativo dessas interações.

Entretanto, também foram identificadas limitações no processo interacional. Considerando que o CLeFS possui um público bastante diversificado em termos de faixa etária, a reunião de participantes de idades distintas pode dificultar uma interação plenamente satisfatória, uma vez que os objetivos de leitura tendem a variar de acordo com o perfil etário do grupo.

Entre as desvantagens apontadas, destaca-se a baixa quantidade de pessoas que aderem às atividades. Embora exista, na comunidade, um público potencial, sua ausência é percebida como um fator desmotivador. Além disso, o número reduzido de participantes foi apontado como um fator que contribui para a formação de grupos com ampla variação etária. Segundo os relatos, essa diversidade pode, em alguns momentos, dificultar a condução das discussões, uma vez que os interesses e as expectativas de leitura tendem a diferir entre os participantes, o que exige maior mediação para garantir a participação equilibrada do grupo.

No que se refere às Rodas de Leitura do CLeFS, foram identificadas duas dinâmicas distintas. Por um lado, um participante relata que cada integrante escolhe um livro e apresenta uma resenha, destacando os aspectos mais interessantes da obra, o que desperta o interesse dos demais para futuras leituras.

Por outro lado, outro participante descreve uma dinâmica em que um livro único é escolhido no momento do encontro para uma leitura coletiva. Nessa modalidade, cada pessoa que desejar ler em voz alta assume uma parte do texto; ao final, a mediadora explica o que foi lido às crianças e abre espaço para o debate.

Diante dessas falas, verifica-se que as Rodas de Leitura não possuem uma forma única de organização, podendo, em alguns momentos, trabalhar com um livro para cada criança e, em outros, com um único livro para todo o grupo. Essa flexibilidade aproxima a atividade das características de clubes e círculos de leitura, que assumem diferentes configurações conforme o público e o contexto em que se inserem.

As Rodas de Leitura são destinadas ao público infantil; portanto, as considerações apresentadas refletem o olhar dos mediadores, jovens clubistas participantes do Clube do

Livro. Após atuarem nessas atividades, eles destacam como principal vantagem a possibilidade de exercer a mediação de leitura, lendo, explicando e estabelecendo relações entre a obra e o contexto para facilitar o entendimento das crianças. Assim, assumem o papel de aproximar o texto do leitor.

Segundo um dos participantes, a experiência de incentivar e conduzir a leitura junto ao público infantil também proporcionou aprendizagens relacionadas à gestão de um espaço de leitura compartilhada.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências analisadas nesta dissertação têm como ponto de partida a própria constituição dos espaços em que se realizam as práticas de leitura investigadas. Tanto o Clube de Leitura Fronteira do Saber (CLeFS) quanto a Casa da Leitura do IFPI de Florianópolis nasceram de iniciativas coletivas e do pacto da comunidade em torno do valor social da leitura. No caso do CLeFS, sua criação foi impulsionada por um professor e uma pedagoga que, movidos pelo desejo de transformar a realidade local, mobilizaram esforços voluntários para oferecer às crianças, adolescentes e jovens oportunidades de acesso à leitura e à pesquisa científica. De modo semelhante, a Casa da Leitura do IFPI de Florianópolis foi construída com a participação de professores, estudantes e membros da comunidade, o que favoreceu a consolidação de um sentimento de pertencimento à comunidade leitora entre os participantes do Clube do Livro. Assim, as práticas analisadas ao longo deste estudo estão intrinsecamente vinculadas a contextos comunitários que reconhecem na leitura um instrumento de formação humana e social.

A partir da aplicação dos questionários aos participantes acerca dos aspectos gerais do Clube de Leitura Fronteira do Saber, enquanto biblioteca comunitária, conclui-se que as atividades do Clube do Livro e das Rodas de Leitura configuram-se como práticas centrais para o desenvolvimento dos participantes enquanto leitores. Tais atividades contribuem para o aumento do interesse pela leitura, especialmente ao promoverem o compartilhamento de obras, leituras e ideias, além de possibilitarem uma mudança na rotina dos participantes, uma vez que a leitura passou a se tornar mais frequente em suas vidas. Contudo, no que se refere às práticas desenvolvidas no âmbito do CLeFS que podem dificultar a formação dos leitores, destaca-se a falta de interesse de alguns adolescentes, jovens e demais membros da comunidade em participar das atividades da biblioteca.

Quanto ao primeiro objetivo específico, que consiste em evidenciar as vantagens do Clube do Livro e das Rodas de Leitura do CLeFS para a formação de leitores, a análise das entrevistas permitiu concluir que, no caso do Clube do Livro, os encontros contribuem para ampliação do conhecimento dos participantes acerca de autores e obras literárias. Além disso, por se tratar de uma atividade de periodicidade fixa, os clubistas passam a percebê-la como um compromisso, incorporando-a à rotina cotidiana, o que favorece a continuidade da prática leitora.

Sob essa perspectiva, o Clube do Livro promove mudanças significativas na postura interpretativa dos leitores, atribuídas às frequentes trocas estabelecidas entre os participantes ao longo das discussões. Tais interações foram destacadas pelos entrevistados como um recurso que contribui para o aprofundamento da compreensão e da interpretação das obras. O Clube também se configura como um espaço de compartilhamento de opiniões e de destaque de aspectos considerados relevantes das leituras, constituindo-se em um ambiente propício à aprendizagem de significados de palavras desconhecidas e à partilha de múltiplas perspectivas de compreensão dos textos. Nesse contexto, os momentos da discussão da leitura evidenciam a importância tanto do ato de escutar quanto o ato de falar sobre o que foi lido.

No que diz respeito às Rodas de Leitura, observa-se que a análise apresentada reflete a perspectiva dos mediadores, uma vez que essa atividade é desenvolvida com o público infantil, o qual não foi contemplado pelo instrumento de coleta de dados utilizado. Os mediadores destacam, como aspecto positivo, a possibilidade de atuação enquanto facilitadores da leitura, assumindo o papel de quem lê, explica e estabelece relações entre a obra, contexto e o leitor, de modo a facilitar o entendimento das crianças. Dessa forma, a experiência de incentivar e conduzir a leitura junto ao público infantil também proporcionou aprendizagens relacionadas à gestão de um espaço de leitura compartilhada.

Em relação ao primeiro objetivo específico, que consistiu em evidenciar as vantagens do Clube do Livro do IFPI de Floriano para o desenvolvimento dos leitores, conclui-se, a partir dos questionários aplicados às seis participantes, que essa iniciativa se configura como uma experiência acolhedora e prazerosa. O Clube do Livro apresenta-se como um espaço de fruição da leitura, e não de obrigação, no qual as participantes podem se expressar de maneira autêntica em relação às leituras realizadas e à construção de sentidos. O ambiente possibilita o compartilhamento das experiências leitoras sem receio de interrupções ou julgamentos, assegurando a todas o direito de falar e o dever de ouvir as colegas.

Outro aspecto positivo refere-se à seleção das obras para leitura e discussão, especialmente no que concerne ao poder de decisão das participantes na escolha dos textos que desejam ler. Essa perspectiva é defendida por Maria (2016), ao afirmar que os títulos devem ser apresentados aos estudantes, cabendo a eles a escolha das obras, não havendo, portanto, razão para todos lerem o mesmo livro. Tal autonomia configura-se como um fator motivador tanto para a realização da leitura quanto para o engajamento nas atividades do Clube.

Destaca-se, ainda, como vantagem, o compartilhamento da leitura, evidenciado nos questionários por meio de termos pertencentes ao mesmo campo semântico, como “partilha”, “oratória”, “discussões”, “diálogos” e “interação”. Esses termos remetem às práticas coletivas desenvolvidas no grupo e à construção compartilhada dos sentidos atribuídos às leituras. Tal resultado reforça a compreensão do Clube do Livro como um espaço de mediação e de socialização da experiência leitora, no qual o ato de ler ultrapassa a dimensão individual e se consolida como prática social.

Por fim, o Clube do Livro do IFPI de Florianópolis desempenha uma função tripla ao contribuir para o aumento do interesse pela leitura: possibilita a fruição da leitura, favorece a manifestação do desejo de dialogar sobre as obras e estimula as participantes a convidarem pessoas próximas a vivenciarem as mesmas experiências durante a leitura. Esse papel experiencial, dialógico e expansivo reforça que o clube não atua apenas no nível individual, mas também no coletivo e comunitário.

No que se refere ao segundo objetivo específico desta pesquisa, que buscou evidenciar as desvantagens das práticas dos clubes de leitura no tocante à formação de leitores, os dados revelam, em ambos os contextos investigados, a baixa adesão às atividades como um aspecto recorrente. No âmbito do Clube do Livro do CLeFS, embora exista, na comunidade, um público em potencial que poderia participar, a ausência desse grupo é apontada como um fator desmotivante para os encontros e para a dinâmica das discussões. De modo semelhante, no Clube do Livro do IFPI de Florianópolis, a reduzida participação nos encontros também se destaca como uma limitação significativa. As participantes observaram que, embora muitas pessoas se inscrevam no Clube, poucas efetivamente comparecem, o que compromete a qualidade das trocas coletivas em torno das leituras.

Soma-se a esse aspecto o fato de os dias e horários das reuniões coincidirem com as aulas regulares, configurando um desafio adicional para a participação no Clube. Tal situação se agrava ao considerar que cinco das seis participantes são estudantes do Ensino Médio no mesmo turno em que ocorrem as atividades, o que dificulta a participação efetiva em todos os encontros.

Além disso, a quantidade limitada de encontros foi apontada como outro aspecto negativo. Na edição investigada, foram realizados apenas dois encontros gerais, com a participação de todas as integrantes, e dois encontros por grupo, destinados às discussões das leituras, número considerado insuficiente pelas participantes para o desenvolvimento de sua formação como leitora.

Embora os dados indiquem a baixa participação como uma das principais desvantagens dos clubes do livro analisados, tal aspecto não pode ser compreendido de forma exclusivamente negativa. Ao se estabelecer uma comparação com o contexto da sala de aula, observa-se que os sujeitos participantes desta pesquisa, vinculados ao Clube do Livro do CLeFS e ao Clube do Livro do IFPI de Floriano, estão inseridos cotidianamente em ambientes escolares ou universitários marcados por turmas numerosas, geralmente compostas por trinta a quarenta estudantes, o que, muitas vezes, limita a participação individual. Nesse sentido, a experiência de integrar um clube de leitura com cinco ou seis participantes pode, à primeira vista, causar estranhamento, mas revela-se, sob outra perspectiva, potencialmente vantajosa.

Em grupos reduzidos, todos os participantes dispõem de espaço e tempo para falar e ouvir, expressar seus posicionamentos, compartilhar reflexões e externalizar as sensações e os sentimentos suscitados pela leitura. Essa configuração favorece um ambiente mais íntimo e acolhedor, no qual os leitores se sentem à vontade para narrar suas vivências com o texto e se abrir à escuta do outro. Além disso, a possibilidade de ouvir atentamente as diferentes interpretações e experiências de leitura contribui para o confronto e a ressignificação de pontos de vista, promovendo um processo de leitura mais aprofundado, dialógico e enriquecedor. Tal perspectiva é corroborada por Sousa (2018), ao apontar que um número excessivo de leitores em clubes de leitura realizados em sala de aula pode configurar-se como um aspecto negativo, na medida em que favorece a dispersão, a indisciplina, o burburinho e a desatenção, comprometendo a qualidade das interações leitoras.

Considerando o objetivo de comparar as atividades e metodologias utilizadas, bem como analisar como cada clube adapta suas práticas ao contexto social em que está inserido, observa-se que o Clube do Livro e as Rodas de Leitura do CLeFS e o Clube do Livro do IFPI de Floriano se estruturam a partir de realidades institucionais e sociais bastante distintas, o que impacta diretamente suas formas de organização e funcionamento.

No CLeFS, as práticas de leitura são desenvolvidas no âmbito de uma biblioteca comunitária situada em um povoado rural, criada a partir da determinação de um professor universitário e de uma pedagoga. Trata-se de um espaço físico reduzido, mas grandioso pela determinação daqueles que sustentam suas atividades cotidianas. Seu acervo literário, também limitado e constituído majoritariamente por doações, ainda assim possibilita, mesmo sem apoio do poder público, a inserção de crianças, adolescentes, jovens e adultos no universo da leitura e da cultura, preservando sua autonomia e evitando a politização do

projeto. Nesse contexto, a principal força do CLeFS reside na crença de que a leitura possibilita a ampliação de horizontes e a democratização simbólica do acesso aos bens culturais.

Em contrapartida, o Clube do Livro do IFPI de Floriano funciona em uma biblioteca escolar institucionalizada, mantida por uma instituição pública federal, sob a mediação de bibliotecárias e professores com formação em nível de mestrado e doutorado. O Clube tem ao seu alcance um acervo literário organizado, diversificado e informatizado, além de um ambiente confortável e acolhedor, condições que favorecem o desenvolvimento das atividades de leitura. Ainda assim, mesmo inserido em uma estrutura consolidada, o Clube enfrenta desafios relacionados ao engajamento e à permanência dos jovens, evidenciando que a formação de leitores não depende exclusivamente das condições materiais ou da titulação dos mediadores.

Apesar das diferenças estruturais e contextuais, ambos os clubes compartilham elementos metodológicos comuns, como a centralidade do livro, literário ou não, a presença de mediadores e leitores e a realização de encontros presenciais. Conforme destaca Sousa (2018, p. 683), “o contato físico e regular é o que mais facilita laços de amizade duradouros, sendo o escolhido entre aqueles que preferem um maior vínculo emocional entre os integrantes”. Essa presença física favorece a partilha de percepções, a escuta dos participantes e a ressignificação das experiências de leitura. No entanto, enquanto o CLeFS mantém um público relativamente constante e encontros regulares voltados ao desenvolvimento leitor de crianças, adolescentes e jovens da comunidade do Sítio Barreiros, o Clube do Livro do IFPI de Floriano caracteriza-se pela renovação do público a cada edição, composto por participantes internos e externos à instituição, aspecto que pode influenciar diretamente a dinâmica das mediações e as estratégias de leitura adotadas.

No que diz respeito às limitações desta pesquisa, no âmbito do Clube do Livro do IFPI de Floriano, destaca-se a impossibilidade de acompanhamento integral de todos os encontros do projeto, considerando que cada edição teve a duração máxima de quatro meses. Tal limitação restringiu uma análise mais aprofundada do processo de participação ao longo de toda a execução do projeto, especialmente no que concerne à evasão dos participantes, aspecto recorrente apontado pelas próprias clubistas, ao afirmarem que “muitos se inscrevem e poucos comparecem”. Desse modo, sugere-se que pesquisas futuras acompanhem todas as etapas do projeto, de modo a investigar, de forma mais sistemática, as razões que levam à diminuição da participação ao longo da execução.

Em relação ao Clube de Leitura Fronteira do Saber (CLeFS), a principal limitação refere-se à ausência de uma observação das atividades do Clube do Livro e das Rodas de Leitura. A realização de observações, participantes ou não, poderia possibilitar uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas desenvolvidas, permitindo, em pesquisas futuras, uma outra perspectiva: o olhar do pesquisador sobre os acontecimentos, as interações e as práticas de mediação leitora realizadas nesses espaços.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Flávia Ferreira. **Mediação e leitura na biblioteca escolar: estudos de casos múltiplos**. 2019. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: [file:///C:/Users/usuario/Downloads/Digital%20disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20flavia%20ferreira%20abreu%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/usuario/Downloads/Digital%20disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20flavia%20ferreira%20abreu%20(1).pdf). Acesso em: 14 set. 2025.
- ALBERTO, Armanda Álvaro. Pela criação de bibliotecas infantis. O Estado, Niterói, 06 de abr. 1932. s.p. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Armanda Álvaro Alberto**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2010. p. 132-134. (Coleção Educadores). Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co). Acesso em: 26 nov. 2024.
- APREÇO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. [S.l.]: [s.n.], 2025. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/apreco/>. Acesso em: 29 set. 2025.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BOMFIM, Flavio José do. **Clube de leitura: do giro da roda à formação do leitor: ações propositivas de uma escola pública**. 2019. 178 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Católica de Petrópolis. Petrópolis, RJ, 2019. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=7653678](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7653678). Acesso em: 24 out. 2024.
- BORGES, Gislane Pedroso. **Letramento literário: o clube de leitura na formação do leitor juvenil**. 2024. 155 f. (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho. Araraquara, SP, 2024. Disponível em: [https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=16086895](https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=16086895). Acesso em: 31 maio de 2025.
- BRASIL. Ministério da Cultura. **Política Nacional PNAB Aldir Blanco**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/politica-nacional-aldir-blanc/politica-nacional-aldir-blanc/arquivos/materiais-de-orientacao/guias-manuais-e-cartilhas/cartilha-bibliotecas-livro-leitura-e-literatura-na-pnab.pdf>. Acesso em: 22 out. 2025.
- BRITO, Regina Garcia. **Clubes de leitura, Literatura e Biblioteca: perspectivas da mediação cultural na era da informação**. 2022. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. doi:10.11606/D.27.2022.tde-09112022-151307. Acesso em: 25 set. 2025.
- CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: Antônio Candido. **Vários Escritos**. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.
- CECCANTINI, João Luís. Leitores iniciantes e comportamento perene de leitura. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; ROSING, Tania M. K. (org.).

**Mediação de leitura:** discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009. p. 207-231.

COLOMER, Teresa. **Andar entre os livros:** a leitura literária na escola. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

CORRÊA, Hércules Tôleo. Roda de leitura. *In:* FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro. (org.). **Glossário Ceale:** termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2014. Disponível em: <https://ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/roda-de-leitura>. Acesso em: 06 dez. 2025.

COSSON, Rildo. Círculo de leitura. *In:* FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro. (org.). **Glossário Ceale:** termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2014. Disponível em: <https://ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/home?busca=CLUBE+DE+LEITURA>. Acesso em: 06 dez. 2025.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2020.

COSSON, Rildo. **Como criar círculos de leitura na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2021c.

COSSON, Rildo. Ensino de literatura sempre: três desafios hoje. *IN:* PEREIRA PINTO, Francisco Neto; SILVA, Luiza Helena Oliveira da; MELO, Márcio Araújo de; AIRES, Diógenes Buenos (orgs.). **Ensino da literatura no contexto contemporâneo.** Campinas: Mercado de Letras, 2021a. p. 35-52.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021b.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.** 11 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FADANELLI, Sabrina Bonqueves; DALL'AGNOL, Samira. Círculos de leitura em ambientes não formais de educação: estudos e reflexões. **Revista Claraboia**, Paraná, n. 16, p. 24-39, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/view/249/pdf>. Acesso em: 11 out. 2025.

FAGUET, Émile. **A arte de ler.** Tradução Roseli Almeida Barbosa. Campinas, SP: Kíron, 2021.

FARIAS, Fabíola Ribeiro; FERNANDES, Cleide Aparecida. **Leitura literária e mediação na biblioteca pública:** exercício de identidade e alargamento de fronteiras. *In:* PRADO, Jorge Moisés Kroll do (org.). **Mediação da leitura literária em bibliotecas.** 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2019. p. 67-78.

FARIAS, Lais Dias de. **Mediação de leitura literária como conceito e prática para formação de leitores de literatura**. 2022. 142 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada) - Universidade Federal da Integração Latino Americana, Foz Iguaçu, 2022. Disponível em: [https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=12959390](https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=12959390). Acesso em: 13 ago. 2025.

FERNANDES, Daniela Rodrigues de Sousa. **Clube de Leitura: uma proposta para a formação de leitores através de contos clássicos da literatura brasileira**. 2024. 70 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, MG, 2024. Disponível em: [https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=15981610](https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=15981610). Acesso em: 02 jun. 2025.

FERNANDEZ, C.; MACHADO, E.; ROSA, E. *O Brasil que lê: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores*. Olinda: CCLF: Brasil: RNBC, 2018.

FREITAS, Maria Teresa Assunção. No discurso de adolescentes, as práticas de leitura e escrita na escola. *IN: YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (orgs). A experiência da leitura*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

GARCIA, Pedro Benjamim. *Círculo de leitura: identidade e formação do leitor em processo de alfabetização*. *IN: YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (org.)*. **A Experiência da Leitura**. São Paulo: Loyola, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOMES JÚNIOR, José de Souza. **Projeto de Extensão: Clube do Livro**. IFPI de Florianópolis: 2018. Disponível em: [josejunior@ifpi.edu.br](mailto:josejunior@ifpi.edu.br). Acesso em: 03 out. 2025.

GOMES JÚNIOR, José de Souza; SANTOS, Renato de Sousa. O clube do livro no desenvolvimento da literacia: uma experiência. *In: MELO, Ana Valéria de Carvalho; ARAUJO, Hilda Mara Lopes; GUEDES, Neide Cavalcante (org.)*. **Educação, política e diversidade**. Terezina: EDUFPI, 2020. p. 101-107.

IBGE. **Cidades e estados do Brasil**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/nova-olinda/panorama>. Acesso em: 14 abr. 2025.

IFPI. Conselho Superior. **Resolução Normativa n. 28/2022, de 7 de abril de 2022**. Atualiza o regulamento sobre as normas que regem e orientam as rotinas dos serviços prestados pelas bibliotecas do IFPI, e dá outras providências. Disponível em: <https://www.ifpi.edu.br/area-do-estudante/bibliotecas/RESOLUONORMATIVAN1282022AtualizacaoRegulamentosobreasnormasqueregemeorientamasrotinasdosserviosprestadospelasbibliotenasdoIFPI.pdf>. Acesso em: 24 set. 2025.

IFPI. **Guia de Cursos**. Piauí: IFPI, 2025. Disponível em: <https://www.ifpi.edu.br/florianopolis/o-campus/cursos>. Acesso em: 23 set. 2025.

KLEIMAN, Ângela. **Aspectos cognitivos da leitura**. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

LAZOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2019.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura**: uma perspectiva da psicolinguística. Ensaios. Porto Alegre, RS: Sagra: DC Luzzatto, 1996. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/textecc/traducao/teorias/files/aspectos\\_leitura.pdf](https://www.ufrgs.br/textecc/traducao/teorias/files/aspectos_leitura.pdf). Acesso em: 01 out. 2025.

LEFFA, Vilson J. Perspectivas no estudo da leitura: texto, leitor e interação social. *In*: LEFFA, Vilson J. ; PEREIRA, Aracy, E. (org.) **O ensino da leitura e produção textual**: alternativas de renovação. Pelotas: Educat, 1999. p. 13-37. Disponível em: <https://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/perspec.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025.

LIMA, Francisca Valdênia Martins Belizário. [**Correspondência**]. Destinatária: Aldeide Costa dos Santos Sousa. [S. l.], 2024. E-mail.

LIMA, Rita de Cássia Brêda M. Clube de leitura Desiguais: a experiência de uma comunidade de leitores. **Linha Mestra**, v. 13, n. 37, p. 96-98, jan./abr. 2019. DOI: 10.34112/1980-9026a2019n37p96-98. Disponível em: <https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/210/231>. Acesso em: 11 nov. 2025.

MARACAHIBE, Ana Lúcia da Conceição Ramos. **Clube de leitura e formação de leitores literários**: entre mediações e interações na educação escolar. 2019. 141 f. (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2019. Disponível em: [https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=7924959](https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7924959). Acesso em: 31 maio 2025.

MARGALLO, Ana María. O Fomento à leitura literária na escola. *IN*: PEREIRA PINTO, Francisco Neto; SILVA, Luiza Helena Oliveira da; MELO, Márcio Araújo de; AIRES, Diógenes Buenos (orgs.). **Ensino da literatura no contexto contemporâneo**. Campinas: Mercado de Letras, 2021. p. 53 - 74.

MARIA, Luzia de. **Clube do livro**: ser leitor, que diferença faz? São Paulo: Contexto, 2016.

MENDONÇA, Rafaela Soares. **Jovens do Ensino Médio Integrado como leitores e pronunciadores do mundo**: a biblioteca como espaço de produção de narrativas de leituras. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. Goiás, 2019. Disponível em: [https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=8590470](https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8590470). Acesso em: 03 out. 2025.

MONTEIRO, Ciro. Clube de leitura na prisão: a prática transformadora do ato de mediar. *In*: PRADO, Jorge Moisés Kroll do (org.). **Mediação da leitura literária em bibliotecas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2019. p. 161-179.

PETIT, Michèle. **A arte de ler: ou como resistir à adversidade**. Tradução Arthur Bueno e Camila Boldrini. 2. ed. São Paulo: 34, 2010.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Tradução Celma Olga de Souza. 2. ed. São Paulo: 34, 2009.

PROLIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil 2024**. [S. l.]: PROLIVRO, 2024. Disponível em: [https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_2024\\_13-11\\_SITE.pdf](https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf). Acesso em: 25 abr. 2025.

REYES, Yolanda. **Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação**. Tradução Rodrigo Petronio. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

RIBEIRO, Ruanne Fabricia Torres. **O Clube de leitura e a formação de leitores literários: um estudo sobre as práticas do Grupo de Pesquisa GELAFOL-UFFPA**. 2022. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Pará, Belém, PA, 2022. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=12256960](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=12256960). Acesso em: 01 dez. 2024.

ROSA, Nathália Zaneratto; FUJINO, Asa. Bibliotecas comunitárias: espaços de informação e cultura em territórios de vulnerabilidade. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 17, p. 1–25, 2021. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1579>. Acesso em: 11 ago. 2025.

SÃO LUÍS (Maranhão). Antônio Cordeiro Feitosa. *Edital V Prêmio Motivacional*. Com o propósito de motivar os estudantes residentes no sítio Barreiros, município de Nova Olinda-CE, [...] instituo os prêmios [...]. São Luís, MA, 02 jan. 2025.

SCHMITZ-BOCCIA, Andréa. Clubes de leitura: a construção de sentidos em situações de leitura colaborativa. **Veras: revista acadêmica de Educação do ISE Vera Cruz**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 97-113, 2012. Disponível em: <https://site.veracruz.edu.br/instituto/revistaveras/index.php/veras/article/view/148/162>. Acesso em: 07 out. 2025.

SILVA, Elza Sueli Lima da. **Círculo de leitura no ensino médio: uma análise a partir da estética da recepção**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=7687607](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7687607). Acesso em: 05 maio 2023.

SOBOTA, Guilherme. **Feira de Frankfurt 2023: Manifesto defende a importância da leitura em alto nível**. PublishNews. 18/10/2023. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2023/10/18/feira-de-frankfurt-2023-manifesto-defende-a-importancia-da-leitura-em-alto-nivel>. Acesso em: 28 fev. 2025.

SOUZA, Willian Eduardo Righini de. Clubes de leitura: entre sociabilidade e crítica literária. **Informação & Informação**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 673–695, 2018. DOI: 10.5433/1981-8920.2018v23n3p673. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/29187>. Acesso em: 11 ago. 2025.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. 14. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2023.

VASCONCELLOS, Mariana Fernandes. **A formação de leitores literários nos anos finais do ensino fundamental através de clube de leitura realizado em turno extraclasse**. 2021. 213 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Línguas Instituição de Ensino) - Fundação Universidade Federal do Pampa, Bagé, RS. 2021. Disponível em:

[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=11522771](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11522771). Acesso em: 02 dez. 2024.

VIRGINIO, Andreina Alves de Sousa. **Biblioteca, oralidade e conhecimento: uma contribuição aos estudos de mediação e apropriação cultural**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-25072018-153201/pt-br.php>. Acesso em: 25 set. 2025.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

YUNES, Eliana. **Leitura/Literatura/Cultura**. Rio de Janeiro: Puc-Rio, [2010?]. Disponível em: [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/14256/14256\\_3.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/14256/14256_3.PDF). Acesso em: 06 out. 2025.

YUNES, Eliana. Leituras com partilhadas, leitores múltiplos. **Percursos Linguísticos**, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 130–141, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/6239>. Acesso em: 28 set. 2025.

## ANEXO A

### QUESTIONÁRIO CLeFS E CLUBE DO LIVRO DO IFPI FLORIANO

*Essas perguntas serão direcionadas aos participantes e/ou clubistas de modo a identificar o perfil dos participantes do Clube do livro e os materiais que leem.*

1. Qual seu e-mail?

2. Qual a sua faixa etária?

( ) 10-14 anos ( ) 15-18 anos ( ) Acima de 18 anos

3. Qual o seu grau de escolaridade?

( ) Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano)

( ) Ensino Médio

( ) Ensino Superior Incompleto

( ) Ensino Superior Completo

( ) Pós-graduação

4. Quantas edições do Clube do livro você já participou? Marque a (as) edição (ões) correspondente (s).

1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª

5. O que você costuma fazer nas horas vagas?

( ) Eu leio

( ) Assisto TV

( ) Ouço músicas

( ) Navego nas redes sociais

( ) Outra. Qual? \_\_\_\_\_

6. Você se considera um(a) leitor (a)?

( ) Sim ( ) Não ( ) Mais ou menos

Justifique: \_\_\_\_\_

7. Se você se considera um(a) leitor(a), qual é o seu gênero literário preferido?

( ) Conto ( ) Romance ( ) Poesia ( ) Crônicas ( ) Biografia ( ) Cordel

( ) Literatura Infanto-juvenil ( ) Ficção Científica

( ) Outros: \_\_\_\_\_

8. Do que você mais gosta ao participar do Clube do livro?

9. Você conseguiria listar algumas obras e/ou textos lidos no Clube do livro?

10. Nas leituras realizadas no Clube do livro, qual a obra ou autor (a) foi mais marcante?

11. O Clube do livro, de alguma forma, influenciou a escolha de suas leituras pessoais ?

Sim     Não     Em parte

Justifique: \_\_\_\_\_

***Esses questionamentos serão direcionados aos participantes e/ou clubistas de modo a apontar suas percepções quanto às vantagens das práticas no Clube do livro.***

1. Quais práticas do Clube do livro você considera mais eficazes para o seu desenvolvimento como leitor(a)?

2. De que forma o Clube do livro tem contribuído para aumentar seu interesse por leitura literária (Literatura) e/ou leitura em geral?

3. Qual foi a principal vantagem que você encontrou ao participar das atividades do Clube do livro? **Se quiser, pode apontar mais de uma opção.**

Desenvolvimento do hábito de leitura

Desenvolvimento do gosto/prazer de ler

Ampliação do repertório literário

Formação/melhoramento do senso crítico

Melhora na compreensão e interpretação de textos

Sentimento de pertencimento ao grupo ou comunidade leitora

Troca de experiências e vivências relacionadas à leitura e à vida

Promoção da diversidade de perspectivas leitoras

Outra. Qual? \_\_\_\_\_

***Esses questionamentos serão direcionados aos participantes e/ou clubistas de modo a apontar suas percepções quanto às desvantagens das práticas no Clube do livro.***

4. Qual a principal desvantagem que você encontrou nas práticas desenvolvidas ao participar do Clube de leitura?

5. Você encontrou algum desafio ou dificuldade nas práticas de leitura do Clube do livro?

**Se quiser, pode apontar mais de uma opção.**

Falta de tempo para participar

Desinteresse por determinados gêneros ou obras

Dificuldade em acompanhar o ritmo do clube

Limitações nos recursos ou materiais disponíveis

Possível exclusão ou intimidação de leitores menos experientes

Outro. Qual: \_\_\_\_\_

6. Quais aspectos você acredita que poderiam ser melhorados nas práticas de leitura desenvolvidas pelo Clube do livro?

7. Você acredita que as práticas do Clube do livro influenciam a formação de novos leitores?

Sim     Não     Em parte.

Justifique sua resposta: \_\_\_\_\_

8. A segunda parte desta pesquisa é uma entrevista pelo *google meet*, com duração entre 8 e 12 minutos. Você gostaria de participar da segunda parte desta pesquisa? Deixe um contato, que eu entrarei em contato no momento oportuno.

\_\_\_\_\_